



**Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas
Educativas (PROGEPE)**

ALEXANDRA FRANSOZE DE OLIVEIRA

MARCO LUCCHESI: EDUCAÇÃO E O DIÁLOGO EPISTOLAR

**São Paulo
2023**

ALEXANDRA FRANSOZE DE OLIVEIRA

MARCO LUCCHESI: EDUCAÇÃO E O DIÁLOGO EPISTOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE), para obtenção do título de Mestre em Gestão e Práticas Educacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista.

**São Paulo
2023**

Oliveira, Alexandra Franzoze de.

Marco Lucchesi: educação e o diálogo epistolar. / Alexandra Franzoze de Oliveira. 2023.

119 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2023.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

1. Marco Lucchesi. 2. Literatura. 3. Cartas. 4. Diálogo. 5. Prática docente. 6. Interdisciplinaridade.

I. Baptista, Ana Maria Haddad.

II. Título.

CDU 372

ALEXANDRA FRANSOZE DE OLIVEIRA

MARCO LUCCHESI: EDUCAÇÃO E O DIÁLOGO EPISTOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE), para obtenção do título de Mestre em Gestão e Práticas Educacionais, pela Banca Examinadora, formada por:

São Paulo, ____ de _____ de 2023

Presidente: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE/SP)
Orientadora

Membro: Profa. Dra. Diana Navas (PUC/SP)

Membro: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE/SP)

Membro Suplente: Profa. Dra. Elizabete Alfeld (PUC/SP)

Membro Suplente: Prof. Dr. Maurício Silva (UNINOVE/SP)

São Paulo
2023

Aos meus pais, que na simplicidade de suas vidas
me ensinaram a relevância do saber.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sempre ao meu lado, guiando meus passos com desvelo e maestria.

Aos meus pais e querida irmã, pelas palavras de amparo e incentivo. Quando mais precisei, vocês sempre me acolheram e estiveram presentes neste caminhar.

Ao meu esposo Edson e minha filha Mariana, pela paciência, escuta, ausências e, por diversas vezes, pelo afeto, cuidado e alicerce, seja através de uma simples xícara de café, na partilha de livros e no diálogo amigo, ambos foram importantes nesta itinerância.

À minha estimada professora doutora Ana Maria Haddad Baptista, pela convivência, disponibilidade e por acreditar em mim, aceitando-me como orientanda e na condução desta pesquisa, com confiança e empenho. Ana, como sempre disse, você me trouxe luz em tempos desafiadores. Sou muitíssima grata pelas metamorfoses!

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE), pela oportunidade de vivenciar o mestrado, em um momento histórico e desafiador, no qual tivemos que nos reinventar (pandemia causada pelo coronavírus – Covid-19). Comparecemos, de forma virtual, através das telas e recursos disponíveis. A esta Universidade, professores e corpo administrativo, agradeço a receptividade e parceria, sempre possibilitando experiências significativas e prestando todo o apoio necessário.

Às professoras doutoras Diana Navas e Márcia do Carmo Felismino Fusaro, que se disponibilizaram a compor a banca de qualificação, pelas preciosas contribuições que assessoraram minhas escritas e o encanto que acercou nesta pesquisa: a paixão por cartas.

Ao poeta e acadêmico poeta Marco Lucchesi, inspiração relevante, saberes na composição de parágrafos, diálogos e trajetória deste estudo.

Aos muitos amigos e amigas que me apoiaram neste percurso, foram muitos... Seria indelicadeza eu esquecer de mencionar o nome de alguém, portanto, agradeço imensamente a este coletivo pela generosidade, partilha, auxílio, por compreender meu distanciamento. Entre tantos desafios, vocês estiveram comigo. Posso dizer que constituímos laços e que vocês são únicos e especiais.

Enfim, convido vocês a este diálogo epistolar: de saberes, de esperança e transformações.

RESUMO

OLIVEIRA, Alexandra Fransoze de. **Marco Lucchesi**: educação e o diálogo epistolar. 2023. 112 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2023.

Esta pesquisa reflete, por meio da leitura de epístolas, as possibilidades de interdisciplinaridade e poesia por meio da literatura, analisando em particular as obras de Marco Lucchesi, discutindo a temática a partir de estudos teóricos que dialogam sobre a importância da literatura, as cartas como instrumento de pesquisa e o exercício docente. Inspirados pelo diálogo de Marco Lucchesi, buscou-se analisar os saberes em relação à leitura literária, tendo as obras de Lucchesi como recurso conceitual para este fim, buscando evidenciar o caráter interdisciplinar deste trabalho em questão. Os desdobramentos de tais epístolas apontam que a carta caminha para além de um gênero textual; é uma forma de comunicação que convida ao diálogo e à reflexão, um elo entre remetente e destinatário, que abarca vozes, sentimentos e humanidade. Observa-se, durante o itinerário da pesquisa, que igualmente, nas cartas, persevera uma lacuna de leitura literária na prática docente. Para o desenvolvimento de tais reflexões, pretende-se investigar em que medida se torna possível o diálogo entre textos poéticos e a interdisciplinaridade, através da escrita de cartas com grupo de educadores em diferentes níveis de atuação.

Palavras-chave: Marco Lucchesi; literatura; cartas; diálogo; prática docente; interdisciplinaridade.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Alexandra Fransoze de; **Marco Lucchesi**: education and the epistolary dialogue. 2023. 112 f. Dissertation (Professional Master's Degree in Management and Educational Practices). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2023.

This research reflects, through the reading of epistles, the possibilities of interdisciplinarity and poetry through literature, analyzing in particular the works of Marco Lucchesi, discussing the theme from theoretical studies that dialogue about the importance of literature, letters as an instrument of research and teaching practice. Inspired by Marco Lucchesi's dialogue, we seek to analyze knowledge in relation to literary reading, using Lucchesi's works as a conceptual resource for this purpose, seeking to highlight the interdisciplinary character of this work in question. The unfolding of such epistles point out that the letter goes beyond a textual genre; it is a form of communication that invites dialogue and reflection, a link between sender and recipient that embraces voices, feelings and humanity. It is observed during the research itinerary that equally in the letters perseveres a literary reading gap in teaching practice. For the development of such reflections, it is intended to investigate to what extent the dialogue between poetic texts and interdisciplinarity becomes possible through the writing of letters with a group of educators at different levels of activity.

Keywords: Marco Lucchesi; literature; cards; dialogue; teaching practice; interdisciplinarity.

RESUMEN

OLIVEIRA, Alexandra Fransoze de; **Marco Lucchesi**: la educación y el diálogo epistolar. 2023. 112 f. Disertación (Maestría Profesional en Gestión y Prácticas Educativas). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2023.

Esta investigación refleja, a través de la lectura de epístolas, las posibilidades de la interdisciplinariedad y la poesía a través de la literatura, analizando en particular las obras de Marco Lucchesi, discutiendo el tema a partir de estudios teóricos que dialogan sobre la importancia de la literatura, las letras como instrumento de investigación y enseñanza. práctica. Inspirándonos en el diálogo de Marco Lucchesi, buscamos analizar el saber en relación a la lectura literaria, utilizando para ello las obras de Lucchesi como recurso conceptual, buscando resaltar el carácter interdisciplinario de esta obra en cuestión. El desarrollo de tales epístolas señala que la carta va más allá de un género textual; es una forma de comunicación que invita al diálogo ya la reflexión, un vínculo entre emisor y receptor que abraza voces, sentimientos y humanidad. Se observa durante el itinerario de investigación que igualmente en las letras persevera un vacío de lectura literaria en la práctica docente. Para el desarrollo de tales reflexiones, se pretende investigar en qué medida el diálogo entre los textos poéticos y la interdisciplinariedad se hace posible a través de la escritura de cartas con un grupo de educadores en diferentes niveles de actividad.

Palabras clave: Marco Lucchesi; literatura; tarjetas; diálogo; práctica docente; interdisciplinariedad.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DAS CARTAS.....	19
1.1 DOS PRIMEIROS ESCRITOS À ESCRITA DAS PRIMEIRAS CARTAS:	
ASPECTOS HISTÓRICOS.....	20
1.2 DESAFIOS DE UMA SOCIEDADE TECNOLÓGICA: HAN E BAUMAN	25
CAPÍTULO 2 – GÊNERO EPISTOLAR E PRISMA LUCCHESIANO.....	31
2.1 O QUE É UMA CARTA?	32
2.2 CARTAS ILUSTRES	37
2.3 MARCO LUCCHESI: INTERLOCUÇÕES COM O DIÁLOGO EPISTOLAR.....	44
CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA EPISTOLAR: EXERCÍCIO DOCENTE.....	59
3.1 ADEUS, PIRANDELLO: CARTAS, DESAFIOS E DESLOCAMENTOS	60
3.2 DIÁRIO DE BORDO: ENCONTROS NA AGÊNCIA DOS CORREIOS	69
3.3 DIÁLOGOS E PERCEPÇÕES	72
3.4 CARTA A LUCCHESI: INQUIETUDES DE UMA JOVEM APRENDIZ	
LUCCHESIANA.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXO A – Termo de Consentimento	93
ANEXO B – Cartas da obra <i>Adeus, Pirandello</i>.....	94
ANEXO C – Cartas de amigos e amigas de percurso	106
ANEXO D – Convites e imagens do trabalho com cartas	117

APRESENTAÇÃO

[...] as letras não existem: o que realmente existe não é senão a tinta, única realidade que se automodifica. As letras não passam de um fenômeno, sinais da superfície, simples variação da tinta. [...] Desprovidos de singularidade, flutuávamos na tinta primordial. Hoje somos letra. Amanhã voltaremos à origem. De modo que poderemos dizer

Sou-te

És-me

E o negro da tinta. E o branco da página.

(LUCCHESI, 2000, p. 62).

Memórias: inquietações e formar-se professora

Relatar minha trajetória escolar e profissional foi um convite à memória em tempos incertos sobre o futuro e em um fugaz presente sobre minha escolha profissional.

Minha formação básica se iniciou em escola pública no município de Santo André. Não frequentei a pré-escola e confesso que admirava meus amigos de vizinhança, todos uniformizados, com suas “bolsinhas”, e alguns com suas lancheiras, que colocavam na lateral do corpo para irem à “escolinha”, como se dizia, quando nos encontrávamos para brincar nas ruas do meu bairro.

Na época, ganhei uma irmãzinha, e minha mãe não tinha condições de me encaminhar a essa instituição; era necessário utilizar transporte para o local, pois não havia unidade de pré-escola próximo à minha residência. Assim, restou-me o olhar pela janela, enquanto todos passavam sorridentes, e até felizes, em frente à minha casa, bem como a curiosidade de saber o que acontecia nessa “escolinha”.

Recordo, nas brincadeiras de rua ou em casa de colegas, que ser professora e organizar uma sala de aula sempre estiveram presentes no meu brincar: segurar um caderno, usar óculos, usar giz de lousa colorido e carregar uma régua eram condições necessárias para ter esse ofício. Confesso que sempre apreciei as conversas entre os amigos e suas entrelinhas, o que traziam para esse espaço, suas curiosidades, comportamentos, alegrias – e até mesmo tristezas – nas ocasiões em que brincávamos – ou dramatizávamos – de professor.

O tempo passou, a vida seguiu com surpresas, encontros e desencontros, responsabilidades e decisões, sonhos às vezes difíceis de serem realizados. No

entanto, sempre tive a certeza de que temos de caminhar e olhar para o futuro (in)certo.

Ingressei no Ensino Médio Técnico, no curso de Nutrição e Dietética, na ETE Júlio de Mesquita – à época, um curso muito disputado e reconhecido no município de Santo André. Confesso que não sabia muito bem o que faria nesse curso, mas era o que minha família poderia oferecer naquele momento; posteriormente, a faculdade não seria uma opção que minha família pudesse custear. Estagiei e trabalhei na área por três anos. Minhas atribuições incluíam a elaboração de cardápios nutricionalmente equilibrados entre proteínas, carboidratos e lipídeos, o acompanhamento da safra e a aquisição de alimentos, o cuidado com valores nutricionais e, primordialmente, o zelo pela equipe, de pessoas simples e com grandes responsabilidades nesse processo. Confesso que aprendi nessa área de atuação, fui persistente e valente, mas o prazer não existia. Faltava-me algo...

Resgatei, então, aquela inquietude sempre presente nas minhas trilhas: o que meus amigos de infância faziam naquela “escolinha”? Para findar esse momento, comecei a levar a minha irmã a essa “escolinha”, que havia sido inaugurada no meu bairro, instituição pública dedicada exclusivamente ao atendimento das crianças da Pré-Escola e denominada Centro Educacional, Assistencial e Recreativo (CEAR) cidade São Jorge. Lá observei várias crianças com seus uniformes, com o sorriso no rosto, olhares de encantamento ao chegar àquele espaço que era acolhedor, afetivo e compromissado com a vida, com a transformação dos indivíduos. Naquele momento, percebi que a decisão mais acertada era a busca do magistério.

Ao concluir o Ensino Técnico, ingressei no curso de Pedagogia, em 1990: um grande desafio para quem veio de uma área totalmente diferente. O desejo de sapiência, de ensinar, de descobrir-se com o outro; um lugar de diálogo e escuta, de transformação e de construção por meio do conhecimento. A educação, nesse sentido, foi minha paixão, minha escolha e minha esperança em tempos de metamorfoses.

De monitora de creche à gestão de unidade escolar

Acessei o funcionalismo público na rede municipal de Santo André em 1992, mediante concurso público realizado em 1990, como monitora de creche. A partir de 2003, fomos reconhecidos como professores de educação infantil e ensino

fundamental, e incorporados ao quadro do magistério. O antigo cargo entrou em vacância, e nos tornamos de fato professores: muitas histórias e memórias desse tempo... O meu ofício teve continuidade na própria creche, mesmo com a mudança de cargo, pois sempre me identifiquei com o trabalho com crianças menores e com a coletividade de adultos.

A partir de 2001, comecei a exercer a função gratificada de assistente pedagógico em uma creche na rede municipal de Santo André: foram idas e vindas, ou seja, da sala de aula para a função e vice-versa. Em 2013, tive a oportunidade de assumir a função gratificada de coordenadora de serviços educacionais, cuja atribuição era coordenar/supervisionar algumas escolas, visando acompanhar a gestão administrativa e pedagógica, assessorar o trabalho das equipes gestoras e me corresponsabilizar pelas formações das equipes, bem como pela implementação das diretrizes e políticas da Secretaria de Educação.

Enfim, foram vários desafios, muitos aprendizados e um grande crescimento profissional. Durante esse período, era necessário registrar as informações sobre questões pedagógicas, as impressões e os encaminhamentos. Tratava-se não só de uma forma de comunicação com o departamento de Educação e com os gestores, mas também de refletir sobre esses registros, utilizando-os como uma maneira de diálogo, com vistas à proposição e elaboração de uma prática pedagógica que transformasse o cotidiano da escola.

Em 2017, retornei para a sala de aula, sempre uma grande alegria contribuir, na prática, para o aprendizado dos alunos. Foi um ano muito significativo, com conhecimentos vivenciados, em que me vali de registros que trazia em memórias, anotações e escritos feitos em tempos nos quais estive fora de sala. Meu olhar e percepção mudaram: eu não era a mesma profissional de antes; a experiência acresce conhecimentos, problematizações e sentidos.

No ano de 2018, voltei a exercer a função gratificada de assistente pedagógica na creche, em outro bairro do município de Santo André, onde exerço minhas funções até o presente momento.

Sempre aprendiz

Um fato que sempre me chamou a atenção nesse percurso foi o registro feito pelos educadores. Diante disso, passei a refletir como poderia contribuir para um

diálogo por meio de suas escritas, a fim de revelar elementos para a reflexão acerca de suas práticas e de uma comunicação por meio da qual pudéssemos resgatar as memórias, a afetividade, a interdisciplinaridade e a humanidade do trabalho docente. Pensando nisso, adotei uma estratégia que, desde então, tem nos aproximado: incentivar a escrita de cartas. Por meio delas, foi possível observar a conexão das recordações, dos sentimentos, das alegrias, das inquietudes e das esperanças. Estabelecemos, assim, um diálogo, uma troca, uma efetiva parceria, uma aproximação, uma vez que as cartas revelam possibilidades de narrativas, um caminho, um percurso.

Vale ressaltar que elas sempre me fascinaram; desde a escolha do destinatário, do papel, o envelope, até a entrega em uma agência dos correios; e o principal: a expectativa do retorno... Lembro-me de que, quando adolescente, sempre após o almoço, nas tardes ensolaradas, sentada à varanda da casa de meus pais, apreciava a leitura em quadrinhos e contava essas histórias para minha irmã, ainda pequena. Na ocasião, algo me chamou a atenção: nos gibis, havia um pequeno espaço chamado “cartas”, “correios” ou “contatos”.

Um dia, resolvi escrever para três adolescentes do sexo masculino – como tinha poucos amigos desse gênero, resolvi ousar... – cujos endereços constavam desses almanaques. Recordo que esses jovens eram do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e do Mato Grosso do Sul. As minhas escritas iniciaram com este objetivo: conectar-me com alguém que não conhecia, mas de quem ansiava ouvir as histórias, compreender seu olhar sobre o mundo e, quiçá, conhecer pessoalmente um dia. Posso dizer que mantive contato com um amigo que me acompanhou por alguns anos, em boa parte de meu caminhar: gaúcho, médico, casado e militar.

Experienciar momentos diferenciados, como monitora de creche, professora, assistente pedagógica e coordenadora de serviço, fez-me repensar minha prática docente diante dos desafios e inquietações. Tudo isso se faz necessário ao presente estudo, e acabou por me conduzir ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE). Ao ingressar no programa, interessei-me pela linha intitulada “Pesquisa e Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas Educacionais (LIMAPE)” e, nela, optei por desenvolver um trabalho cujo objetivo é analisar a escrita de cartas de um pequeno grupo de professores em diferentes níveis de atuação.

As aulas de 2021 iniciaram em meados de abril e, no primeiro semestre, cursei estas três disciplinas: Fundamentos da Gestão Educacional; Metodologias da Pesquisa e da Intervenção Educacional; e Seminários de Pesquisa: Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino, da linha de pesquisa da qual faço parte (LIMAPE). As primeiras aulas desse ano promoveram as mais complexas reflexões, desde a visão de sociedade, do ser humano que queremos formar, o exercício docente comprometido com a Educação em ações cotidianas, até a seriedade de ser um pesquisador comprometido com a mudança. Logo, acessar o mestrado profissional foi a possibilidade de refletir sobre minha própria prática, com um olhar de estranhamento, condição imprescindível para o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa.

Os primeiros encontros com minha orientadora foram de reflexão e diálogo em torno do objeto de pesquisa. Através dela, fui presenteada com algumas obras sobre o poeta e escritor Marco Lucchesi, dentre as quais destaco *Viagem a Florença* (SILVEIRA, 2003) e *Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar* (BAPTISTA, 2020), que ampliaram olhares e perspectivas acerca de meu objeto de pesquisa, pois tratar de cartas é ir além do sentimento; é identificar as possibilidades de interdisciplinaridade; é revelar histórias, diálogo e memórias do fazer docente.

No segundo semestre, cursei outras três disciplinas: Educação, Memória e Linguagens; *Media Education*; e Seminários de Pesquisa: Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino. Participei também do módulo internacional, que ocorreu de forma virtual, em parceria com a Universidade de Paris. Todas essas disciplinas me instigaram a pensar ainda mais sobre os desafios da minha profissão e pesquisa.

No terceiro semestre, no início de 2022, cursei a disciplina Educação e Fundamentos da Memória, uma parceria entre minha orientadora e a professora Judite Zamith Cruz, que brilhantemente, com sua gentileza e experiência, apresentou aspectos da literatura brasileira e portuguesa e nos mostrou possibilidades interdisciplinares.

Desse modo, a literatura tem sido luz em momentos de escuridão, um exercício instigador de liberdade, de contemplar o mundo com outros olhos. Nos dizeres de Ana Maria Haddad Baptista (2012, p. 65), “Leitura e Literatura são processos de construção sempre em andamento e se transformando”. Acredito que essas são condições fundamentais e de extrema seriedade para nosso ofício.

O mestrado é, portanto, a realização de um anseio; é a constante busca por conhecimento, que sempre esteve presente na minha vida e docência; é ir adiante. Parafraseando Paulo Freire (2011, p. 70): “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”.

INTRODUÇÃO

Querido(a) leitor(a),

As inspirações desta pesquisa nascem das reflexões de Marco Lucchesi, poeta, romancista, memorialista, ensaísta, tradutor e editor, em sua ampla produção, contemplada por diversos prêmios. Presidiu a Academia Brasileira de Letras (ABL) de 2018 a 2021. Foi nomeado, em janeiro de 2023, para a presidência da Fundação Biblioteca, dentro do novo Ministério da Cultura do Brasil.

Esta dissertação tem como objetivo refletir, por meio da leitura de epístolas, as possibilidades de interdisciplinaridade e poesia por meio da literatura, analisando em particular as obras de Marco Lucchesi. Por meio da análise das cartas escritas sobre o livro *Adeus, Pirandello* (LUCCHESI, 2020a) e cartas produzidas por um grupo de amigos e amigas sobre o percurso na educação, buscou-se identificar as possibilidades de interdisciplinaridade, revelando histórias, estabelecendo diálogos e memórias do fazer docente.

A perspectiva é ir para além dos sentimentos, é identificar as possibilidades de interdisciplinaridade, é revelar histórias, estabelecer diálogos e memórias do fazer docente. Entretanto, antes de enveredar pelas cartas, enquanto objeto de estudo, buscar-se-á, neste primeiro capítulo, recuperar um pouco da história da escrita, juntamente com a escrita das cartas, de modo a contextualizar o nosso objeto de estudo. Finaliza-se este capítulo sobre os desafios de uma sociedade tecnológica, compondo com este estudo, com Byung-Chul Han e Zygmunt Bauman, que trouxeram contribuições pertinentes em relação a uma sociedade na qual a informação é constante e veloz. Como as pessoas estão convivendo diante de tais desafios?

No segundo capítulo, considera-se o que é uma carta, um gênero epistolar no que se nota uma flexibilidade e desafios para sua categorização. Nesta perspectiva, busca-se a contribuição de alguns teóricos para elucidar esta questão. Destacam-se, neste contexto, algumas cartas ilustres para evidenciar sua importância desde a antiguidade até os dias atuais. Encerra-se o segundo capítulo com Marco Lucchesi e um diálogo epistolar, relatando sobre algumas obras do poeta, que exprimem a dialogicidade com as mais diferentes áreas do conhecimento.

Apresenta-se, no terceiro capítulo, a prática epistolar. Em meio ao exercício docente, a pesquisa traz a obra *Adeus, Pirandello*, de Marco Lucchesi (2020a). Os sujeitos da pesquisa são um grupo de educadores em uma unidade escolar no município de São Paulo, na qual se socializa o livro para a leitura e são realizados dois encontros virtuais dialógicos para a troca de impressões e saberes a respeito da obra. As cartas foram utilizadas como instrumento para este estudo.

Destaca-se que as cartas foram igualmente utilizadas com um segundo grupo de educadores não atuantes na mesma unidade escolar, com questões diferenciadas: o que é uma carta e quais sentimentos a abarcam? Como este instrumento pode contribuir com a educação? Evidencia-se que estes educadores possuem uma relação profissional de itinerâncias com a pesquisadora e atuam em diferentes níveis de ensino, desde a educação infantil até a universidade.

As demais subseções apresentam um diário de bordo trazendo itinerâncias à agência dos correios, a circulação das cartas, a análise das cartas inspiradas na literatura de Lucchesi e outros autores que participam com esta pesquisa, tendo em vista o diálogo epistolar, a interdisciplinaridade, a poesia e a prática docente. Em algumas linhas, encerrando esta pesquisa, é trazida a contribuição de uma professora, que realizou um exercício com crianças bem pequenas e pequenas sobre a temática das cartas, partindo de um livro voltado a este público. Finaliza-se com uma carta a Marco Lucchesi de autoria da pesquisadora, intitulada: *Inquietudes de uma jovem aprendiz lucchesiana*.

Para contribuir com este objeto de pesquisa, são realizadas inicialmente consultas a sites e plataformas, utilizando as seguintes palavras-chave: cartas, cartas pedagógicas, escrita epistolar, poesia, dialogicidade e prática docente, a fim de buscar subsídios teóricos acerca do tema abordado.

Durante a pesquisa, foram encontrados dois trabalhos. O primeiro correspondia a uma dissertação de mestrado profissional intitulada *A formação docente – na modalidade de formação continuada – pode alterar algumas concepções dos docentes e suas práticas cotidianas?*, de Luciana Mendonça Cardoso, do ano de 2014. Nela, a autora lança um olhar reflexivo sobre a formação dos docentes e sua prática cotidiana. Para tanto, valeu-se da escrita de cartas, por meio das quais os professores compartilharam suas experiências e práticas.

O segundo trabalho foi a tese de doutorado intitulada *Pedagogia da dialogicidade: ressonâncias genéticas, intertextuais, discursivas em Pedagogia do*

Oprimido (o manuscrito), de Nádia Conceição Lauriti. Nessa tese, observa-se a dialogicidade freiriana, com destaque para o senso de humanidade presente no texto, que funciona como um diálogo-denúncia da situação do oprimido, mas que, principalmente, anuncia possíveis formas de reverter tal circunstância. Logo, ultrapassa-se o campo linguístico para se instalar na dimensão discursiva e pragmática da linguagem, além de identificar as marcas do manuscrito enquanto escritura ensaística de Marco Lucchesi, ao mesmo tempo, uma escrita inventiva.

Em pesquisas realizadas, encontra-se um artigo cujo título era: *Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas*, publicado na Revista Brasileira de Educação, volume 23, do ano de 2018. Nele, Ana Cristina de Moraes e Francisco Mirtiel Frankson Moura Castro discutem as possibilidades de produção acadêmica para além das normatizações científicas, sem perder o rigor e a sistematização no âmbito das pesquisas. Trata-se de uma provocação, que salienta a importância de se aventurar no desenvolvimento estético nas produções de poemas, cartas e diários com fins pedagógicos, no cenário acadêmico.

Em outro artigo, denominado *Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional*, do ano de 2012, de autoria de Carla Netto, Carla Spagnolo, José Florentino, Lisandra Amaral, Silvana Zacan e Leda Lisia Franciosi Portal, são analisadas cartas escritas por alunos de comunidades ribeirinhas, em um trabalho desenvolvido em duas escolas do Pará, sobre professores que fazem a diferença em sala de aula. Os autores consideram a carta um instrumento de pesquisa que anuncia uma verdade, expressando sentimentos, sonhos e opiniões, favorecendo a construção do sujeito.

Por fim, encontram-se mais dois trabalhos, sendo o primeiro intitulado *A Escrita epistolar e a história da educação*, do ano de 2002, de Maria Teresa Santos Cunha, professora doutora da Universidade do Estado de Santa Catarina, proferido na 25ª reunião da Anped,¹ sobre o grupo de trabalho História da Educação. A autora enfatiza a relevância da carta como prática de escrita, destacando a escrita epistolar como uma prática cultural que serve de fonte para a História da Educação. E o segundo é a tese intitulada *De correspondências e correspondentes: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950*, da professora Carla Rodrigues

¹ ANPED - Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação.

Gastaud, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009).

Integraram este estudo alguns literatos que utilizaram as cartas como forma de relatar acontecimentos e passagens vividas, amizades, desafios enfrentados, dores, alegrias, misérias, entre outros. Alguns foram utilizados nesta pesquisa, como Dostoiévski, Van Gogh, Kafka, Paulo Freire, Nise da Silveira, Israel Pedrosa e outros compuseram, com seus olhares e escritas, este trabalho.

Marco Lucchesi compõe esta pesquisa, tornando possível um diálogo epistolar, seja com um grupo de educadores, com diversos literatos, com diferenciadas obras... Um diálogo que atravessa a pesquisadora e reverbera em todos os sentidos.

Os leitores são convidados a apreciarem as informações e análises desta pesquisa, a fim de contribuir, com uma prática educativa, a quem se interessar por fazer o uso de cartas como estratégia de um diálogo, registros que possam elucidar itinerâncias educativas, literárias e interdisciplinares.

Espera-se, ao finalizar esta pesquisa, que tenha sido possível contribuir com os leitores na perspectiva de uma educação humanista e transformadora.

CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA DAS CARTAS

CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DAS CARTAS

1.1 DOS PRIMEIROS ESCRITOS À ESCRITA DAS PRIMEIRAS CARTAS: ASPECTOS HISTÓRICOS

Ao pesquisar sobre a história da escrita, verifica-se uma quantidade de estudos sobre a transformação da linguagem escrita como forma de expressão do homem desde a antiguidade até a atualidade.

Uma das maiores realizações do homem na Terra é a invenção da escrita. Sabemos hoje que os homínídeos datam cerca de 5 milhões de anos. Mais o homem permaneceu quase tão primitivo como na pré-história por praticamente esses mesmos 5 milhões de anos até pelo menos 10 mil anos atrás. Naquela época, os agrupamentos humanos começaram a crescer mais e mais e, com tanta gente nas vilas, foi preciso organizar a sociedade. Só a palavra falada já não era suficiente. Então o homem inventou a escrita. (HORCADES, 2016, p. 16).

Séculos atrás, ela era considerada por muitos como algo “divino”, ideia que esteve presente na Europa, inclusive nos anos de 1800, em alguns grupos nos Estados Unidos e nos países islâmicos. Outros afirmam que foi “elaborada” pelos sumérios, em Uruk, em meados do quarto milênio a.C. Há também aqueles que afirmam se tratar do resultado de um empenho grupal ou invenção imprevista. Outros, ainda, afirmam que a escrita tem origem diversa e por profusos motivos, assim, que a sua evolução resulta de uma antiga evolução, um resultado da evolução antiga, dada em uma extensa região comercial (FISCHER, 2009).

Considera-se o fato de que a “evolução” na história da escrita ocorreu partindo do senso comum. Os sistemas de escrita não se transformam em processo de ordem natural. Eles são exercidos ou modificados pela ação humana, a partir de uma grande diversidade de instrumentos para conquistar objetivos próprios (FISCHER, 2009).

Nesse sentido, o objetivo mais sensato é o refinamento da reprodução gráfica da fala de quem escreve.

A escrita possibilitou o acúmulo de conhecimento humano. Antes dela, tudo o que um homem aprendia durante sua vida morria com ele. Depois da invenção da escrita, o conhecimento passou a se acumular e a não se perder; assim, ao nascer, o homem tem a seu dispor toda a experiência e as descobertas de seus antecessores. (HORCADES, 2016, p. 16).

Assim, considera-se que as contribuições contínuas no sistema de escrita, no decorrer do tempo, terão repercussões em suas configurações e uma funcionalidade.

Caminhando com a história...

Outrora, os primeiros contatos do ser humano com a escrita se deram por meio de uma riqueza de símbolos e gráficos, presente desde a arte nas pedras, por meio de hieróglifos ou "rabiscos" nas paredes das cavernas, que continham imagens humanizadas ou que representavam, entre outros elementos, a flora, a fauna, o sol e as estrelas, além de figuras geométricas. Merecem destaque também as ferramentas de memória (mnemônicas) utilizadas para elucidar contextos linguísticos, ligando objetos físicos à fala. Isso pode ser observado em bastões ou tábuas com mensagens, seixos coloridos, ossos ou paus entalhados, fragmentos de rocha e argila etc. Sem dúvida, a evolução da arte gráfica e os segmentos mnemônicos, por muito tempo na história, manifestaram-se e revelaram momentos e contextos sociais (FISCHER, 2009).

Considera-se que a escrita vigorou em um pequeno período. O uso dos papiros, cerâmica, pedras e placas de argila deixou suas marcas, a fim de registrar mensagens, histórias e memórias. Nesse sentido, cada sociedade constituiu sua forma particular de escrita. No entanto, vale ressaltar que os sumérios foram os grandes responsáveis pela transcrição dos sons em símbolos e, conseqüentemente, dando um primeiro passo para a escrita fonética.

No que concerne ao surgimento da escrita, pode-se constatar que uma das primeiras formas de escrita foi criada na Mesopotâmia, na civilização dos sumérios, que desenvolveram a escrita cuneiforme, feita em argila, com símbolos formados de cone. Nessa mesma época, os egípcios elaboraram um outro sistema de escrita, dominado pelos indivíduos poderosos na sociedade, como escribas e sacerdotes, e baseado em pictogramas, conhecidos como hieróglifos (FISCHER, 2009).

Os sumérios utilizaram, como suporte para a sua escrita, o barro e a pedra. Por localizar-se em uma região de terreno argiloso, o primeiro se tornou um material de uso prioritário. O barro umedecido era amassado e transformado em pequenos blocos (placas) que possibilitavam a marcação com bastões em forma de cunha. Quanto ao segundo material, utilizavam-se grandes blocos de pedra, conhecidos como estelas, mas esse suporte dificultava o trabalho da gravação das informações.

Apesar de todo esse impasse em trabalhar com esse tipo de material, pode-se dizer que sua durabilidade era superior às delicadas placas de barro cozidas.

Já no Egito, onde se desenvolveu a mencionada escrita hieroglífica, o suporte usado ficou conhecido como o primeiro papel do mundo: o papiro. Tratava-se do principal apoio para a escrita do Egito e de regiões próximas ao norte da África, como a cidade de Alexandria, com sua fascinante biblioteca.

O papiro é uma planta que cresce nas margens do Nilo e nos pântanos do seu delta. Extraía-se o miolo dos caules em forma de fitas. Que se dispunham umas ao lado das outras, em camadas perpendiculares; molhava-se o conjunto, prensava-se, secava-se ao sol; depois batiam-se as folhas para melhor fazer aderir as duas camadas, passava-se uma película de cola sobre as suas superfícies para facilitar a escrita; por fim, cortavam-se em pedaços de 15 a 17 centímetros de altura (LABARRE, 1981, p. 8).

Com as transformações das civilizações, surgiram, mais precisamente na cidade de Pérgamo, na Ásia Menor, um novo material. Nessa localidade, aproveitavam-se peles de animais, que passavam por um tratamento, tornando-se finas, lisas e resistentes, originando-se o pergaminho, com grande grau de qualidade e resistência. Os gregos o chamavam de *pergaméne*, e os romanos, de *pergamina* (FISCHER, 2009).

Ao decorrer da história, o uso do pergaminho foi descontinuado, dando lugar ao uso do papel. Nas palavras de Fischer (2009, p. 210):

Por fim, o pergaminho substituiu o papiro como material de escrita, na preferência da Europa Ocidental; a Idade Média foi aclamada como a “Idade do Pergaminho”. Só por volta da Alta Idade Média, particularmente em países islâmicos, o pergaminho rendeu-se ao papel. Depois dos anos 1300 e 1400, o uso do pergaminho definiu por toda parte pelas evidentes vantagens do papel, exceto para escrituras e outros documentos.

Observa-se, com esta evolução, que o papel foi um marco importante como suporte para a escrita, pois suas características foram determinantes. O papel excedeu os diferentes materiais até então existentes, como afirma Roth (1982, p. 16)

Todos os suportes empregados pelo homem antes do papel tinham, em comum, algumas desvantagens: seu preparo era complexo, seu transporte e armazenagem difíceis por seu peso e volume. Era necessário, assim, um material leve e barato para substituir todos os outros meios de comunicação escrita.

Em síntese, o processo da invenção do papel e da escrita relaciona-se às tecnologias de marcação de símbolos ou letras, que se apresentam a partir de

utilização de simples gravetos, pincéis até a máquina de escrever, simbolizando o primeiro uso da mecânica na escrita.

Historicamente, no Antigo Egito, encontram-se mensageiros que levavam recados escritos a pé ou montados em cavalos e camelos; já na Antiga Grécia, o comércio marítimo facilitou a troca de notícias anteriormente transmitidas de forma oral. Com a expansão do Império Romano, o *cursus publicus* (correio romano) foi criado, e havia revezamento entre mensageiros a pé e cavaleiros, com a disponibilidade de montarias. Posteriormente, assiste-se ao uso de pombos-correios na Primeira Guerra Mundial, à invenção do telégrafo (1835), que transmitia informações a longas distâncias, bem como à criação dos Correios (1840), com o selo postal, certificando o envio de documentos com maior segurança e abrangência de localidade.

Atualmente, observa-se a evolução da tecnologia, com o acesso à *internet*, por meio da qual mensagens escritas podem ser transmitidas sem o emprego do papel, como é o caso do *e-mail*. Desse modo, constata-se que, no curso da história, ajustes e transformações foram fundamentais, a fim de atender às demandas da sociedade, estreitando cada vez mais as questões do tempo e do espaço.

Nesse contexto, é lícito questionar qual a importância das cartas. Acerca do tema, identifica-se que, após o surgimento da escrita, elas se tornaram um meio de comunicação bastante utilizado para enviar informações, divulgar notícias, entre outros. Trata-se, portanto, de um recurso de grande relevância para as relações sociais, devido à maior eficiência dos correios e a fatores políticos e econômicos, como as navegações, além da preocupação com a normatização do gênero, que se intensificava.

Segundo Melo (2011, n.p),

Do papiro ao e-mail, o ato de se corresponder atravessa a história e agrega funções para além da troca de informações pessoais. A produção epistolar existe desde a Antiguidade, época em que se destacam escritos da literatura latina, como as *Epístolas*, de Horácio, e as cartas, de Cícero. No princípio, o termo *epístola* era utilizado para definir um texto assinado, direcionado a uma pessoa ou ao coletivo, com um viés opinativo e crítico, literário ou religioso, enquanto a carta se limitava aos assuntos particulares e tinha um caráter utilitário. Mais tarde, os verbetes tornaram-se equivalentes no uso cotidiano.

Nesta pesquisa, nota-se a complexidade da escrita e sua importância histórica e, sem dúvidas, suas contribuições,

Contudo, a escrita é mais que um instrumento [...] ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel não são apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. [...] um meio de expressão permanente, mas também dá acesso direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É o fato social que está na própria base de nossa civilização. Por isso a história da escrita se identifica com a história dos avanços do espírito humano. (HIGOUNET, 2003, p. 9-10)

Comunicação e escrita

A comunicação é um processo fundamental desde seu surgimento, e um dos seus meios principais é a escrita. Ao longo da história, observa-se que a comunicabilidade oral finaliza quando seus mensageiros desaparecem, ou até mesmo quando uma cultura se transforma, seja com o passar do tempo, seja por domínio de outros povos e outras civilizações. Nesse sentido, a escrita permanece, e as pessoas são escritores de uma história, de uma memória. Vale ressaltar que, no decorrer dos séculos, a escrita evoluiu, assim como os meios de comunicação. Malatian (2009) afirma que, desde a Antiguidade, há registros da prática epistolar, sendo as cartas o meio de comunicação que envolve o emissor e o receptor. Seu uso se tornou mais frequente no século XVIII, ainda que representasse a aristocracia.

Em relação a essa mudança, Malatian (2009, p. 196) escreve:

A partir do século XVIII, as cartas adquiriram papel cada vez mais relevante para a expressão de sentimentos, emoções e experiências. O hábito da correspondência tornou-se mais difundido, alcançou diversas camadas sociais e constituiu-se em prática cultural bastante apreciada tanto na Europa como na América.

Ao pensar na valência das cartas como fonte documental e de informação, Salomon (2010) as considera uma fonte notável para historiadores, sociólogos e antropólogos, plena de informações políticas, sociais e culturais. Posição semelhante é a de Brigitte Diaz (2016), professora de literatura e renomada pesquisadora, segundo a qual as missivas podem ser consideradas documento literário, sociológico e humano, pois somente por meio da correspondência se pode perceber a verdade de um ser humano.

Como exemplo do valor histórico das epístolas, pode-se citar: a Carta de Pero Vaz de Caminha – que hoje faz parte do acervo do Arquivo Nacional da Torre do

Tombo, em Lisboa –, endereçada a Dom Manuel, em 1500, descrevendo a terra recém-descoberta; e as Cartas de Amarna, que correspondem a tablets escritos em cuneiforme; na realidade, trata-se de parte das cartas trocadas entre o faraó e reis de Estados da Síria-Palestina, considerados documentos valiosos para compreender como o Estado egípcio preservava seu território, além da diplomacia, que era extremamente necessária para manter a região e aliados conquistados. Parte desse acervo se encontra no Museu do Louvre, em Paris, no Museu Egípcio, no Cairo, no Museu Britânico, em Londres, e no *Vorderasiatischen Museum* em Berlim (FISCHER, 2009).

Segundo Malatian (2009, p. 203),

A valorização da experiência individual pela historiografia tem levado os historiadores ao interesse pelas cartas como objeto de investigação em lugar de considerá-las apenas fontes de informações. As múltiplas possibilidades de sua abordagem e utilização, seja como fonte seja como objeto inevitavelmente encontraram no caminho as especificidades do gênero epistolar.

Nesse sentido, a missiva é apresentada como fonte documental de grande importância nas ciências humanas. Preocupados com o pretérito nas cartas, as pessoas são capazes de observar as mais ricas evidências de uma relevância histórica indiscutível.

1.2 DESAFIOS DE UMA SOCIEDADE TECNOLÓGICA: HAN E BAUMAN

Com a ascensão tecnológica, redes e estruturas sem fio (*wireless*) facilitaram o acesso à internet. Por conseguinte, mensagens escritas podem ser enviadas sem papel, como é o caso do *e-mail*. Na obra *No enxame*, Byung-Chul Han (2018) faz uma apresentação ensaística, na qual analisa criticamente um cenário social, político e estético a respeito das consequências do uso intensificado dos meios digitais. Respeito e poder, identidade, predomínio da imagem e excesso de informação são alguns dos aspectos tratados. Entretanto, convém apresentar uma proposta de leitura crítica da sociedade, com julgamento negativo ao neoliberalismo e ao individualismo, bem como recuperar o foco no sujeito e sua ação no mundo como um ser social. Nas palavras do próprio autor, “[...] embriagamo-nos hoje em dia da mídia digital, sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez. Essa cegueira e a estupidez simultânea a ela constituem a crise atual” (HAN, 2018, p. 13).

Observa-se, neste contexto, a ausência de distanciamento, conduzindo as esferas do público e privado a se agregarem, uma sociedade sem respeito, onde o nome, que é considerado a base, a confiança e a responsabilidade foi atingido e anulado pela mídia digital.

O *Shitstorm* tem causas múltiplas. Ele é possível em uma cultura de falta de respeito e de indiscrição. Ele é, antes de tudo, um genuíno fenômeno da comunicação digital. Assim, ele se distingue fundamentalmente das cartas de leitores, que estão ligadas às mídias escritas analógicas e que ocorrem de modo expressamente nominal. Cartas de leitores anônimas acabam rapidamente no cesto de lixo de redações de jornal. (...) Enquanto se a redige esforçadamente a mão ou a máquina de escrever, a exaltação imediata já desvaneceu. A comunicação digital, em contrapartida, torna uma descarga de afetos instantânea possível. Já por conta de sua temporalidade, ela transporta mais afetos do que a comunicação analógica. (HAN, 2018, p. 15).

Assim, segundo Han (2008), depara-se com uma sociedade em enxame integralizado, vários indivíduos se aglomeram buscando informações, não havendo espaço para um diálogo, uma troca de fato com o outro. Infelizmente, depara-se com o domínio das informações por meio das redes sociais. Um tempo de Narcisos, fechados em si mesmos e inteiramente vazios.

Para Zygmunt Bauman, hoje as pessoas vivem em uma sociedade “superficial”. Com a velocidade das informações, o estabelecimento das relações não é mais conquistado, e sim criado e descartado a qualquer momento. Logo, a fragilidade conquista seu espaço. De acordo com Bauman (2001), toda essa vivência, no mundo da liquidez, faz com que se desenvolva uma “identidade líquida”, aparentemente sólida e forte por fora, mas frágil por dentro. Partindo dessa premissa, o autor alerta para uma tendência cultural contemporânea de substituir as relações por conexões, que tomam lugar dos laços humanos, construídos olho no olho, com solidez, feitos em comunhão com o outro.

Zygmunt Bauman (2011), na obra intitulada *44 cartas do mundo líquido moderno*, contribui com reflexões sobre a sociedade moderna, a qual denomina “modernidade-líquida”, devido ao estreitamento das relações sociais e à velocidade da informação, com o aumento do uso da tecnologia.

O livro traz proposições em relação ao dia a dia das pessoas. Destacam-se: moda, relacionamentos familiares e sociais, economia, atitudes e personalidade, assuntos que, por vezes, surpreendem a todos, devido às novas situações geradas no mundo moderno atual.

No primeiro capítulo, “Sobre escrever cartas... de um mundo líquido moderno”, discorre sobre um mundo “líquido”, devido a uma sociedade plena de dúvidas, inconsistências, com pouca solidez. O autor relembra acerca das mudanças que vêm ocorrendo no mundo, de maneira rotineira, em diversos segmentos, e chama a atenção ao imediatismo das informações. Os sonhos e desejos mudam constantemente e o que instigava ontem, hoje já não faz nenhum sentido.

[...] tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, a que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição. (BAUMAN, 2011, p. 7).

O autor aborda questões pertinentes, como a atenção à velocidade e rapidez das informações. Na atualidade, não se tem este “tempo” para assimilar referências e frequentes mudanças, prejudicando, assim, a interpretação e percepção que rodeia as pessoas. De acordo com Bauman (2011), as pessoas são arrebatadas constantemente. O que hoje é certo, amanhã não se tem mais certeza. As mudanças são constantes e a palavra da moda, segundo o autor, é ser “flexível”. A busca por informações é constante, infelizmente, as pessoas estão em uma sociedade conectada a todo instante e, imersos nesta conexão, estão sintonizados por diferentes aparelhos dia e noite.

Nesta obra, pode-se observar, além disso, diferentes questões presentes na sociedade, entre elas, a relação com o outro, como é o caso dos jovens que sempre estão em constante movimento. Hoje, com o acesso a diferentes equipamentos eletrônicos e redes sociais, o relacionar-se com o outro pode ser tornar breve, superficial e até mesmo descartável. Assim como Han, Bauman (2011) destaca que as relações se tornaram superficiais. Não há o contato olho no olho e, ao simples tocar de uma tecla, as pessoas são capazes de eliminar ou afastar-se da interação com o outro. Nesse sentido,

[...] nunca mais precisaremos estar sós. [...] Nesse mundo on-line, ninguém jamais fica fora ou distante; todos parecem constantemente ao alcance de um chamado [...] é possível fazer “contato” com outras pessoas sem necessariamente iniciar uma conversa perigosa e indesejável. O “contato” pode ser desfeito ao primeiro sinal de que o diálogo se encaminha na direção indesejada: sem riscos, se necessidade achar motivos, de pedir

desculpas ou mentir; basta um toque leve, quase diáfano, numa tecla, um toque totalmente indolor e livre de riscos. (BAUMAN, 2011, p. 15-16).

Com uma diversidade de temas pertinentes e de relevância abordados nesta obra, a educação é uma questão essencial em tempos de celeridade e com o avanço das tecnologias. Tempos complexos para os educadores que buscam instigar nos educandos o interesse pelos conteúdos necessários para a formação humana, em uma sociedade em que as informações estão disponíveis e circulam a todo momento.

Parafraseando Bauman (2011), vive-se um momento crítico na história, em que a educação em tempos passados conseguiu dispor novos modelos e buscar estratégias para esta superação. Para os educadores, atualmente, este cenário é desafiante. Existir, em meio a diversas informações, pode ser igualmente uma tarefa envolvente, segundo o autor, é preciso “preparar seres humanos para essa vida.” (BAUMAN, 2011, p. 125).

Sabe-se da importância da literatura como fonte de conhecimento ao longo da história. Na atualidade, os meios digitais e a internet entravaram a possibilidade de uma leitura com maior detalhamento por parte do leitor, que, com os avanços tecnológicos, na maioria das vezes, é feita de maneira rápida e com escassa reflexão.

São trazidas aqui as contribuições de uma segunda obra de Byung-Chul Han (2021), intitulada *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*, que trata sobre o desaparecimento dos rituais. Destaca-se, neste contexto, que o autor é um crítico da sociedade contemporânea e, nesta obra, são elucidados variados temas de relevância, entre os quais o capítulo *Império dos Signos*, que aborda a questão da linguagem em tempos atuais. Segundo Han (2021, posição 885-891),

Sob a coação do trabalho e da produção desaprendemos cada vez mais a capacidade de *jogar*. Também temos feito raramente uso lúdico da linguagem. Com ela, apenas temos *trabalhado*. Ela é usada para transmitir informações ou produzir sentido. Desse modo, não temos acesso a formas que brilham para si. A linguagem como meio de informação não tem brilho. Não seduz. Os poemas também são estruturas de forma rígida que brilham para si. Em geral, não comunicam nada. É o *excedente*, o luxo do significante que os caracteriza. Desfrutamos sobretudo sua perfeição da forma. Nos poemas a linguagem *joga*. Por esse motivo, hoje não temos mais lido poemas. Poemas são cerimônias mágicas da linguagem. O princípio poético restitui a linguagem o desfrute, na medida em que quebra radicalmente com a economia da produção do sentido.

Vive-se em um momento no qual a obsessão por desempenho é exigida a todo instante. As pessoas são “coagidas”, “autoexploradas” por elas mesmas, condições de uma sociedade atual. Nesse sentido, a linguagem pode ter um uso lúdico, “divertido”. Hoje, experiencia-se, em um império de significados, o que significa tal frase, o que esse texto significa. E, quando se está obcecado por esses significados, as pessoas querem extrair a utilidade desse texto ou frase. Nesse sentido, a poesia é essencial para a vida. Ela “brinca” com os sons, o sentido das palavras; por esse motivo, a importância do jogo da linguagem.

Completando este pensamento, “[...] se o signo, significante, for absorvido completamente pelo significado, pela significação, então a linguagem perde tal mágica e brilho. Vira informacional. *Trabalha*, em vez de jogar.” (HAN, 2021, posição 901).

Atualmente, a sociedade habita com um excesso de informações, seja por mais diferentes meios e, nesse sentido, a linguagem tem sido utilizada sobretudo para informar e produzir acúmulo de informações que ocasiona uma desinformação. Não se consegue, portanto, devido a tanta demanda, selecionar a informação de que se necessita. Segundo Han (2021, posição 918), “[...] a funcionalização e informacionalização crescentes da linguagem tem anulado o excesso, o excedente de significante”. Neste sentido, o autor alerta para o desencanto da linguagem, onde na atualidade, devido ao excesso de informações, perdeu-se o fascínio sobre ela.

Não se pode deixar de mencionar, nesta obra que conduz a reflexões pertinentes sobre o desaparecimento dos rituais, um capítulo que se avalia como importante, quando o autor assim se refere: “[...] em uma cerimônia japonesa do chá, as pessoas se sujeitam a um decurso minucioso de gestos ritualizado.” (HAN, 2021, posição 943).

Considera-se que este livro é dedicado aos rituais. Segundo o autor, é lamentável este desaparecimento dos rituais, pois os mesmos indicam passagens de uma situação para outra ou fins de estabelecidos ciclos.

Infelizmente, em uma sociedade veloz, não se oferece o devido valor a estes ritos. O autor mostra que se tem que memorar a cada momento e delimitar estas “pausas” para cada situação do cotidiano.

Enfim, ambos os autores trazem contribuições importantes em relação às transformações que se está enfrentando, tanto questões sociais como tecnológicas, que implicam em redirecionamentos dos saberes e interesses diante de tal desafio.

Acredita-se na importância do diálogo com a literatura, com uma poesia “brincante” e com a palavra, que é imprescindível nesses tempos desafiadores.

No capítulo a seguir, tratar-se-á um pouco mais sobre a evolução da carta, o que ela abarca, algumas cartas ilustres e o diálogo epistolar, inspirados pela literatura de Marco Lucchesi.

CAPÍTULO 2 – GÊNERO EPISTOLAR E PRISMA LUCCHESIANO

CAPÍTULO 2 – GÊNERO EPISTOLAR E PRISMA LUCCHESIANO

2.1 O QUE É UMA CARTA?

A etimologia da palavra carta deriva do latim, a partir do vocábulo *charta*², “folha para a escrita, tablete”, oriundo, por sua vez, do grego *chártes*, “folha de papiro”. Trata-se de um escrito que envia a outrem cumprimentos, pedidos, ordens, também chamado de epístola ou missiva. Figura como uma forma de comunicação, que, geralmente, depende de um conjunto postal sistematizado e administrado por uma instituição pública ou privada.

Segundo Gastaud (2009, p. 63),

Carta, epístola, missiva, correspondência. A carta é um objeto escrito para comunicar algo a alguém. Este alguém pode ser singular, individual ou tão múltiplo quanto a uma família, uma comunidade de leitura, uma vizinhança, uma cidade, país, uma nação. Para ser reconhecido como uma carta, o objeto escrito deve mostrar alguns dos atributos do gênero epistolar, entre eles: lugar de origem, data e destinatário, saudações e despedidas e distribuições dos parágrafos de acordo com o cerimonial epistolar.

Em um sentido mais poético, observa-se, nas cartas, certa transparência revelada em cores, letras, caligrafia, no tato, na escolha do papel e no instrumento utilizado para escrever, seja caneta, pincel ou lápis. É nessa multiplicidade e delicadeza que se identifica a presença do outro.

De acordo com Carrilo (2001), a escrita pode ser um espaço de silêncio para compreender as próprias marcas, conduzir e lançar-se a novos lugares do que já foi e ao futuro que está por vir. Segundo o autor, “É também um espaço para a descoberta de cada rosto, de cada olhar, das diferentes maneiras de pensar, de sentir e de viver a realidade.” (CARRILO, 2001, p. 51).

Diaz (2016, p. 66-68, grifo do autor) assim participa desta reflexão:

[...] a carta sonha-se ação sobre o outro e sobre o mundo, e quer-se equivalente de um *fazer*. Escrever a carta, endereçá-la, mandá-la, é tentar agir a distância, acreditar na virtude performativa do discurso epistolar. [...] A carta é, ao mesmo tempo, o emblema e o substituto de um agir sobre o mundo, gesto que não pode realizar de outra forma. Seja seu horizonte de ação afetivo ou polêmico, a carta sonha em soldar, pelas suas palavras, real e simbólico. [...] A carta aberta, militante, política, revela aos olhos de todos

² Cf. <https://origemdapalavra.com.br/palavras/epistola/> e <https://etimologia.com.br/carta/>. Acesso em: 13 jun. 2022.

o sonho que sustenta toda prática epistolar: a de um *dizer* que seria também um *fazer*.

Nesse sentido, Diaz (2016) destaca que a carta é um instrumento maleável e que abarca diferentes usos que irão defini-la. Destacam-se algumas cartas de origem mais distantes, como, por exemplo: carta familiar, epístolas; e algumas mais recentes, como: bilhetes, cartões-postais. Uma categoria particular, enfim, segundo a autora, “[...] a carta ‘ostensiva’, que constitui um espaço de escrita mais amplo, vê as inflexões de sua forma se renovarem continuamente” (DIAZ, 2016, p. 39).

Sobre a *carta familiar*, destaca-se a coletânea de cartas de Cícero, intitulada *Ad familiares*, que analisa os círculos familiares, enfatizando parentes e amigos, bem como o círculo de serviçais e intendentos que os laços domésticos tornaram mais próximos (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 40). Esse tipo de correspondência “[...] se beneficia da liberdade permitida pela proximidade dos vínculos [...] [e] [...] uma relativa limitação da confidencialidade: a carta familiar permanece nos limites de um registro cortês e maleável, que exclui desabafos excessivos” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 41). Nesse caso, pode-se dizer que as cartas de Madame de Sévigné ao Senhor de Pomponne ou aos seus primos Coulanges, bem como as cartas de Voltaire a Cideville ou a Madame Du Deffand são familiares. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 41).

Em relação às *epístolas*, diferentemente da carta familiar, elas apresentam uma função mais educativa, próxima aos sermões, geralmente dirigidas a uma pessoa ou a um coletivo. Como exemplo, pode-se citar as “[...] ‘Epístolas de São Paulo aos Coríntios’, cuja influência pesa sobre a Antiguidade tardia, seu alcance ultrapassa os destinatários”, assim como “[...] as célebres cartas do Cardeal de Ossat, que abrange informações históricas e geográficas que Montaigne muito apreciava” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 41).

Não se pode esquecer do bilhete, que pode ser visto como um breve recado escrito para pessoas mais próximas, geralmente utilizando uma linguagem coloquial. Trata-se, portanto, de um “diálogo mais próximo”, a exemplo dos bilhetes espirituosos de Voltaire para a condessa de Bentinck e os bilhetes de amizade e familiaridade (1898) de Mallarmé (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 48).

Segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 46),

O bilhete não é uma carta breve, mas possui uma estética bastante particular que, embora definida no classicismo, permanece viva na época

moderna. O bilhete, cujo surgimento se atribui ao *entourage* da Madame de Sablé no século XVII, nasce da vontade de escapar dos excessos de codificação.

Do mesmo modo, deve-se mencionar o cartão-postal, cuja origem se deu na Áustria-Hungria por volta de 1869. Suas principais características são: apresenta uma mensagem geralmente breve, com linguagem formal ou informal e circula em envelope, imagens, entre outros. Nas palavras de Haroche-Bouzinac (2016, p. 50):

Nos cartões trocados no início do século XX, as obrigações sociais (felicitações, agradecimentos), as preocupações relativas à doença (notícias de saúde), as preocupações de ordem material (encomendas e instruções aos fornecedores e empregados domésticos), as crônicas da vida familiar ou coletiva formavam o conjunto dos principais temas ao lado da expressão dos sentimentos e dos relatos de viagem.

Inclusive, merecem destaque as cartas ostensivas, que podem ser remetidas a diferentes destinatários; isto é, a partir de um destinatário único, é possível transmitir a mensagem para um coletivo maior, no caso, pessoas com interesses em comum, de ordem política, intelectual etc.

Ainda conforme a autora, este tipo de carta escrita não é inexistente, uma carta pode ser escrita, endereçada e enviada, atingindo quase finalizando-se, mas concede às vezes, que a escrita epistolar seja sutil, separando a verdade e a ficção.

De acordo com Haroche-Bouzinac (2016, p. 53),

O epistológrafo que escreve sabe que será lido por vários olhares; esse aspecto não deixa de acentuar a encenação já presente em toda troca de correspondência íntima, nem de reforçar o papel ativo dessa censura interiorizada resultante da aprendizagem dos códigos.

Diaz (2016, p. 242, grifo do autor) complementa:

[...] a correspondência não deve ser lida como a simples reverberação da vida do escritor, nem as cartas como longínquas reflexas de uma escrita mais essencial que estaria acontecendo em outro espaço. É também *em e pela* sua correspondência que o escrito age sobre si próprio e sobre os representantes da instituição literária aos quais se dirige.

Enfim, a criação literária é um “[...] espaço vivo de escrita [...]” (DIAZ, 2016, p. 247), no qual as cartas se reencontram e se confundem, “[...] pois, esse nomadismo da carta sempre a traz de volta, em um dado momento, ao coração mesmo desse entorno em que se aninhava: a literatura” (DIAZ, 2016, p. 248).

Neste trabalho, considera-se esse gênero repleto de tensões e sobre o qual há diversas opiniões, acerca de suas diferentes abordagens históricas, linguísticas e literárias. Dito de outro modo, “[...] tais hesitações são reveladoras de um mal-estar que decorre da própria natureza da carta e da dificuldade de inscrevê-la em tal ou tal categoria do discurso” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 18-19).

Gastaud (2009, p. 18), ao estudar diferentes teóricos, revela que as cartas podem ser: um lugar de memória, segundo Cunha (2002); um objeto-lembrança, conforme Ionta³ (2004); um documento historiográfico, de acordo com Dauphin e Poublan⁴ (2002); um monumento, para Le Goff⁵ (1996); um objeto-reliquia, na visão de Ranun⁶ (1991); uma escrita de si, de acordo com Gomes⁷ (2004); e, particularmente, correspondências ordinárias, “[...] datadas e localizadas, guardam consigo os sinais de um momento, fixam a experiência no tempo e espaço” (IONTA, 2004, p. 19).

Diaz (2016, p. 54-55, grifo do autor) destaca que

Toda correspondência oferece-se a quem quiser analisá-la como uma encruzilhada de problemas linguísticos, históricos, ideológicos. [...] Todas essas coisas dão, às vezes, à crítica epistolar um ar de taverna espanhola: encontra-se nela quase tudo o que se quiser colocar nela. Para esquematizar, dentro desse labirinto metodológico, as direções cardeais assumidas pela crítica, dir-se-á que a carta, segundo essas abordagens plurais, pode alternativamente ser vista como *documento*, como um *texto*, como um *discurso* ou ainda como um *fazer*, mas, na verdade, sempre é tudo isso ao mesmo tempo.

Salienta-se que, ao se escrever uma carta, dispõe-se de sujeitos ou interlocutores, aqueles que escrevem e aqueles a quem são dirigidos seus registros, instigando-se o próprio eu, seus dizeres, um desejo que se traduz por meio da escrita. Segundo Haroche-Bouzinac (2016, p. 25),

[...] a carta é uma comunicação de indivíduo a indivíduo, seu autor é sempre o principal questionado; contudo, não se deve esquecer que, por trás dele, se desenha o conjunto de práticas em uso, de automatismos e

³ IONTA, Marilda Aparecida. **As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade**. 2004. 315 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

⁴ DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver-cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena C.; CUNHA, Maria Teresa S.; MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). **Destinos das Letras: História, Educação e Escrita Epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-88.

⁵ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

⁶ RANUN, Orest. Os refúgios da intimidade. In: CHARTIER, Roger (org.). **História da Vida Privada**. V. 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 211-262.

⁷ GOMES, Angela Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 8-24.

códigos que depende estreitamente de fatores socioculturais e normas enraizadas na história. Testemunho do indivíduo que escreve, testemunho do grupo ao qual pertence ou tenta se integrar, bem como representação contínua de uma ordem social, a carta se encontra na “encruzilhada” dos caminhos individuais e coletivos.

A dialogicidade e o vínculo presentes entre o autor e o destinatário afirmam as particularidades de uma carta, uma aliança epistolar decorrente de uma relação entre os correspondentes e seus protagonistas. Ademais, a carta “[...] possui flexibilidade e riqueza, permitindo as múltiplas variações de suas formas e seu uso para inúmeras finalidade e assuntos” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 25-26), possibilitando o despertar de novas formas.

No que concerne ao progresso da comunicação, com o surgimento de uma imprensa organizada, bem como dos aparelhos de telefone e fax, ou ainda pela agilidade e rapidez das *webs*, dos *e-mails* e redes sociais, as cartas, nesse contexto, modificaram-se, porém sua existência permanece e se transforma. Segundo a autora, espera-se de uma carta notícias em diferentes épocas, seja relatos pessoais, reflexões, confidências, revelações, sentimentos. “Se a vocação do instrumento epistolar muda, seu conteúdo também evolui” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 27).

Em entrevista à revista *Continente* (MELO, 2011), a professora Cristina Almeida, doutora em Teoria Literária, destaca que, a partir das circunstâncias atuais tecnológicas, o *e-mail* favoreceu os vínculos de maneira célere entre as distâncias. No entanto, Almeida, citada por Melo (2011, n.p), assim se pronuncia:

[...] não acho que o e-mail é uma continuação da carta, percebo-o como outro gênero que está em voga por conta da rapidez de nosso tempo. Ele é completamente diferente, cumpre um papel pragmático e imediatista exigido pela velocidade da época e também pode se manifestar de forma literária [...]. [E Cristina Almeida ressalta:] apesar de o tempo do mundo ser dominador, existem pessoas que fazem questão de manter um ritmo próprio. Algumas delas não estão alucinadas por respostas imediatas e, como diz Roland Barthes, “respeitar o tempo de cada um é saber viver”.

Portanto, a carta é um instrumento que acolhe para além de memórias e histórias, promove igualmente um diálogo que instiga o outro na troca e construção de saberes. Nesse sentido,

Uma carta é documento, instrumento para o diálogo, prosa, comunicação mais direta, coloquial, direcionada a certo interlocutor. Há nelas um sentido ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético. No âmbito da troca de informações e de saberes,

uma carta pressupõe mais diretamente uma relação entre o eu e o outro. Parece-nos que esse recurso instiga a leitura, pois remete à ideia de estarmos perscrutando, fuçando os “segredos” do remetente [...] (MORAES; CASTRO, 2018, p. 9).

2.2 CARTAS ILUSTRES

Fui desde sempre um leitor radical de cartas, diários, literatura de viagem e de outras formas da assim chamada literatura menor. Como precisasse descobrir a todo o custo o que sentiam, viveram e sofreram meus autores prediletos. Como precisasse compreender, através de suas vidas, a precariedade da existência. Como precisasse olhar para um mundo esquálido e me espantasse ao encontrar vida entre as ruínas. (LUCCHESI, 1997, p. 23).

A pesquisa acerca das cartas nos traz outras inquietações, sobretudo acerca de como um objeto instigante e de labiríntica categorização é capaz de suscitar olhares tão complexos, que resultam em contribuições no campo da história, da literatura e da educação. Como se viu, as cartas estão presentes há muitos anos, desde o prelúdio de algumas civilizações e, por séculos, foram escritas para comunicar alegrias e tristezas, manifestar dor, declarar paixões e amor, anunciar descobertas de uma pesquisa científica, entre outros.

Na Antiguidade, a epistolografia era uma arte, uma mestria pertencente a um pequeno grupo de letrados, capazes de inserir elementos constituintes da retórica, a fim de divulgar mensagens e informações. Assim, compreende-se que, por meio das cartas, realizaram-se diversas ações, entre elas, denúncias de injustiças sociais e das misérias humanas, profissões de fé, acordos de paz. Em todas elas, ecoou a voz de povos de diferentes civilizações. As epístolas foram, desse modo, empregadas para retratar, agradecer, revelar, denunciar, louvar e especialmente expor sobre si próprio, no diálogo e na expectativa do encontro.

Como já foi dito, isso acontece de formas diversificadas e de acordo com o tempo, o lugar e as necessidades, com condições adequadas a cada situação ou ao propósito comunicativo. Nesse sentido, a carta se apresenta como uma forma de interação com o outro.

Nesta imersão sobre o conhecimento voltado para as cartas, observa-se uma diversidade de cartas ilustres. Segundo Miranda (2000, p. 43-44),

Alguns documentos mais preliminares da epistolografia ocidental se devem aos filósofos gregos: Epicuro, Isócrates, Platão, entre eles. Dentre as cartas da antiguidade que hoje conhecemos há aquelas destinadas ao ensino; outras são “cartas abertas”, endereçadas à comunidade e, ainda, há as cartas de caráter reservado. Vêm dos gregos, também, os primeiros modelos epistolares: Demétrio de Falero, Filostrato e Proclo reproduziram nas suas obras modelos que ensinavam a desenvolver os temas mais variados, com as qualidades respectivas.

Nesse contexto, não se pode deixar de mencionar as cartas que escreveram a história deste país, desde a descoberta do Brasil, como a já referida missiva de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, as cartas da princesa Maria Leopoldina (esposa de D. Pedro I) e de José Bonifácio e as de Leopoldina a Pedro I, que tiveram grande contribuição para a independência do Brasil.

A seguir, apresenta-se um trecho da carta escrita por D. Pedro II, o último imperador do Brasil que, por meio desse gênero textual, revelava as injustiças que sofrera durante seu reinado (1840-1889):

No alto de uma folha de papel escrevam a data do meu nascimento e o dia em que subi ao trono; no fim; quando faleci. Deixem todo o intervalo em branco, para o que ditar o futuro; ele que conte o que fiz, as intenções que sempre me dominaram e as cruéis injustiças que tive de suportar em silêncio, sem poder jamais defender-me. (REZZUTTI, 2019, p. 576).

Em outras culturas, pode-se citar as cartas ilustres de Vincent Van Gogh, que, tal como em seus quadros, revelam características sobre seu ofício, sua casa e seus hábitos, bem como acerca da região onde domiciliava. Merece destaque a correspondência de Van Gogh com Théo, em que se verifica uma verdadeira proximidade epistolar, que mostra, de forma tocante e significativa, que Van Gogh foi realmente um artista da humanidade, que convivia de forma paradoxal com sua loucura, um homem enfermo e erudito. Além de traços de sua personalidade, seus escritos revelam o seu pensamento em relação à arte:

Abril de 1882

Eis o que penso sobre o lápis de carpinteiro. Os velhos mestres, com que teriam desenhado? Certamente não com um Faber B, BB, BBB, etc. etc., mas com um pedaço de grafite bruto. O instrumento que Michelângelo e Dürer se serviram provavelmente era muito parecido com um lápis de carpinteiro.

[...] O carvão é o que há de melhor, mas quando se trabalha muito, o frescor de perde, e para conservar a precisão é preciso fixar sem demora. Para a paisagem é a mesma coisa; vejo que desenhistas como Ruysdaël, Goyen, Calame, e também Roelofs, por exemplo, tiraram dele um ótimo partido. Mas se alguém inventasse uma boa pena para trabalhar ao ar livre, com

tinteiro, o mundo talvez visse mais desenhos à pena. (VAN GOGH, 2016, p. 72-73).

Em posterior missiva enviada ao seu irmão Théo, Van Gogh se refere sobre a importância do ofício da arte em sua vida e a dimensão da mesma para a humanidade. Em carta de 1º de setembro de 1888, o autor menciona:

[...] tenho enfim, um primeiro esboço daquele quadro com o qual eu sonho há muito tempo: o poeta. [...] Ah! Meu caro irmão, às vezes sei tão bem o que quero? Posso muito bem na vida e também na pintura me privar de Deus, mas não posso, sofrendo, privar-me de algo maior que eu, que é a minha vida, a potência de criar.
E se, frustrados nesta potência fisicamente, procuramos criar pensamentos em vez de criar crianças, continuamos, contudo, a fazer parte da humanidade.
E num quadro eu gostaria de dizer algo consolador como uma música. Gostaria de pintar homens ou mulheres com aquele não sei quê de eterno, do qual outrora a auréola era o símbolo, e que procuramos através da própria irradiação, da vibração de nossos coloridos. (VAN GOGH, 2016, p. 257).

Correspondências admiráveis como as de Dostoiévski mostram a potência da natureza em suas obras, além de uma pluralidade de vozes. De acordo com Frizero (2014), embora o escritor não gostasse de escrever cartas, deixou uma vasta correspondência, uma vez que era “[...] um cuidadoso observador da vida humana, um grande pensador, um visionário e um inegável artista” (FRIZERO, 2014, p. 7). Em carta ao seu pai, Dostoiévski solicita uma quantia para ajuda de custo durante o período em que foi admitido à Escola Militar. Vale ressaltar que esse auxílio não era voltado a seu bem-estar, pois sabia das dificuldades enfrentadas pelo seu pai. Ademais, é lícito salientar a importância do escritor com seus suportes de escrita e seus livros. Dostoiévski escreveu por quase toda a sua vida para saldar dívidas, liquidar empréstimos, pagar contas, sobreviver. Esse fato pode ser observado em carta enviada a seu pai, datada de 10 de maio de 1838:

Mas tenho em mente as suas dificuldades, e por isso não me preocupo com chá e peço ao senhor ajuda apenas para a mais básica de minhas necessidades – dezesseis rubros para dois pares de botas comuns. Ainda: eu *devo* guardar minhas coisas, como livros, calçados, pena, tinteiro, papel, etc., em algum lugar. [...] Os exames logo terminarão e então já não precisarei de livros; e como ao governo cuidar do meu uniforme, eu não devo solicitar deles as botas, etc. Mas como posso passar meu tempo sem os livros? (DOSTOIÉVSKI, 2014, p. 12).

Já na correspondência enviada pelo autor a seu irmão Mikhail, notam-se, entre outras, questões que perpassam sua entrada na Escola Militar até sua condenação à pena de morte. Nelas, observam-se elementos que narram o

cotidiano e a fatalidade que o esperava. Dostoiévski discorre sobre a alma humana, a insignificância do homem, o silêncio, os sofrimentos vividos e sentidos, as dores, as lembranças doces e amargas, suas leituras, seus livros, seu diário, os detalhes de uma vida e sua preocupação em escrever e ser consolado por uma simples uma carta. Em missiva endereçada ao referido irmão, datada de 9 de agosto de 1838, é possível verificar, na despedida, uma esperança em tempos solitários:

Escreva-me, por favor, quantas vezes puder. As cartas são uma alegria e consolo, responda ao menos esta. Espero a sua resposta em doze dias no máximo. Por favor, escreva, para que eu não me enfraqueça a ainda mais.

Seu irmão:
F. Dostoiévski

(DOSTOIÉVSKI, 2014, p. 14).

Em outra carta ao seu irmão, de 30 de julho de 1854, o autor assim se manifesta:

Finalmente recebi as cartas de nossas irmãs. Que Anjos! [...] Colocaram sua alma naquelas doces cartas. [...] Tenho estado muito ocupado e não quero escrever uma carta curta. Não sei ao certo como lhes demonstrar meu amor e atenção. Deus as abençoará!

[...] Até breve, meu querido! Escreva mais sobre você. [...] Vou terminar esta carta. E sobre o que escrevi? Apenas de minha tristeza por viver ao se lado apenas por meio dessas cartas, por cinco anos. Escreverei com mais frequência.

Seu irmão,
Fiódor Dostoiévski

(DOSTOIÉVSKI, 2014, p. 80-81)

Também vale a pena mencionar a “Carta ao Pai”, da autoria de Franz Kafka, em que a missiva é vista como uma obra literária que revela a intimidade de uma relação entre um pai autoritário, crítico e opressor e seu filho. Como se pode observar na seguinte carta

Querido Pai:

[...] Naturalmente, hoje não posso descrever sem mediações seus métodos pedagógicos nos primeiros anos, mas posso imaginá-los por dedução dos anos posteriores e a partir da maneira que você trata Félix⁸. [...] De imediato eu só me recordo de um incidente dos primeiros anos. Talvez você se lembre dele. Uma noite eu choramingava sem parar pedindo água, com certeza não de sede, mas provavelmente em para aborrecer, em parte para me distrair. Depois que algumas ameaças severas não tinham adiantado, você me tirou da cama, me levou para a *pawlatsche*⁹ e me deixou ali sozinho, por um momento, de camisola de dormir, diante da porta fechada. [...]; mas quero caracterizar com isso seus recursos educativos e os efeitos que eles tiveram sobre mim. Sem dúvida, a partir daquele momento eu me tornei obediente, mas fiquei internamente lesado. (KAFKA, 2010, p. 12-13)

⁸ Sobrinho de Kafka, filho da irmã Elli. (N.T.)

⁹ Assim do original. Termo tcheco que designa o balcão ou varanda de uma casa. (N.T.)

Ainda acerca das cartas ilustres, é preciso salientar as cartas de Rainer Rilke, um grande poeta de língua alemã e epistológrafo, que nos traz deslumbrantes olhares e reflexões sobre a vida, englobando diversos temas, tais como trabalho, infância, solidão, doença, morte, linguagem e fé. No trecho a seguir, Rilke (2007) trata, com toda intensidade, da força do amor sobre o mundo e do encontro com o outro.

Nunca entendi como um amor genuíno, elementar, totalmente verdadeiro pode permanecer não correspondido, pois ele não é outra coisa a não ser o apelo urgente e venturoso ao outro para que seja belo, abundante, grande, intenso, inesquecível: nada senão o transbordante compromisso de que o outro se torne alguma coisa. E, diga-me que pessoa poderia recusar tal apelo, quando é dirigido a ela, quando a escolhe e a encontra entre milhões de seres onde talvez estivesse oculta num destino ou inabordável no meio da fama...Ninguém pode segurar, agarrar e conter em si tal amor: ele é tão completamente destinado a ser passado a diante para além do indivíduo e necessita do amado apenas para que este lhe dê o impulso mais extremo que o lançará em sua nova órbita entre as estrelas. (RILKE, 2007, p. 256-257)

Retornando ao contexto lusófono, vale citar cartas que retratam uma amizade, vínculos mesmo que tardios, uma correspondência da vida íntima e de questões vigentes à época, trocada entre Jorge Amado e José Saramago (2017) e transcrita na obra *Com o mar por meio: uma amizade em cartas*. A seguir, destaca-se um pequeno fragmento da correspondência entre os autores, em que tratam de questões presentes em nosso país até hoje, bem como das dificuldades do país, além da esperança de ambos.

08 de maio- José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*¹⁰

Jorge Amado escrevendo do Brasil: “Aqui o sufoco é grande, problemas imensos, atraso político inacreditável, a vida do povo dá pena, um horror”. [...] Desejam um Brasil feliz e não o têm. Trabalham, esperaram, confiaram durante toda a vida, mas o tempo deixou-os para trás, e, à medida que ele vai passando, é como se a própria pátria, aos poucos, se fosse perdendo, também, ela, numa irrecuperável distância. [...] “Que posso eu fazer pela minha terra?” – e encontrar como resposta: “Nada”. Porque a pátria, Brasil, Portugal, qualquer, é só de alguns, nunca de todos, e os povos servem os donos dela crendo que a servem a ela. No longo e sempre acrescentado rol das alienações, esta é, provavelmente, a maior. (AMADO; SARAMAGO, 2017, p. 17).

TIAS (Lanzarote), 18 de maio de 1993

Querido Jorge, querida Zélia,

A inquietação é muita, mas a esperança é maior. [...] Se o espírito serve para alguma coisa nestes casos, asseguramos-te, querido Jorge, que o

¹⁰ SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

nosso está a usar de toda a força para te ajudar, em união com teus infinitos amigos e leitores (AMADO; SARAMAGO, 2017, p. 17).

Também é relevante citar as cartas encontradas nas obras de Marco Lucchesi, que revelam o primor de sua excelência literária epistolar. No conjunto de suas contribuições, ressaltam-se as cartas de Nise da Silveira¹¹ e o autor. Trata-se de importante instrumento de pesquisa, por reunir humanidade, inteligência, alteridade e afetividade. Um compartilhar de sentimentos e confissões, um elo, uma amizade registrada ao longo do tempo (SILVEIRA, 2003).

No *release* de *Viagem a Florença*, de Lucchesi, consta o seguinte:

Mesmo seus pequenos bilhetes, cartões e postais são plenos de poesia, filosofia, afeto, muita experiência e, não raro, brincadeiras brilhantes, como a simulação de uma carta de seu gato Leo à gata de estimação de Lucchesi, Beatrice. Tudo endereçado a seu "dilettissimo" amigo, sempre tratado por superlativos carinhosos. Lá está a Nise apaixonada por gatos, a Nise atenciosa com as pessoas queridas, a mulher que nutria um profundo respeito pelo ser humano, a sábia (ROCCO, 2003, n.p).

Quando se refere à esperança de uma transformação social, refere-se a um diálogo com a educação, um movimento de reflexão constante sobre uma prática que educa por meio das relações estabelecidas com o outro. A esse respeito, é necessário mencionar Paulo Freire e suas contribuições relacionadas às cartas propositalmente pedagógicas. Moraes e Paiva (2018, p. 7) destacam que ter esperança especialmente nas pessoas e na transformação social, de si mesma e ao seu entorno, faz parte da natureza humana e, nesse sentido, não há como não associar essa ideia aos postulados de Freire. Para Gadotti (2011, p. 14), "[...] ao escrever pedagogias, Paulo Freire, sentia-se próximo dos educadores, de seus leitores e leitoras, e eles se sentiam e sentem-se implicados, tocados, pelos seus escritos".

Sem dúvida, o diálogo permeia seus escritos, constrói conhecimentos e reinventa novos caminhos, na busca de um verdadeiro caráter democrático e de humanização.

Em Sócrates, o diálogo dá-se entre quem sabe – o filósofo – e o que não sabe, o ignorante, o escravo. Em Paulo Freire há uma relação de reciprocidade e de igualdade na relação dialógica. Ele valoriza o diálogo como processo de humanização de ambos os sujeitos. E isso parece também nos seus escritos. Podemos dizer que, nas cartas de Paulo Freire,

¹¹ Nise da Silveira foi uma psiquiatra brasileira reconhecida como a pioneira no uso dos tratamentos humanizados para os pacientes com transtornos mentais. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/nise-da-silveira.htm>. Acesso em: 28 set. 2022.

existe uma espécie de “co-respondência” e uma “co-perguntância”, isto é, não é só um que responde à pergunta de outro: os dois perguntam e respondem (GADOTTI, 2011, p. 14).

Paulo Freire escreveu três importantes obras que consistiam em “ensaios em forma de cartas”: a primeira, *Cartas a Guiné-Bissau* (1978); a segunda, *Cartas a Cristina* (1994); e a terceira, *Professora Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (2002). Por meio delas, de modo mais informal, o pedagogo estabelece um profundo diálogo com o(a) leitor(a) e com sua própria prática.

Em *Cartas a Cristina*, menciona-se a vida da sobrinha Cristina, que demonstrava interesse e desejo de conhecê-lo melhor. Para realizar esse desejo, Freire escreve várias cartas a sua sobrinha. A leitura das missivas traz elementos sobre seu contexto social e seu ofício, bem como sobre a importância de fazer a própria parte, enquanto educadores comprometidos com uma transformação de fato.

Na sequência, apresenta-se um excerto de uma das cartas enviadas por Cristina a seu tio:

“Ouvir” sobre suas idas e vindas, as vivências familiares, as opções de vida, a construção de seu trabalho, do seu acreditar nas possibilidades infindas do homem e da mulher, foi uma confirmação de que sonhar é preciso. Lutar pelos nossos sonhos é imprescindível, para que continuemos vivos, atuantes e nos surpreendendo com os descompassos sociais em que estamos inseridos. Perder a capacidade de sonhar e de surpreender é perder o direito de atuarmos como cidadãos, enquanto instrumento de mudanças, sejam elas quais forem: sociais, políticas, afetivas, etc. (FREIRE, 2003, p. 245).

Assim, Cristina e Freire ensinaram, de forma generosa, que receber e ler, escrever e enviar cartas é uma prática dialógica. Partindo dessa premissa, toda carta recebida mantém, em si, o desejo de uma resposta e revela aprendizados e transformações, como se observa neste outro fragmento:

Fico feliz em sentir e perceber, depois de tantas cartas enviadas e recebidas, de tantas saudades e curiosidade, às vezes até infantis, tanta sede de conhecer seu universo, as suas “idas e vindas”, o quanto foi importante para minha formação enquanto profissional, mulher e cidadã, a sua participação, o seu trabalho, as suas questões sempre tão bem levantadas e colocadas e sua bela insistência em lutar pelos seus sonhos. Muito carinho
Cris
(FREIRE, 2003, p. 246).

2.3 MARCO LUCCHESI: INTERLOCUÇÕES COM O DIÁLOGO EPISTOLAR

Arde em mim a chama da espera. Por isso me descoloco [...]. Cultivo o diálogo, laços que aproximam [...]. (LUCCHESI, 2000, p. 15)

Ao pesquisar sobre a literatura de Lucchesi se é chamado constantemente a expandir horizontes sobre o mundo, estabelecendo relações com o nosso interior, por meio de ações como provocar, desestruturar e mover. Mediante a menção da beleza e das barbáries encontradas ao redor do mundo, ao mesmo tempo que fomenta uma cultura de paz, o autor busca manter um diálogo interdisciplinar, isto é, possibilita uma escuta, criar vínculos e promover uma interação dialógica com o outro.

Referências estas, entre diversas obras encontradas, uma esmera escrita poética, mestria em literatura e crítica, poema e ficções, presentes nas produções literárias de Marco Lucchesi.

Fusaro (2016, p. 12) evidencia que a

[...] originalidade literária de Lucchesi o tem mantido em constante diálogo com o gênero epistolar na atualidade. Seu destinatário mais recente: o leitor. “Nove Cartas sobre a Divina Comédia: navegações pela obra clássica de Dante” (2013) e “Carteiro Imaterial” (2016) mantém, contemporaneamente, o gênero epistolar como alta literatura ensaística, em tempos em que os e-mails, dentre outras correspondências eletrônicas, redefinem o gênero.

Isso posto, é lícito questionar o motivo de, neste trabalho, referir-se a um “Lucchesi epistolar”. Embora, durante a pesquisa, não foi encontrado nenhum material específico acerca da publicação de cartas do referido autor, é ponto pacífico que sua escrita tenha características epistolares. Em *Marco Lucchesi: Poeta do Diálogo* (BAPTISTA *et al.*, 2022), quando perguntado sobre a não publicação de cartas enviadas, no capítulo *Entrevista sobre as entrevistas*, Lucchesi (2022c, p. 19) assim se pronuncia:

Publiquei dois livros de correspondência passiva: Nise da Silveira e Paolo dall'Oglio, além das cartas de Israel Pedrosa, organizadas por Felipe Lima. Por que as minhas não aparecem? Porque não sou missivista. Dificilmente escrevo cartas como gênero. Mando bilhetes para dar impulso aos meus interlocutores, mas não passam de espasmos. Somente hoje, quem sabe, comece a modificar essa antiga disposição...

Em *Carteiro Imaterial*, observam-se as ressonâncias do autor em um diálogo que habita a liberdade quando se refere a Santo Agostinho: “[...] ponto nevrálgico do

diálogo em que devemos insistir” (LUCCHESI, 2016, p. 16), o desejo de um diálogo que serene a paz, seja no Oriente Médio ou na América Latina, denunciando projetos meramente ligados ao capital e valores econômicos, estabelecendo a incomplacência e desavença na qual o indivíduo perde seu lugar de excelência, o de sujeito de direitos.

Contempla-se a este diálogo, igualmente, as denúncias sociais, a “malignidade” de ordem econômica, inquietudes sobre o andejar da democracia, a conexão entre o Ocidente e o Oriente, em mares Mediterrâneos e com um esperar na correspondência entre Lucchesi e o poeta Ataul Behramoğlu¹²:

Admiro-lhe o esforço na construção de um diálogo mediterrâneo [...]. Não se trata de um mar homogêneo, mas de algo flutuante e descontínuo. Um laboratório espantoso. [...] Para um futuro, talvez, um mar republicano, cheio de perspectivas. [...] Mar sem passaporte, nem alfândega, livre de naufrágio. Mais que uma área de livre comércio, território de fluxo intercultural. (LUCCHESI, 2016, p. 32).

Preocupo-me com o norte da África, em face de uma hesitante primavera democrática [...]. As lágrimas da rebelião civil da Síria batem as portas da Turquia. Parece que as velhas civilizações do Mediterrâneo sofrem as dores do crescimento. [...] A Grécia, como vítima de um capitalismo senil e devastador, responde com a delicadeza de Safo, ao contemplar as Plêiades à meia noite.

As sete estrelas valem a zona do Euro?

Caro Ataul, escrevo-lhe movido pela inquietação. (LUCCHESI, 2016, p. 32-33).

Meu caro poeta, o quadro me parece árduo. E, contudo, tenho comigo um resíduo de esperança. Eis por que lhe escrevo desta parte do mundo. Somos filhos do Mediterrâneo. [...]

Não se preocupe em apontar soluções. Sei que você não aprova, tal como eu, uma espécie de cartomancia da sociedade atual ou uma filosofia da história, que tire conclusões gerais, diante de uma crise de longa duração, em torno da qual é preciso responder com maior fluxo de pensamento, bolsas de estudos, programas de cultura. [...]

[...] Quero lembrar-lhe, como despedida, dois versos de um velho poeta alemão que soam assim: onde há perigo, cresce também o socorro.

Forte abraço, Ataul! (LUCCHESI, 2016, p. 34).

Ademais, o diálogo nasce do encontro, na interação e relação com o Outro, nas diferenças de ações, de pensamento e de compreensão do mundo. Trata-se de passos importantes para uma sociedade mais igualitária e democrática. Lucchesi menciona esse encontro – esse diálogo – de forma iluminada e legítima:

¹² Ataul Behramoğlu (13 de abril de 1942, Çatalca) é um poeta, escritor, tradutor, jornalista, dramaturgo e conferencista turco que tem muitos trabalhos em diferentes gêneros, como poesia, ensaios, análise-pesquisa, teatro, viagens, tradução, antologia, literatura infantil literatura e letras. Disponível em: https://www-bkmkitap-com.translate.goog/blog/ataol-behramoglu?_x_tr_sl=tr&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc. Acesso em: 2 out. 2022.

Precisamos da chama desse encontro sensível, que não elimine a diversidade, que não apague a filiação religiosa e cultural, que não destrua a beleza das partes [...]. Seria como impor o deserto da teologia de mercado sobre a riqueza de poéticas antigas.

[...] Como diz Martin Buber, não existe o Eu isolado, como não se sustenta sozinho o Tu. Não pode haver um Eu em si, mas um Eu-Tu, a gênese correlata do diálogo.

[...] O diálogo não prospera numa casa de vidro, desabitada e fria. [...] Fosse apenas isso, não seria mais que um simulacro, sem a beleza de tudo que somos. Poque o Outro deve ser fonte de encantamento. (LUCCHESI, 2016, p. 36-37).

Em outro momento, encontra-se um Lucchesi inventivo e destemido em relação ao tempo. Na ocasião, diante de monótonos debates acerca da ortografia, o autor decide escrever uma carta para seu amigo Evanildo Bechara¹³, propondo: “Um duelo com a escrita. [...] O português na ortografia dos ideogramas.” (LUCCHESI, 2016, p. 130).

Karo amigo,

Pesso encarecidamente ke considere kom boa vontade a presente missiva, ke dirijo a um omem douto, mestre dos mestres, linias, por isso mesmo, eskritas kom temor e tremor.

Sobretudo nos dias ke correm, dias de mudanças radikais, onde sossobram sertezas e medram ardidos kaminhos.

[...] Lingoa liberta e nassente, lingoa leve, sem a pezada erudição ke onubila, ao fim e ao kabo, a imagem daquilo ke realmente keremos dizer.

Asseite o meu abrasso cordial, keirame bem!

Kom a estima ke devo ao mestre e amigo,
Marko

(LUCCHESI, 2016, p. 130-131).

Também merece destaque o episódio em que, ao lado de Faustino Teixeira, ao saber do sequestro do Padre Paolo dall'Ogli¹⁴, Lucchesi redige uma carta aberta em árabe e em português, em favor da libertação do religioso. E aqui se vê a carta como um instrumento que acolhe vozes, que denuncia desigualdades e injustiças, manifesta desejos e anseios, declara conciliações, acordos e serenidade, independentemente do lugar em que se esteja e que se habite.

¹³ Evanildo Bechara é membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, da Sociétê de Linguistique Romane etc. Doutor honoris causa da Universidade de Coimbra (2000), é autor de diversos livros e artigos sobre Filologia, Linguística, Língua Portuguesa e assuntos correlatos. Diretor das revistas Littera e Confluência (1990-2005). É autor da célebre Moderna Gramática Portuguesa. Pela editora Contexto é autor do livro Ortografia da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/categoria/autores/e1/evanildo-bechara>. Acesso em: 4 out. 2022

¹⁴ Paolo Dall'Oglio é um padre jesuíta italiano e ativista da paz. Ele foi exilado da Síria pelo governo em 2012, por se encontrar com membros da oposição e criticar as supostas ações do governo sírio durante a guerra civil síria. Ele foi sequestrado pelo Estado Islâmico do Iraque no Levante em 29 de julho de 2013. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Paolo_Dall%27Oglio. Acesso em: 4 out. 2022.

Caros irmãos,
 [...] Acompanhamos com apreensão o desaparecimento do abuna Paolo dall'Oglio, que ama a Síria e o islã, sem meio-termo, com a entrega total de sua própria vida, dentro e fora da Síria.
 [...] Escrevemos a vocês, homens de boa vontade, que ajudem a encontrar o padre Paolo. Todos os que desejamos uma Síria livre e renovada não podemos prescindir de uma figura de tamanha generosidade e relevo, que poderá contribuir para o diálogo profundo na promoção de formas basilares da paz.
 Que Deus nos ilumine! (LUCCHESI, 2016, p. 186-187).

Vale mencionar a correspondência trocada, em outras ocasiões, entre Lucchesi e o referido sacerdote¹⁵. A seguir, destacam-se fragmentos da missiva do autor a dall'Ogli, referente à leitura de *A cólera e a luz*, escrita por este último. O livro mostra as barbáries e a violência ocorridas no Oriente Médio e, ao mesmo tempo, propõe um diálogo esperançoso e político, de diferentes religiosidades, de libertação e paz:

Paolo, meu caro amigo, sucedem-se limpezas étnicas brutais, a olhos vistos, outras sutis, quase imperceptíveis. Que Deus abominável seria capaz de justificar o sangue no oriente médio? Leio em seu livro *A cólera e a luz*: “Quando é que a não violência se transforma numa resignação culpável? E quando é que a violência, assumida como legítima defesa, se transforma numa agressão culpável?”
 [...] Não esqueço o diálogo fraterno entre cristãos, judeus e muçumanos, naquela paisagem de pedra e areia. [...] E você falava, ao cair da noite, sobre a dimensão da esperança na Torá, no Alcorão e no Evangelho. Uma esperança também política.
 [...] Espero a sua volta logo. Você escreveu uma página soberba no livro da paz. Com a esperança de abraçá-lo, eu me despeço, com a mais viva admiração. (LUCCHESI, 2016, p. 191).

Já na obra *Marco Lucchesi: Poeta do Diálogo* (BAPTISTA et al., 2022), são compiladas entrevistas, por meio das quais é possível conhecer com mais profundidade o diálogo do escritor com as diversificadas áreas do conhecimento e com suas obras. Esse diálogo, que atravessa, interpõe-se e intercala o mundo e as

¹⁵ Acerca da amizade entre Marco Lucchesi e o padre Paolo dall'Oglio, lê-se, no site oficial do poeta: *A LONGA NOITE SÍRIA: UMA VOZ NO DESERTO* (2015)
 Em meados dos anos 1990, por conta de suas viagens ao Oriente Médio – ricamente testemunhadas na obra memorialística *Os Olhos do Deserto* (2000) –, Marco Lucchesi conheceu o padre jesuíta Paolo Dall'Oglio, com quem logo formou uma sólida e fraterna amizade. O presente epistolário *A Longa Noite Síria: uma voz no deserto* (2015) nos é prova do laço entre ambos. Paolo Dall'Oglio criou um centro dedicado à paz e ao diálogo na milenar comunidade de Deir Mar Musa, em pleno deserto sírio. Infelizmente, seus esforços humanitários se viram ameaçados com a intensificação da crise política na Síria, a partir de 2011. Com o terrível e radical acirramento das hostilidades, Dall'Oglio se viu expulso do país; não admitiu, contudo, refrear seus esforços pela paz. E assim, ao retornar às fronteiras sírias em 2013 para dar assistência aos refugiados, foi eventualmente capturado pelo Estado Islâmico, sendo dado como morto desde então. Este epistolário, relato de um compromisso político de esperança e de indignação, não deixa de ser, também, o testemunho de uma amizade e de uma humanidade em seu mais alto grau. Disponível em: <https://www.marcolucchesi.org/contato>. Acesso em: 30 set. 2022.

ações, é, para Lucchesi, o seu destino, bem como uma interlocução entre o Ocidente e o Oriente, na poesia e na matemática, na astronomia e na religião, entre outras áreas. Em uma entrevista a Zóia Prestes, no capítulo *Eu e a Rússia*, quando questionado se, para um tradutor, bastava conhecer outro idioma ou se eram necessárias outras qualidades, Lucchesi (2022d, p. 105) assim responde:

Lembro de Lucien Febvre¹⁶, dizendo aos historiadores: não sejam historiadores, mas antes, arqueólogos, estudiosos de direito, amantes da arte, leitores de economia e sociologia, atentos aos estudos teólogos, científicos e literários, só depois a história virá com mais vigor.

Lucchesi é, portanto, um autor que fala pelas pessoas, como se pode evidenciar em *Estética do Interdisciplinar*: “[...] as memórias de Lucchesi, por sua vez, são pessoais, mas, ao mesmo tempo, universais. Tratam de acontecimentos e, antes de tudo, de sentimentos que fazem parte da vida de todos(as) nós” (OLIVEIRA, 2020, p. 218). Trata-se, pois, de uma voz que se representa e que se manifesta, ao se observar sua preocupação com o cenário desafiador que perpassa este país, bem como com as políticas de exclusão social. Em entrevista a Anna Luiza Cardozo, no capítulo *Entre armas e livros: qual a dúvida?* Lucchesi (2022a, p. 143) analisa que as pessoas vivem hoje em “[...] uma época tremenda e dolorosa. [...] Os tempos de hoje são abomináveis. Caminhamos entre as ruínas morais da República”. Diante disso, o autor menciona que a chave para lidar com a desigualdade é a educação.

No que se refere à interdisciplinaridade de Lucchesi, Baptista (2021, p. 100) afirma: “Marco Lucchesi nasceu, por assim dizer, interdisciplinar. Dialoga com a filosofia, astronomia, física, química, alquimia, matemática”. Esse diálogo acresce perspectivas e move as pessoas a buscarem e saberem cada vez mais. A inquietude amplia horizontes, fato de grande importância quando se refere ao ensino-aprendizagem.

O poeta menciona a necessidade de “armar” as escolas e a educação. Trata-se de um alerta para a importância de transformar a leitura em uma paixão. Para tanto, é preciso que ela seja uma leitura de direito, pautada em uma cultura de

¹⁶ Lucien Febvre é considerado o fundador da história das sensibilidades, da qual ele definiu os objetos e os métodos em vários textos. Esta história está inserida no projeto mais amplo dos *Annales*, que se apoiava na descompartimentação das disciplinas e na renovação dos objetos. Nesta perspectiva, a questão das emoções é central. Com base nos trabalhos de Henri Wallon, Febvre lembra os estreitos elos que existem entre a história e a psicologia. Neste despertar, é em torno da questão do trabalho que nasce a primeira colaboração entre historiadores e psicólogos. Disponível em: <https://journals.openedition.org/laboreal/19434>. Acesso em: 4 out. 2022.

argumentação, da tolerância, do exercício de alteridade, de aprender com as diferenças, pois, somente assim, conquistar-se-á um espaço mais justo e democrático. Em suma, de acordo com entrevista ao *Correio Braziliense*, no capítulo *Entre livros e abismos*, Lucchesi (2022b, p. 160): “Onde há cultura não pode haver ódio. Precisamos apostar na cultura da paz, com paciência, intensidade e vigilância”.

Por meio da análise da obra de Lucchesi, constata-se que o diálogo é testemunha de diferentes abordagens e conflitos, um meio para se conhecer e se entender em comunhão com o outro. A premência de entrar nesse diálogo conduz a um exercício profundo de reciprocidade, um exercício de se encontrar em alguma parte. Dito de outro modo, conforme Panikkar¹⁷, este é “um diálogo dialogante”, nos mais diversos campos do conhecimento, na vida e na busca incessante pela liberdade, consciência, criatividade, ética e responsabilidade social.

No que diz respeito à formação de docentes, esse processo pressupõe a vivência de apreensões e instigações, visto que uma educação literária reivindica uma postura profissional e participativa. Por essa razão, a leitura é imprescindível, pois permeia as diferentes formas de conhecimento, além de mover, sensibilizar e fortalecer. No entanto, atualmente, observa-se certo descompasso em relação a nosso percurso formativo.

No âmbito escolar, a literatura, tanto na formação docente quanto na discente, não tem um lugar de destaque, sendo constantemente desvalorizada. Logo, não há um engajamento para mudar essa situação, porém isso é necessário, uma vez que a literatura contribui sobremaneira para a formação do indivíduo, favorecendo a constituição de “um novo pensar” (BAPTISTA, 2012, p. 37-38).

Isso posto, a necessidade de envolvimento, por meio da leitura, de provocar no outro um desvendar nas entrelinhas e nos parágrafos, muitas vezes ofuscados pelo cotidiano, foram algumas provocações que impulsionaram a suscitar a *práxis* de uma educação literária:

[...] longe da doutrinação, o texto literário convida-nos a imaginar, a refletir, a questionar e, principalmente, a compreender os subentendidos, a ler as entrelinhas e, com isso, a desenvolvermos nosso senso crítico. Ao contrário dos meios de comunicação, que insistem na formação de um receptor passivo e insensível, o romance solicita atenção, reflexão e compartilhamento. A literatura, como as demais artes, estimula o cruzamento de informações, possibilita a sinergia do pensamento, amplia a

¹⁷ Raimon Panikkar (1918-2010), teólogo e filósofo, nascido em Barcelona, de família cristã-hindu, foi um dos principais expoentes do diálogo inter-religioso.

visão da realidade e até mesmo é capaz de criar realidade nova. Enseja, ainda, o surgimento e a disseminação de valores estéticos, aguçando a sensibilidade (NAVAS, 2021, p. 68).

A resposta foi o encantamento, um dos caminhos para revelar memórias, opiniões, o prazer, o relacionar-se com o outro, o desvendar de ideias, sentidos e significados. O livro *Adeus, Pirandello*, de Marco Lucchesi (2020a), foi escolhido para este desafio: um convite à poesia, ao tempo, à memória, à literatura, ao amor, à música, à introspecção, a uma narrativa em tempo-presente.

O gênero carta foi uma estratégia utilizada com a equipe, pois se compreende que esse instrumento ocasionou uma proximidade, ou seja, um vínculo, mediante um olhar reflexivo-introspectivo. Segundo Baptista (2020, p. 28), necessita-se de leveza, de romper com o que aprisiona e de liberdade para inspirações. Nessa perspectiva, a literatura e a palavra compõem uma nova significação expressiva.

Evidenciam-se, de forma geral, algumas contribuições e os movimentos de consciência que a obra *Adeus, Pirandello* possibilitaram: uma visão sobre a interpretação, o pensamento e o decifrar a realidade; a leitura da obra incentivou o diálogo e a troca de saberes entre os pares, a fim de compreender se estavam no caminho certo. Ademais, conduziram à curiosidade, à descoberta e à partilha desse feito com todos os envolvidos, um mover-se e desestabilizar, desafios que,

Por meio das personagens [...] somos habilitados a entender o lugar do eu e do outro. Capazes de nos envolver, de nos fazer rir ou chorar, de nos despertar amor ou ódio por suas ações, tais seres nos levam a experimentar diferentes sentimentos, a compreendermos como pensa e sente o outro, isto é, de nos colocarmos em seu lugar, desenvolvendo a empatia, sentimento tão necessário em um mundo marcado pela intolerância. Em outras palavras, experimentamos, por meio da literatura, emoções que originalmente não nos pertencem, mas que, em razão de nosso espírito se “colar” às palavras, permite-nos experimentar integralmente aquilo que nas histórias se desenvolve (NAVAS, 2021, p. 68)

A cada página desse livro-carta, em que os educadores dedicaram um tempo para si, mobilizaram diferentes conhecimentos e acresceram novos horizontes, conduziram à obra *Olhos do Deserto*, de Marco Lucchesi (2000), que retrata itinerâncias, memórias, uma viagem pelo deserto e uma convocação interior (um ato solitário e de renovação) e fomenta o olhar. Uma viagem que está muito além do ser viajante – ou seja, daquele que pretende se divertir ou está de breve passagem; mais do que isso, é um convite à travessia e à existência; uma conexão que perpassa a literatura, a religião, a geografia e a poética.

Aqui se destaca um trecho que mostra o encontro com a língua árabe, a qual, segundo o poeta, é uma das mais belas. Ademais, ele exterioriza sua fascinação pela escrita:

Minha paixão começou pela caligrafia. Linhas. Pontos. Corpo esbelto. Cortante. [...] O árabe é uma pele que reveste a nudez antediluviana da palavra, com tecidos finos, como a renda; transparentes, como a seda; ásperos, como a pele de camelo; cortantes, como a espada; ou sinuosos como o rio. E as letras são vassalos da revelação. [...] Deus é o calígrafo do Universo [...] O mundo originou-se das letras. (LUCCHESI, 2000, p. 61).

Alude-se, em especial, ao capítulo *Diário*, da obra *Olhos do Deserto* (LUCCHESI, 2000, p. 75), composto por anotações e cartas, bem como com a presença de alguns literatos e teóricos, na busca de respostas sobre sua inquietação e existência, sua peregrinação. Uma carta que exige uma interpretação, na busca dos autores que a referendam, isto é, a decifração da localidade em que Lucchesi se encontrava e qual mensagem há por trás desse fragmento. Esses movimentos exigem do leitor uma imersão na escrita desafiante do autor, na busca de novas direções.

Depois de Gandhi e Tagore, Aurobindo descerrou nova paisagem. O pensamento ocidental e o ariano-dravítico. Você me revelou este milagre. Pensamos numa viagem a Pondichéry. Pensamos no Ashram. *La légende des siècles*. O diálogo de Molly Bloom. O ensaio de Teilhard-Aurobindo...Impossível, a volta. Tudo permanece, do dicionário, palavras perdidas: Çiçek, flor. Sessizlik, silêncio. Carta para ♣ (LUCCHESI, 2000, p. 83)

Saudades do Paraíso (LUCCHESI, 1997) é uma produção ensaística que convida ao diálogo com algumas obras presenteadas por Lucchesi e memórias do autor, em uma perspectiva literata e sensível.

Depara-se com uma narrativa na qual a prática vivenciada pelo autor e por outros indivíduos conduz a recordações, “[...] integra lembranças, memórias, vozes, interlocutores(as) e destinatários(as)” (SIMONI, 2020, p. 87), e o leitor adentra nesse movimento.

Assim, as narrativas e missivas apresentam vivacidade, mesmo que estejam em pretérito, esquecidas “[...] num baú, ou no fundo de uma gaveta” (LUCCHESI, 1997). Nas palavras do autor, “Rompemos o lacre e – na letra miúda e redonda de outrora - lemos as cartas que nossos avós escreveram, quando noivos, e quando o leitor daquelas cartas não passava de uma hipótese” (LUCCHESI, 1997, p. 24).

Lucchesi (1997, p. 24-25), com beleza poética, estabelece uma conexão entre passado e futuro, do poeta ao leitor, e recorre

[...] a um poema de Walt Whitman. O poeta escrevia do agora para o ainda não. Conquanto o autor fosse visível, o leitor, que ainda não nasceria, permanecia na sombra, no mundo virtual, invisível.

[...] O poema-carta ligando o passado ao futuro, o poeta ao leitor, o visível ao invisível. Poema das coisas que passam. Folhas de outono.

Observa-se que Lucchesi menciona algumas cartas de forma reluzente, que deram destaque à cultura brasileira:

José de Alencar apresentando Castro Alves a Machado de Assis. Capistrano de Abreu elogiando *Uma tragédia no Amazonas* de Raul Pompéia. Euclides da Cunha magoado com os rumos do Brasil. Joaquim Nabuco consolando Machado, por ocasião da morte de Carolina. Jackson de Figueiredo, levado pelo dorso da onda da vida, a despedir-se de Alceu. Mário de Andrade... Bem, Mário de Andrade é um caso à parte. Um mundo de cartas. Como aquelas que fizeram de Cascudinho o Luís da Câmara Cascudo. Aquelas que consolaram e encorajaram Anita Malfati. Abertas e francas para o jovem Sabino. Divertidas e quase desesperadas para Manuel Bandeira. Cartas que percorrem amplas regiões humanas: da mais impressionante melancolia à mais surpreendente adesão. Impossível escrever a história da literatura brasileira sem ter passado pelas cartas de Mário. Pela rua Lopes Chaves, 546. (LUCCHESI, 1997, p. 23-24).

A obra *Nove Cartas sobre a Divina Comédia* (LUCCHESI, 2021e) é escrita por meio do gênero carta. Por conseguinte, nota-se uma linguagem que aproxima e direciona o leitor, estreitando laços. Isso propicia uma leitura acolhedora, uma verdadeira “[...] declaração de amor e, portanto, exige a forma epistolar” (LUCCHESI, 2021e). Partindo dessa afirmação, é lícito indagar se o livro pode ser considerado epistolar.

A forma com que o autor dirige a palavra e convida a viajar pela Divina Comédia é de grande beleza. Além disso, percebe-se a importância dessa obra na vida do poeta:

Minha cara amiga, meu caro amigo,
Desejo convidá-los para uma navegação de cabotagem ao longo do litoral da *Divina Comédia*, viagem sem maiores riscos, longe de vendáveis filosóficos e de arrecifes de notas que ameacem nosso navio.
Apresento aqui os itens básicos: um atlas, uma bússola, em direção a alguns cantos da Comédia. Volto ao porto em boa companhia.
A bem da verdade, não posso dizer que volto à *Divina comédia*, porque dela não saí desde que me enamorei de sua admirável trama, que refulge, cristalina, como o tosão de ouro dos argonautas (LUCCHESI, 2021e, p. 21).

Aqui, cita-se a primeira carta, na qual Lucchesi traz Dante, o egípcio. O poeta discorre sobre personagens que ele reconhece em vida e, de certa maneira, irão aparecer na obra, seja tanto no inferno quanto no purgatório ou igualmente no paraíso. Nesse texto, verificam-se as anotações de um Lucchesi muito jovem: “Dei a conhecer

[...] algumas notas do meu diário de bordo e espero que o conjunto atual destas cartas me abolsa de abrolhos e clamarias das navegações que o precederam” (LUCCHESI, 2021e, p. 22).

Entre pirâmides, hieróglifos, olhares e metamorfoses, o diálogo se estende a diferentes áreas, entre elas, a literatura, quando transfaz um poema de Drummond e diz: “[...] meu Dante e meu conflito!” (LUCCHESI, 2021e); a Matemática, na ocasião que se refere à “[...] massa e o volume da pirâmide” (LUCCHESI, 2021e); e a poética, ao dizer: “[...] cresci na *Divina comédia*, com a modulação dos tercetos, na variedade e transparência dos decassílabos” (LUCCHESI, 2021e).

Ao finalizar esse primeiro texto, Lucchesi (2021e, p. 28) gentilmente justifica o distender dessa carta e convida o leitor a continuar velejando pelos mares: “Cara leitora, a carta ficou longa. Fixemos apenas o Dante egípcio. Sem pirâmide. Cercado de hieróglifos e hermeneutas: que, na *Divina comédia*, não parem de crescer”.

Saltando para a nona carta, intitulada “As virtudes do silêncio”, observa-se tratar-se de um presente ao público: “[...] a tradução de uma pequena joia: A Teologia mística de Pseudo Dionísio Areopagita” (LUCCHESI, 2021e, p. 119). É uma ocasião generosa de agradecer aos leitores pela leitura das cartas, em que o autor dá uma contribuição para a “[...] interpretação poética e filosófica” (LUCCHESI, 2021e, p. 119) dessa desafiadora criação. Nas palavras do autor:

Sua leitura constitui um desafio. Volte quantas vezes quiser for necessário. No começo pode parecer difícil, mas abandone-se. Aceite o curto-circuito da lógica tradicional e o sentimento-ideia que o inspirou. Ouça a música das palavras e o valor do silêncio.
[...] Aceite meu abraço cordial,
Marco
(LUCCHESI, 2021e, p. 121).

Ainda nesta obra, salientam-se as últimas páginas, intituladas “Divinas Imagens – Pequena Iconografia da *Divina Comédia*”, com suntuosas imagens e comentários de Victor Burton¹⁸. Nessa parte, encontram-se obras de Botticelli, Blake, Delacroix, entre outros admiráveis, uma obra de grande magnitude.

Vale acrescentar a este estudo dois outros livros que foram organizados por Lucchesi e que tratam de epistolas, quais sejam: *Viagem a Florença: Cartas de Nise*

¹⁸ Nasceu no Rio de Janeiro [...]. Teve seu aprendizado profissional na editora Franco Maria Ricci de Milão, Itália, onde residiu de 1963 a 1979. No Brasil desde 1979, dedica-se ao design gráfico na área editorial e de produções culturais. Já realizou mais de 3000 capas de livros e 350 projetos de livros de arte. Ganhou setes vezes o prêmio Jabuti na categoria melhor capa e quatro vezes projeto editorial. Ganhou três vezes o prêmio Aloísio Magalhães de projeto gráfico, da Fundação Biblioteca Nacional. (LUCCHESI, 2021d, n.p).

da Silveira a Marco Lucchesi (SILVEIRA, 2003) e *À sombra da amizade: Cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi* (LIMA, 2021).

Nos escritos de Nise da Silveira, percebem-se alguns aspectos acerca do autor, quando se refere ao italiano (país de origem italiana): “dileto”, “diletíssimo” e, nas despedidas, “adesso” ou “bacione”.

Marco *dilettissimo*,

Este primeiro convite é para você. O percurso das reviravoltas das linhas de Fernando¹⁹ é longo, portanto, demorado. Mas espero que acabem por encontrar você nem que seja em misteriosos caminhos, voos, mergulhos no mar ou na profundidade de vulcões.

E por que nós também não nos encontraremos?
Difícil?

Bacione,

Nise
(SILVEIRA, 2003, p. 35).

Além da paixão por gatos, comum a Nise e a Lucchesi, também se observam, nessa obra, as cartas que ela escreve a Beatrice, sua gata, colocando-se no lugar do gato Leo. Nesse sentido, somos surpreendidos por um devir-animal. De acordo com Deleuze (1997, p. 11),

[...] escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.

E Nise, de forma perspicaz, reporta-se a Dante, obra pela qual Lucchesi tem afetos profundos, pois se liga às raízes de sua formação. Assim, nessa missiva, há um devir-animal de forma poética:

la ainda dizer outras coisas, mas acabou de chegar sua última carta. Fiquei desolada! Mas estou certa de que seu gato vai reaparecer. Os gatos são muito susceptíveis. Você, sem querer, o terá magoado? O gato custa a perdoar a menor desatenção. São muito exigentes. Será que você o retirou de alguma página da Divina comédia, onde ele se havia estendido? Para um gato, gato, isso é uma ofensa muito grande. Alguma mulher de coração esfiapado terá, sem querer, magoado o gato? O Gato é muito sensível. Também é boêmio e talvez esteja experimentando (SILVEIRA, 2003, p. 69).

Viagem a Florença pode ser considerado um romance epistolar. Isso porque, ao adentrar em cada missiva, observam-se paixões pela vida, lembranças e

¹⁹ Exposição de Fernando Diniz, realizada no Paço Imperial, Rio de Janeiro, de julho a agosto de 1991.

semelhanças, desveladas em um diálogo admirável e conectivo. Nas palavras de Baptista (2019, p. 329), “[...] nós, leitores, após a leitura de cada carta, somos capturados a imaginar o destinatário de forma quase obstinada”.

Já em *À sombra da amizade: Cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi* (LIMA, 2021), nota-se um intercâmbio de escrita com mais de vinte anos, do qual se originou um acervo de mais de sessenta cartas. Por meio delas, descobre-se o valor de uma amizade que atravessa a intelectualidade, ciência, arte, poesia, afetividade e política.

Lima (2021), organizador dessa obra, presenteia a todos e, ao ler cada carta, nota-se a presença da leitura do cotidiano, estabelecendo relações e olhares atentos, constituídos em um diálogo que se preocupa com seu remetente:

Para a crítica genética, a caligrafia zelosa de Israel prefigura uma preocupação eloquente, a dicção de um remetente elegante. Para além, demonstra o termômetro linguístico de alguém capaz de estabelecer um diálogo caloroso por horas a fio, um mestre generoso da conversação. Esse índice do encontro e tematizado nas entrelinhas, com o contraponto da saudade. (LIMA, 2021, p. 7-8).

Para ilustrar essa aproximação entre Israel Pedrosa²⁰ e Marco Lucchesi, apresenta-se o prefácio de Jacob Klintowitz, sobre a formação da galáxia:

Quando penso em Israel Pedrosa [...] é o artista paradigmático da nossa época, o modelo arquetípico do Prometeu, o que doa a chama sagrada para a humanidade. Israel Pedrosa era um ser incandescente. E nosso Marco Lucchesi é permanentemente o portador das muitas camadas do sentir, o senhor musical que a palavra pode adquirir entre os humanos, o som mágico que encanta a tribo. É fatal que Israel Pedrosa se fascinasse por Marco Lucchesi. A arte e a vibração dos estados sutis da matéria foram a essência de Israel Pedrosa, e Marco Lucchesi é nosso herói dos sentimentos e estados de exceção do perceber e expressar. Os dois, para a minha absoluta empatia, são homens do fazer. Neles, verdadeiramente, e talvez unicamente neles, a práxis é o critério da verdade. (KLINTOWITZ, 2021, p. 11).

A seguir, debruça-se sobre alguns elementos presentes na missiva de Lucchesi, intitulada “Adeus, Amigo”²¹. Nela, o poeta, primeiramente, expõe sua saudade, em virtude do falecimento do amigo, e relata as suas criações em “[...] ateliê-biblioteca, laboratório alquímico, meditando horas a fio os decassílabos de

²⁰ Foi professor na Universidade Federal Fluminense. Aprofundou seus estudos sobre a “cor inexistente” que, segundo ele, seria “uma cor complementar produzida pela ação dos contrastes de várias gamas de uma cor primária, levadas ao paroxismo”, entre 1969 e 1972. Continuando suas pesquisas sobre a “cor inexistente”, encontrou no escritor alemão Goethe passagens que lhe permitiram considerar este como um precursor da sua teoria. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/israel-pedrosa/biografia>. Acesso em: 4 out. 2022

²¹ Publicado originalmente na revista “Comunità Italiana”, em 29 de fevereiro de 2016.

Camões e os pigmentos de Ticiano” (LUCCHESI, 2021b, p. 17). Ademais, menciona Pedrosa como um homem insigne, de “[...] vasto saber literário, político e social [...] Terá sido o último dos humanistas brasileiros” (LUCCHESI, 2021b, p. 18).

Na despedida, Lucchesi (2021b, p. 18) promove uma reflexão sobre o futuro do país sem indivíduos, como Israel:

Haverá nova carta para um futuro mais justo e democrático em nosso país?
Caro Israel, enquanto a carta não vem, escrevo com admiração e profunda saudade.
Marco Lucchesi.

Vale citar a carta intitulada “Querido Marco”, em que Israel Pedrosa menciona e ressalta a questão do humanismo defendida por Lucchesi e reflete como a literatura traz novos rumos, o mover-se, o deslocar-se, diga-se, segundo Pedrosa (2021, p. 35):

A literatura é um apelo de fogo, onde mora meu desespero, a minha inquietação e meu paraíso”. Secundada pela legenda: “Precisamos recuperar o espanto e o entusiasmo pelo conhecimento.” Renascimento puro!
Com agradecimentos a tantas dádivas,
Seu Israel,
Niterói, 19-04-97.

Lucchesi alude, em Entrevista-Memorial, sua relação com Pedrosa em “poética da luz”. Essa “luz” está presente na ciência, nas artes, na física, na filosofia, na literatura, na poesia, na mística. Trata-se, pois, de um verdadeiro diálogo interdisciplinar, compondo uma visão poética do mundo. A seguir, apresenta-se um fragmento desse texto:

Eu gostava muito de conversar com Israel e ele também gostava de ouvir e trabalhar com a questão da luz nas famílias neoplatônicas. Conversávamos sobre Plotino, a periplampsis, quer dizer, a luz circunjacente, a luz difusa. A princípio a luz mística; ele gostava de Dante. Eu apresentava a luz de Giotto para frente, inclusive as experiências que ele gostava de observar em Tintoretto, essa luz era mais complexificada e o próprio Caravaggio, pelo qual ele sentia profunda atração. Realmente a luz desempenhava um papel fundamental, e essa ideia do fascínio e do encantamento era realmente a palavra... [...] Israel gostava muito de falar de uma física poética, desse empenho extraordinário na construção de um mundo através de uma visão poética. (LUCCHESI, 2021c, p. 164-167).

Já em texto publicado na quarta capa do livro *O universo da cor*, de Israel Pedrosa (2009), Lucchesi menciona obra talentosa inaugural de Israel Pedrosa, intitulada *Da cor à cor inexistente*, “[...] como dizia Guimarães Rosa, bastava o termo da cor inexistente para consagrá-lo” (LUCCHESI, 2009, p. 173), um trabalho que

teve reconhecimento internacional e elevou conceitos sobre a questão do pensamento estético em nosso país.

Ainda vale destacar um dos surpreendentes trabalhos de Pedrosa, intitulado *O Brasil em Cartas de Tarô*, que mostram a cultura brasileira, “[...] os mitos e personalidades históricas que vivem sobretudo no imaginário popular e que constitui basicamente a alma do povo brasileiro” (PEDROSA, 2000, n.p). O artista utilizou o tarô como um modelo narrativo, e seu desafio foi encontrar pessoas que representassem determinada figura. Em alguns casos, em que havia mais de uma pessoa que se adequasse a determinada carta, foi necessário um movimento de busca e pesquisa, de leituras, para que, de fato, seu objeto se aproximasse mais do seu propósito. E aqui exemplifica-se a carta do mago (figura de tarô), simbolizada por Carlos Drummond de Andrade, “[...] que representa o saltimbanco e as possibilidades de todas as peripécias da arte, de maneira magnífica com sua poesia, o maior poeta da nossa língua” (PEDROSA, 2000, n.p).

Também merece destaque sua visão belíssima sobre a carta sol (figura de tarô) e a importância da arte monocromática em suas produções. Nas palavras do artista, “[...] seu vocabulário plástico, essas transformações são chamadas de mutações cromáticas” (PEDROSA, 2000, n.p). E como não mencionar a carta que representa o sol, símbolo da inteligência brasileira? Pedrosa (2000, n.p) completa:

[...] o futuro que gostaria para o país seria que o sol iluminasse as nossas consciências para as transformações do Brasil no sentido de terminar com as mazelas das desigualdades sociais existentes hoje em dia e nos coloca entre as nações mais atrasadas.

Em suma, nas palavras de Lucchesi (2021c, p. 174): “Israel não vive exilado, revelando-se antes o mais contemporâneo de seus colegas de arte e existência [...] com seu gênio prudente e arrebatado, de poeta e engenheiro, sábio e operário da cor”.

Lucchesi contata com diferentes áreas do conhecimento. Suas obras envolvem um verdadeiro diálogo epistolar com o país, com a educação, literatura, em defesa da pluralidade e da liberdade, da luta contra as injustiças sociais e com uma cultura da paz, de humanidade e poeticidade.

E, para finalizar este percurso, em entrevista ao Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz no capítulo *Onda conservadora e regresso civilizacional*, destaca-se uma metáfora de Lucchesi (2022e, p. 164): “[...] eu diria que o Brasil é o

próprio livro. Esse livro ainda não escrito”. Ademais, vale a reflexão acerca da necessidade de se escrever a própria história.

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA EPISTOLAR: EXERCÍCIO DOCENTE

CAPÍTULO 3 – A PRÁTICA EPISTOLAR: EXERCÍCIO DOCENTE

3.1 ADEUS, PIRANDELLO: CARTAS, DESAFIOS E DESLOCAMENTOS.

O livro *Adeus, Pirandello* (2020a) foi o último romance lançado por Marco Lucchesi, que completa a trilogia sobre o Rio de Janeiro. Na nova narrativa, retrata a passagem de Luigi Pirandello (1867-1936) pela então capital da República (LUCCHESI, 2021d), e um misterioso desaparecimento. Uma história em que “[...] solidão e esperança caminham lado a lado” (LUCCHESI, 2021d, n.p), nas palavras do próprio autor.

O romance exprime temas como a literatura, solidão, amor, uma narrativa tempo-presente, em que os títulos flutuam semelhantemente à composição de uma música, uma verdadeira educação dos sentidos, na qual Lucchesi faz uma defesa da audição.

Um romance escrito em tempos labirínticos e desafiadores, em que se precisa do outro, de uma orelha e de um ouvido...

O trabalho desenvolvido a partir da obra

Vive-se em um cenário trabalhoso em relação à formação docente e a uma educação literária, consumidos por olhares estilhaçados, a carência de sentidos e acometidos pela necessidade de respostas velozes frente às atualidades tecnológicas, deslocam-se para uma escassez de interpretação, entendimento, discussão e análise. Neste sentido, é necessário “[...] abarcar a literatura em todas as suas plenas possibilidades” (BAPTISTA, 2015, p. 103).

Lamentavelmente, observa-se que, nas escolas, a formação e a prática docente, o trabalho com os alunos e crianças, infelizmente, não enaltece a literatura. Nota-se um descompromisso que prejudica, de certa maneira, o exercício de pensar e refletir.

O texto literário é muito além de exercer rotinas “pré-estabelecidas” pelos educadores. A leitura é possibilidade de atravessar múltiplos saberes, de oferecer sentidos e significados aos educadores. Contribuindo com uma prática educativa de transformação e liberdade,

[...] criaremos a necessidade da leitura. Leitura e literatura não são hábitos. Tal enquadramento reduz o papel da literatura. Leitura e literatura são processos de construção sempre em andamento e se transformando. Um bom leitor é “construído” a partir do momento em que ele, de alguma forma, encontre sentido, significado, valores, naquilo que lê. (BAPTISTA, 2012, p. 65).

Sensibilizar através da leitura, despertar para o desconhecido, através de olhares inertes, seja pelos fragmentos do cotidiano ou pela carência formativa ou tão-somente ausência de conhecimento, foram alguns aspectos que se levou em consideração ao desenvolver esta pesquisa.

Este trabalho teve início com um grupo de educadores em uma unidade escolar onde atua a pesquisadora. Destaca-se neste percurso que uma pergunta sempre esteve presente: como deslumbrar essa prática? A princípio, algo simples, mas de grande complexidade. Acredita-se na riqueza e saberes envolvendo o trabalho com a literatura na educação e, da mesma forma, conforme afirma Baptista *et al.* (2022, posição 321), “A literatura preenche os vazios existenciais que leva, como uma correnteza furiosa, os nossos sonhos e objetivos”. E igualmente, “[...] a leitura é uma defesa do infinito” (LUCCHESI, 2021f, p. 27).

Sedução foi um dos objetivos para revelar memórias e opiniões e abraçou-se a carta como instrumento, um gênero mais humanizador, de aproximação com o outro. De acordo com Lucchesi (2020a, p. 28), necessitou-se de leveza, romper com o que aprisiona, liberdade para inspirações, na qual a literatura e a palavra compõem uma nova significação expressiva.

Como mencionado no capítulo anterior, o livro escolhido para esse desafio foi *Adeus, Pirandello*, de Marco Lucchesi. Uma obra que desperta olhares, oportunizando inquietudes, a cada capítulo se extasia, ficção e realidade, dúvidas a serem desvendadas.

Apreendidos por suas obras, nota-se, em suas composições, que a literatura estabelece diálogos com as demais ciências e linguagens, transpassando lacunas e inserindo elementos de grande relevância, que deveriam ser considerados para que perfaça uma prática docente interdisciplinar.

Como compartilhar essa obra com os educadores? Simplesmente oferecer uma leitura? Um livro não “didático”? Era uma convicção que não correspondia às instigações e desdobramentos que se queria despertar. Com afetividade e cuidados, a obra foi disposta em um simples embrulho, com um laço e um pêndulo, uma apresentação para fomentar o esmero pelo livro e pelo autor.

Imagem 1 – Entrega do livro *Adeus, Pirandello*



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Durante a leitura da obra, realizada pelos educadores, foram planejadas duas rodas de conversas, dois momentos formativos em uma perspectiva dialógica, o primeiro momento foi com a participação do grupo de professores, na maioria com formação na área da educação, e o segundo com os educadores, funcionários e estagiários. Destaca-se que, neste segundo grupo, há alguns que possuem

formação na área da educação e outros somente com o ensino médio ou que cursaram o ensino médio em áreas diferentes da educação.

Os encontros foram organizados de forma que não coincidisse com a jornada de trabalho dos educadores; os mesmos foram realizados no período noturno, com a participação, de forma generosa, da professora Ana Maria Haddad Baptista, pesquisadora e ensaísta, atualmente professora da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), nos quais se teve o prazer e a alegria de vivenciar estes momentos significativos, estabelecendo trocas e aprendizados, um verdadeiro diálogo, possibilitando olhar diferentes ângulos que a obra proporcionou. Em seguida, os educadores foram convidados a escrever suas impressões, através de cartas, endereçadas à assistente pedagógica da unidade escolar.

Após a entrega do livro, ouviu-se, pelos espaços da escola (como parque, corredores, refeitórios e sala de reuniões), murmurinhos, incertezas e certas preocupações, motivadas pela leitura da obra *Adeus, Pirandello*. A circulação de informações foi intensa e os olhares... Combinação de realidade ou ficção, à procura de respostas, de uma continuidade. Observou-se uma certa “agitação”; gesticulações e provocações foram principiadas...

Através do trabalho com as cartas, foi possível constatar as emoções vivenciadas na unidade escolar, após a leitura e as rodas de conversa. Essa caminhada abrangeu o coletivo da unidade escolar, impulsionando a coragem e os desejos acerca de novas reflexões. E o mais importante: desafiaram a si mesmos, não esperaram respostas, foram à descoberta!

Nesse sentido, as contribuições importantes da leitura e literatura são indiscutíveis e este despertar que se vivenciou proporciona mirar a leitura como vida, como conhecimento, com paixão e transmutação. Conforme Lucchesi (2021f, p. 27) “[...] talvez por emprestar rostos, vozes e paisagens, a leitura lança uma hipoteca sobre a vida”.

Cartas sobre a obra Adeus, Pirandello, de Marco Lucchesi

Destaca-se, neste contexto, que, após a leitura realizada da obra, os encontros realizados e as cartas enviadas (a maioria foi através de e-mail e somente uma carta foi manuscrita), todas estavam desejosas em ler estas cartas, saber dos desdobramentos vivenciados, anseios e desafios ao lerem este livro. Sem dúvida, o

registro foi um material valioso para esta pesquisa. Segundo Madalena Freire (2008, p. 56), é através do exercício da escrita que a capacidade de refletir conduz a elaborar questionamentos, formulando condições para buscar novos aprendizados, nas palavras do autor, “[...] levando a aprender mais e mais, tanto a formulá-las quanto respondê-las”.

Evidenciam-se algumas contribuições, inquietudes e esperanças que a obra *Adeus Pirandello* possibilitou. Ao imergir na literatura de Marco Lucchesi, pode-se constatar, segundo Da Rolt (2020, p. 28-29), que,

Diante do texto Lucchesiano somos convidados a experimentar os extremos gravitacionais da linguagem: ora fincados na terra e na imanência, ora expelidos para os gases da transcendência. Assim, em cada palavra se desvelará uma direção a seguir. Em cada direção haverá novas bifurcações. Ninguém penetrará os desafios de sua escrita se não experimentar a insegurança de estar vagando entre vários zênites.

Em algumas cartas abaixo, foi possível averiguar este sentimento,

*O que dizer sobre minha impressão?
Um quebra cabeça? Onde tentamos encaixar as peças que
estão misturadas, mas cada uma tem seu lugar certo para
ficar formando a imagem de um quadro se faltar uma
peça ou se for colocada em lugar errado compromete toda
a ideia do significado do quadro.
Uma colcha de retalhos onde cada pedaço de tamanhos,
cores, e estampas são diferentes, mas compõe e completa
uma única peça.*

Eduardo²²

*Fala de amor platônico, pandemia, e do ser inconcluso que
somos, entre outros assuntos. Não direi que ficaram muitas
lembranças, como também não seria uma literatura que
compraria ou leria. A meu ver, vai e volta, num combinado
entre real e imaginário.
Algumas vezes pareceu-me trazer características do
personagem, outras, algo oculto que buscava trazer à tona,
por esta incompreensão meu cérebro buscava fazer
conexões que em vão entendia. Este tipo de literatura que
vai e volta, realidade e imaginário, faz-nos chegar ao
final, no vazio de incertezas e provocações.*

Sua amiga de sempre!!!

Virgínia

Excelentes obras literárias, no caso de Marco Lucchesi, têm este “poder” de desestruturar e conduzir à reflexão. A aquisição de novos conhecimentos atravessa

²² Os nomes dos participantes foram inspirados em diferentes literatos de relevância de diferentes áreas do conhecimento.

as pessoas e as desloca para novos lugares. Como se observa na obra intitulada *Teatro Alquímico*, de Marco Lucchesi (1999, p. 91),

Um clássico é sempre um divisor de águas em nossa história. Um acontecimento impressionante. Um incêndio. Um terremoto. Deve perturbar e arrebatá-lo. Toda a sua leitura repercute em vários órgãos de nosso corpo. Sim, porque alguns livros recordam que somos pensamento. Outros, recrutam o sentimento. Outros, ainda, perturbam o sono. Um clássico deve tocar o cérebro e o coração, os ossos e as vísceras, tirar o sono, triturar nossas certezas, esmagar nossos erros.

Nos trechos das próximas cartas, encontra-se este “estremecimento” quase que coletivo,

Foi um livro que causou muitas dúvidas, o que forçou não apenas a mim, como a várias pessoas do grupo pesquisar o que era real e o que era apenas uma invenção do autor. Se a intenção do autor era causar uma inquietude no leitor, deve confessar que ele conseguiu esse objetivo com êxito. Formou-se vários grupos de discussão durante o período em que estávamos lendo, onde cada um tentava expor aquilo que entendeu, que achou durante as pesquisas.

Lucio

Nossa o que dizer dessa obra literária... Vou começar dizendo que de início achei de difícil entendimento, que acreditei ser várias histórias. Com vários comentários na unidade escolar, pois virou o assunto da semana ou até mesmo do mês e resolvi ler novamente com um olhar mais focado e com os encontros sobre o livro, fiquei mais interessada pela leitura e pelo autor.

Paul

O livro Adeus Pirandello!! Achei uma escrita intrigante e que desperta curiosidades sobre o tema, pois em alguns momentos não há para distinguir o que seria utopia ou realidade, sendo quase que obrigatório uma breve pesquisa para se aprofundar ainda mais no assunto e entender a narrativa do Autor, da história em si!!

Octavio

Pesquisando percebo que Pirandello realmente existiu, novamente mais pesquisas para conhecer seu trabalho. Tornando assim um livro intrigante e cheio de surpresas, enfim poderia passar o dia falando da história rsrsrsrs. Com esse livro conseguimos sair um pouquinho do senso comum e perceber que a busca pelo conhecimento nunca deve parar.

Bravo Marco Lucchesi, bravo.
Georges

Destaca-se, igualmente, nas cartas descritas acima, especialmente por Lucio, Octavio e Georges, que eles despertam para a importância de uma pesquisa mais apurada, na busca de informações para “decifrar” as entrelinhas da obra. Um movimento evidenciado pelo diálogo e uma troca coletiva, assim como um “deslocamento”, “sair do senso comum” foram elementos significativos encontrados nestas missivas.

Diante deste cenário, observa-se o quanto se tem que progredir. Neste sentido, pode-se constatar que

[...] a educação revela-se como um empreendimento político, que trabalha com valores humanos, e a literatura, por seu turno, promove a ampliação das possibilidades de vida no leitor. Quando adequadamente oferecida, abre caminhos para o sujeito refletir, sentir, sair do estado de alienação e, conseqüentemente, pensar e questionar. (NAVAS, 2022, posição 1999-2005).

A carta escrita por José explicita a dificuldade dos educadores em compreender os textos literários.

A escrita do autor é como uma melodia que vai se atrelando em várias poesias formando uma prosa. Confesso que tive um pouco de dificuldade para compreender o livro, ainda não sei se o compreendi. Acho que o diferente nos estranha aos olhos. Acredito ser uma leitura para poucos que a podem decifrar mais a fundo, mas a experiência foi boa e mostrou que preciso ler mais.

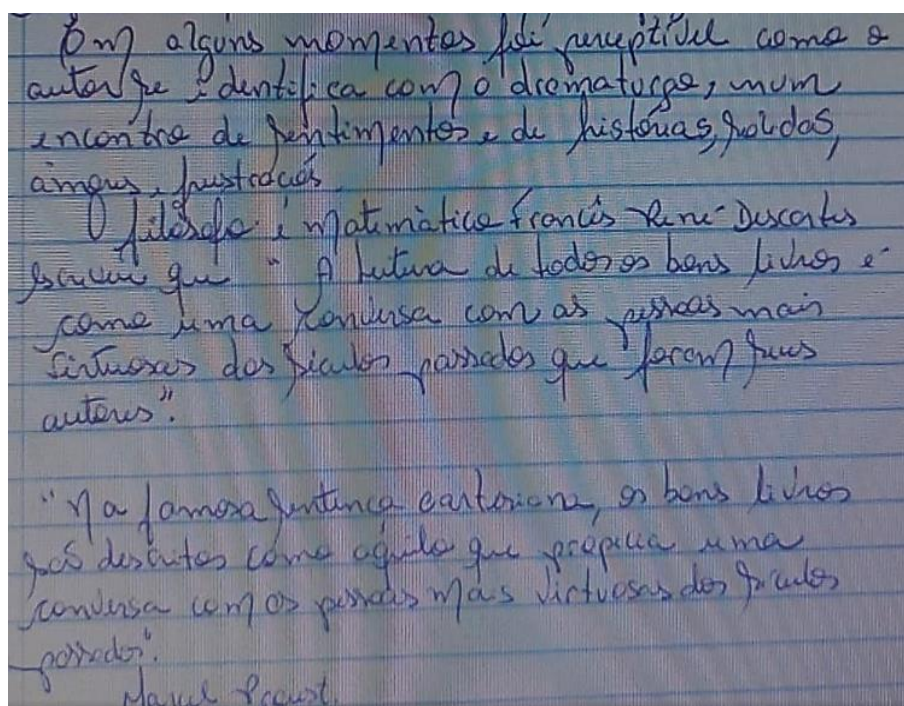
José

Por essa perspectiva, o trabalho com a literatura de Lucchesi possibilita ampliar o diálogo interdisciplinar, voltado a uma formação humanizadora, à compreensão de mundo, abrindo possibilidades ao exercício do pensamento e reflexão.

Nessa mesma linha de pensamento, Baptista (2018, p. 101) complementa:

O pensamento mais finamente tecido, como uma teia quase invisível, no entanto, poderosa, vem imageticamente. Imagens sonoras, táteis e todas as formas de imagens provocadas por poetas e escritores que nos inspiram. Que nos levam aos profundos devaneios que desautomatizam o próprio exercício do pensamento. A prosa, como tão bem adverte Octavio Paz, é uma espécie de filha da desconfiança que se tem a respeito da exatidão da linguagem. Ou não fosse a escritura poética não haveria as grandes descobertas e conceitos que mudaram os rumos da humanidade em todas as áreas do conhecimento.

A última carta, em especial, foi diferenciada. Simone inicialmente faz colocações sobre a obra de *Adeus, Pirandello* e, na sequência, suscita alguns elementos de um diálogo com a filosofia e a literatura, como forma de exprimir seu pensamento em relação à leitura realizada. Houve a ousadia de uma escrita que surge de modo diferenciado das demais cartas, que ainda necessita de um melhor desenvolvimento em relação ao pensamento filosófico, mas que envolveu uma pesquisa e o diálogo com outras áreas.



Simone

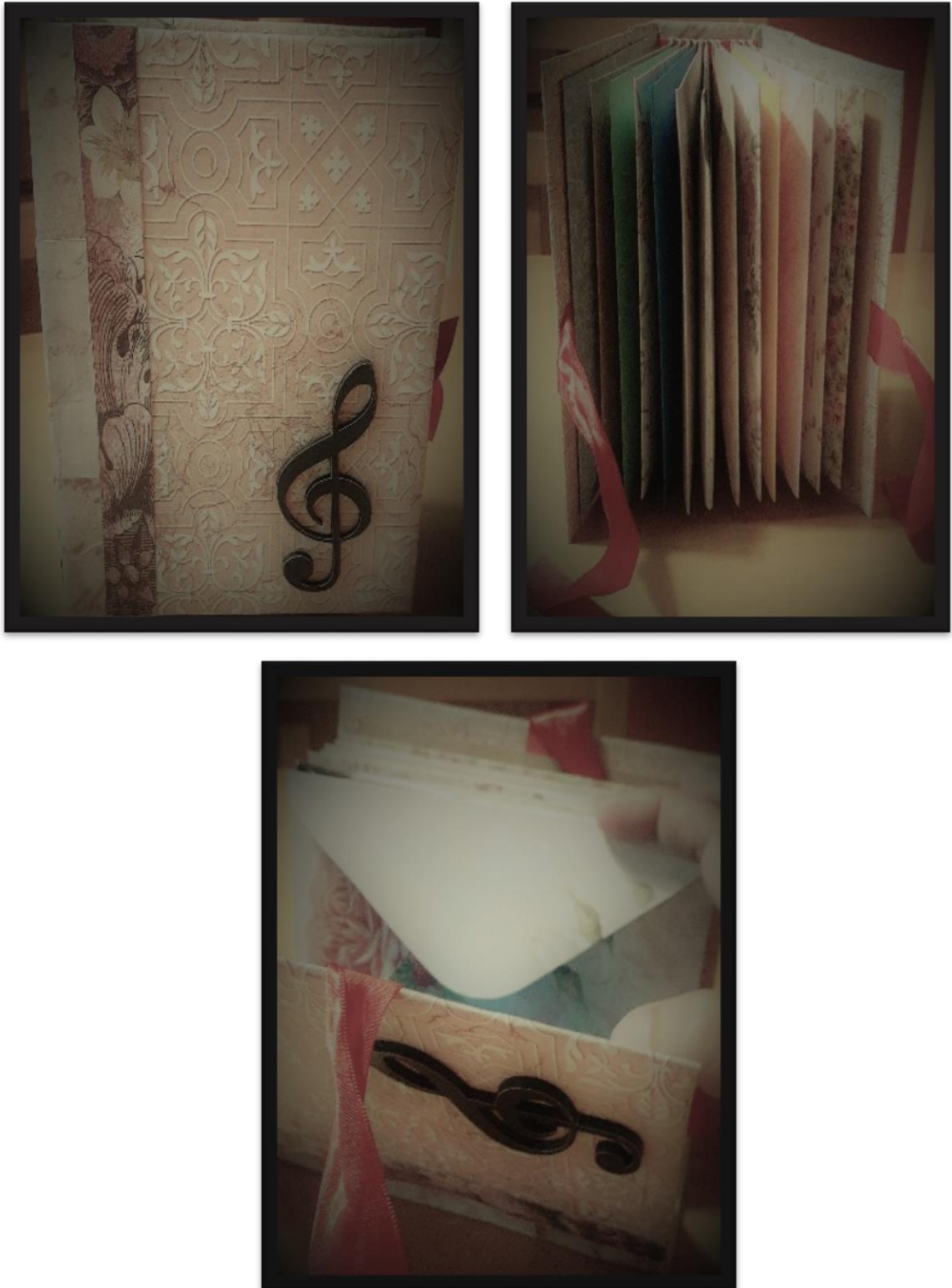
Inteira-se a carta de Simone à obra *Arte, filosofia e educação: possibilidades de um diálogo interdisciplinar*. Nas palavras de Baptista e Lima (2020, p. 8-9):

O que faz sentido? Entre tantas outras coisas que poderiam ser colocadas... o pensamento profundo. Aquele que leva ao questionamento de nosso papel no mundo. Aquele que nos leva a pensar em solidariedade e tantos outros valores que conduzam à plenitude. Pensamento possui peso. Por isso é tão doloroso. Exigir, acima de tudo, a disposição, sem precedentes, de seres corajosos e que estejam, realmente, dispostos a lutar por um mundo em que todos saibam lutar pela sua própria liberdade. E com isso criar espaços de paixões alegres (por lembrar Deleuze e Spinoza). Somente as paixões alegres poderão potencializar a humanidade naquilo que ela possui de melhor, relevante e significativa.

Finaliza-se esta trajetória com um livro carta, confeccionado pela pesquisadora, no qual são guardados os registros, as memórias e o percurso desta

pesquisa, a “marca” da pesquisadora. Como forma de agradecimento, a professora Ana Maria Haddad Baptista foi presenteada com este trabalho.

Imagem 2 – Livro Carta



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.2 DIÁRIO DE BORDO: ENCONTROS NA AGÊNCIA DOS CORREIOS

Com as asas nos pés, voas pelo espaço, cantando toda a música, em todas as línguas.²³ (VENCESLAU, 2021, p. 91).

Não se poderia deixar de mencionar, na escrita desta pesquisa, a importância da parceria com as funcionárias do correio e até mesmo a utilização deste sistema, que, em parte, contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho. A primeira etapa teve início em março de 2022, com as postagens de dez cartas via agência do correio, localizada perto da residência da pesquisadora. Infelizmente, as primeiras cartas enviadas não foram manuscritas, mas digitadas. Pondera-se como imprescindível a utilização da postagem na agência dos correios. Considera-se que

O *frenesi* da velocidade é uma palavra de ordem do nosso período. Enquanto os serviços mais expressos são seletivos no território, um correio mais lento continua servindo milhões de brasileiros todos os dias, seja para o envio de cartas, encomendas [...]. Ubíquo e universal, esse correio, não do tempo do capital hegemônico que não pode parar, mas do tempo das pessoas que no seu cotidiano param para sorrir ao abrir uma correspondência, resiste e desafia a própria seletividade excludente do *expresso* no período atual. (VENCESLAU, 2021, p. 261).

Verão/2022

07.03.2022

Em andanças nesta manhã de calor, uma luminosa segunda-feira, até os correios e com as cartas em mãos, revivi uma antiga prática: a compra do selo. Um momento que fez recordar o envio das minhas primeiras cartas, ou até mesmo quando minha mãe solicitava postar cartas para meus tios que moravam em outras cidades e estados. Com os selos já dispostos nas cartas e no aguardo para o envio das mesmas, observei que algumas pessoas ficaram surpresas em observar tal ação, e fui questionada: “[...] senhora, porque você ainda envia cartas pelos correios?”, “Hoje é tão simples enviar por e-mail. Por quê?”. Expliquei resumidamente o trabalho desenvolvido e a minha paixão por cartas. Este mesmo senhor me parabenizou e desejou sucesso com a minha pesquisa. Percebi que

²³ Este é um excerto de hino órfico a Hermes.

somente este homem teve a ousadia de me perguntar. Havia olhares curiosos que se voltaram para minha pessoa. Percebi que as demais pessoas, naquele dia, realizavam postagens de objetos, como pacotes e caixas, além de requerimentos para pedidos de documentos e pagamentos de boletos e multas.

14.03.2022

Ao esmerar esta pesquisa, por acaso, segunda-feira novamente, planejei previamente uma breve entrevista sobre a prática do envio de cartas nos últimos tempos: Existem postagens de cartas? Quais são as correspondências mais utilizadas? Observa-se algo diferenciado em relação às cartas?... entre outras informações que contribuíssem com o desenvolvimento deste trabalho. Duas funcionárias da agência dos correios, uma que trabalha há cinco anos nesta agência e a outra que trabalha há vinte anos, mostraram-se prestativas e gentis, discorreram sobre a quase “ausência” desta prática. Salientaram que as epístolas diminuíram. Hoje, dificilmente alguém envia alguma carta. Referiram uma senhora que, aparentemente na faixa dos seus setenta anos, sempre na última quinta-feira de cada mês, envia uma carta à sua amiga, que nunca conheceu presencialmente, que mora na região Nordeste, com quem constituiu uma grande amizade, devido a parentes em comum. Infelizmente, não tive o privilégio de encontrá-la neste caminhar, mas Ana e Catarina²⁴ fizeram questão de mencioná-la.

Destacaram que atualmente as correspondências se restringem infelizmente a boletos e multas, mas que, nos finais de ano, aumentam as correspondências devido à festividade do Natal. As trocas de cartões constituem um número significativo nas agências no geral, assim como as “cartinhas” para o Papai Noel. Ambas expuseram a importância das escolas na formação das crianças, desde pequenas, na realização de um trabalho que ambas avaliam como importante, saber o que é o remetente e o destinatário quando se preenche um envelope de carta, um pacote, entre outros, uma vez que ocasiona, até este momento, equívocos na hora da postagem. Salientaram que, na maioria, não são

²⁴ Ana e Catarina nomes fictícios para representar as funcionárias da Agência dos Correios, localizada na Avenida São Paulo, 458, Parque Marajoara, Santo André, estado de São Paulo.

idosos que possuem dúvidas neste preenchimento, mais sim os jovens que, na maioria, solicitam ajuda aos funcionários.

Um dado interessante exposto por ambas foram as cartas para os presidiários, hoje a carta mais presente e existente. Envelopes personalizados, seja com flores, corações até mesmo com fotos, chegam semanalmente e, em alguns casos, um grande volume de cartas para uma única pessoa; ou seja, amigos e familiares se agrupam e escrevem várias cartas e, nas postagens no correio, confeccionam uma grande embalagem. Infelizmente, não foi possível registrar, de maneira fotográfica, este processo, por motivo de sigilo (remetentes/destinatários e endereço dos presídios) e em respeito aos familiares.

Outono/2022

Finalizando o mês de março com características de uma nova estação em que a predominância dos ventos se intensifica, ventos e transições conduziram reflexões e fomentaram esta pesquisa. E como não referenciar Marco Lucchesi neste contexto, que desempenha um trabalho notável em relação à leitura em presídios brasileiros. Com literatura, afetividade e engajamento das pessoas, pode-se reverter este sistema segregador. A literatura é a chave para conhecer o mundo e transformar o sistema posto, “Ler os livros para ler o mundo. Não se pode subestimar o papel da leitura e de sua força libertadora [...]” (LUCCHESI, 2020b, n.p).

Em obra intitulada *Cultura da paz*, Lucchesi (2020c, p. 35) integraliza este pensamento em sua *Carta a um jovem preso*, quando reflete que

[...] a literatura abre todas as celas, que são muitas e sutis, quando não invisíveis, dentro das quais vivemos, todos, sem exceção, mais ou menos conscientes da liberdade que precisamos conquistar. Não diminuo, apesar disso, um milímetro de sua dor e inquietação. A sua história acusa a ausência do Estado e o caminho áspero e solitária que o levou ao cárcere. Somos todos culpados, em certo grau, embora o artigo e a pena recaiam sobre o indivíduo. E aqui também nos solidarizamos um com o outro.

Ao observar as cartas destinadas aos presidiários no guichê dos correios, foi possível rememorar que, durante esta pesquisa, Marco Lucchesi mencionou um livro

de Frei Betto (2014)²⁵ que suscita reverberação, ao pensar em quantas pessoas confidenciam a um simples fragmento de papel, seja em um envelope decorado ou não, uma conjunção de alegrias, dores e vozes, cuja palavra propicia um esperar a este destinatário que

[...] cultiva em sua ermida vasto canteiro de palavras. Cuida atento das mudas para que um dia se tornem vozes. Delicia-se em plantá-la, regá-las, vê-las brotar. Aduba a horta de substantivos e poda, todo mês, a de adjetivos. À sombra das copas dos verbos, seleciona os pronomes e enxerta vogais nos caules das consoantes. Colhe as palavras quando maduras, prenhes de significados. Verdes, arrancadas antes do tempo, elas são ácidas, inconsistentes. [...] E dentro de seu silêncio brota a palavra que imprime significância todos os vocábulos. (BETTO, 2014, posição 589 e 594).

Finalizam-se estas anotações, que desvendaram a importância do diálogo com o outro, seja através das cartas postadas, do palavrear com pessoas incomuns e singulares, salientando que foram contribuições expressivas para esta pesquisa.

O estudo apresentado a seguir pretende corroborar a possibilidade de promover o diálogo que a carta abarca, bem como a prática docente, a literatura e a interdisciplinaridade. Priorizam-se, para esta análise, trechos mais significativos de algumas cartas missivas ao longo deste percurso.

Nos próximos parágrafos, compartilham-se os afetos, aprendizados, as reflexões e essencialmente as sapiências que foram referidas no desenvolvimento desta pesquisa.

3.3 DIÁLOGOS E PERCEPÇÕES

Talvez o espírito ligeiro das cartas me tenha conduzido ao uso de uma linguagem simples, acessível e pessoal.

26

A intenção deste caminhar através da leitura das cartas sobre a obra *Adeus, Pirandello*, de Marco Lucchesi, e cartas de outros profissionais que não trabalham na mesma unidade escolar onde atua a pesquisadora, mas que compartilham um ideal de educação, possibilitaram passagens únicas e nuances de estilos que foram possíveis na leitura deste conjunto, além de contemplar formas de construção do

²⁵ Frade dominicano e escritor, autor de 73 livros, editados no Brasil e no exterior, Frei Betto nasceu em Belo Horizonte (MG). Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Disponível em: <https://www.freibetto.org/perfil/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

²⁶ Citação/epígrafe do livro *Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros*, de Edgar Coelho.

conhecimento; uma preocupação social com a educação do nosso país; a poesia e a leveza na construção de uma educação mais dialógica e transformadora e a literatura como essência para práticas educativas.

E, nessa elegância e humildade, são tecidas uma confinidade e uma deslocação, uma amizade e uma história que,

Nesse rastreamento vai emergindo uma história de sujeitos da escrita que se configura nas próprias práticas e histórias... de escrita. Rastrear as práticas e as histórias remete-nos a uma intrincada rede de cartas... e de escrita. (CAMARGO, 2000, p. 48).

Em um segundo movimento deste estudo, elabora-se um convite para a pesquisa e a emissão das cartas via agência dos correios. Em continuidade à pesquisa, algumas cartas são enviadas via correio e por WhatsApp. Este último recurso foi utilizado devido a desencontros de endereços e brevidade no processo de pesquisa deste material.

A análise das missivas manteve verdadeira as histórias e pessoas que abarcaram as narrativas. Contudo, foi utilizado um pequeno número de epístolas deste segundo grupo, e se agradece a valiosa contribuição neste processo dialógico.

O regresso das primeiras cartas sucede, em sua maioria, de maneira vertiginosa. Para o deleite desta pesquisa, oito correspondências possibilitaram, neste momento, este diálogo (não dez, conforme o planejado). Na segunda etapa, das oito correspondências, trabalhou-se com sete cartas e o primeiro destinatário foi convidado para compor esta pesquisa.

As primeiras cartas exprimiram uma proximidade e valorização deste recurso, seja na constituição de vínculos, na comunicação, no exercício reflexivo sobre a prática docente e nas conexões com a literatura. Conforme trechos abaixo:

[...] as cartas poderiam oportunizar momentos, ensejos e movimentos de interação entre os seres humanos provocando um diálogo pedagógico, por meio do qual os conhecimentos científicos se desvelariam numa prática de linguagem com sentido e significados entre os correspondentes. [...] A partir da comunicação e dos vínculos estabelecidos nesse processo, as correspondências perceberiam a importância da cultura de relações e o compromisso com o outro para a emancipação humana [...] (Calíope²⁷)

²⁷ Os nomes dos participantes da pesquisa foram inspirados nas nove musas da mitologia grega. Disponível em: <https://mitologiagrega.net.br/9-musas-do-olimpico/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

Neste sentido, a literatura de Marco Lucchesi alteia o trabalho com a interdisciplinaridade, pois o diálogo, sempre presente em suas diversas obras, atravessa esferas, abrindo possibilidades sobre os saberes sistematizados, corroborando para renovações. Frisa-se, durante esta pesquisa, que a escrita destas cartas, sem dúvida, é forma palpável que impulsiona para a vida.

Em relação à carta de Clio, nota-se a temática da leitura literária, principalmente no ofício docente e a importância de um trabalho que estimule os alunos a esta prática, visando a uma verdadeira interlocução com a literatura.

[...] trata-se de uma forma de comunicação que incentiva o diálogo e a reflexão, cria-se laços afetivos podendo colocar em prática aprendizagens vindas das crônicas, romances, gêneros diversos e das próprias histórias de vida. [...] É mais uma forma de incentivar a experiência leitora a fim de que estudantes desfrutem ambientes alfabetizadores e possam ir traçando relações cada vez mais afetuosas com a leitura literária. (Clio)

Em entrevista à *Revista Rascunho*, perguntaram a Marco Lucchesi: Que leitura é imprescindível no seu dia a dia? Lucchesi assim respondeu:

Aceito o que meus olhos medem. A curiosidade e a fome pantagruélica. Tudo! Livros muito antigos, incunábulos, as redes sociais, o jornal, o panfleto. Tudo, menos a famosa bula de remédio. As frases de Gentileza sob o viaduto do Rio, os grafites urbanos. (BAPTISTA *et al.*, 2022, p. 149-150).

Olhos que despertam para a curiosidade e o desejo da busca, a abrangência de um olhar atento, vigilante, que instiga... E a leitura? Nesse sentido, é aquela que dialoga, movimenta, “[...] por meio da qual vamos desbravando a própria realidade e seu espetáculo de símbolos, discursos e imagens.” (ROLT, 2022, posição 1106).

Em relação aos ambientes alfabetizadores, conforme descrito na carta de Clio, adendo que outras linguagens e experiências possam contribuir com este meio de forma expressiva, e compete aos educadores este desafio. Segundo Rolt (2022), há uma necessidade de ofertar múltiplas experiências no âmbito escolar com diferentes linguagens, seja cinema, teatro, artes no geral, visando ampliar de forma significativa a prática literária.

A missiva de Euterpe traz uma relação entre remetente e destinatário, conduz a troca de saberes, dá voz à palavra escrita. Moraes e Castro (2018) definem a carta como um instrumento para o diálogo, uma comunicação: “[...] há nelas um sentido

ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, coloquial e formal, prosaico e poético” e, nesta troca, exprime-se uma relação entre o eu e o outro.

[...] Assim podemos ser levados aos sentidos e significados dados pela relação remetentes (educadores) e destinatários (educandos) [...] uma relação plural de memórias, afetos, histórias, informações e saberes; este veículo de comunicação ainda nos traz muitas contribuições no tocante de dar vozes as palavras escritas [...]. (Euterpe)

Durante este percurso sobre a leitura das cartas, uma chamou a atenção em especial – a carta de Polímnia – pela sua poeticidade e beleza, que rememora Lucchesi, na obra intitulada *A Flauta e a Lua, poemas de Rûmî*, por sua sensibilidade e poesia: “O mundo e o alfabeto coincidem, na trama das letras, que formam sozinhas, tigres, rostos e pássaros. Deus é o primeiro poeta a redigir o livro do mundo.” (LUCCHESI, 2016, p. 24).

[...] a evocação de memórias, o enredo da escrita da história em tempo presente, sentidos em sementes, cheiros, desenhos numa folha de papel, imagens impressas sobre folhas da natureza, expressando rizomas nos múltiplos encontros das diferentes linhas que se entrecruzam, dialogam numa boniteza, quietude, pensar, numa possível abertura de outros novos caminhos em liberdade, paz e mais amor. (Polímnia)

Segundo Da Rolt (2022, posição 1167-1173), “[...] o que marca a escrita literária é sua capacidade de produzir beleza, prazer e poeticidade”. As cartas têm revelado escritas que percorrem sentimentos e emoções, deixam suas marcas, proporcionam saberes.

Nas palavras de Saramago²⁸ (2010, p. 183 apud BAPTISTA, 2012, p. 62),

Se olharmos as coisas bem de perto, no máximo chegaremos à conclusão de que as palavras tentam dizer o que pensamos ou sentimos, mas há motivos para desconfiar que, por mais que procurem, jamais chegarão a enunciar essa coisa estranha, rara e misteriosa que é um sentimento.

Neste diálogo humanístico, convoca-se o outro e a si mesmo. A última carta, escrita por Terpsícore, contribui para o que Freire (1986, p. 122-123) anunciava: “O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos

²⁸ SARAMAGO, José. **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos”.

[...] leveza e rigurosidade não são antônimas, mas partes de um mesmo processo de escrita reflexiva... nele há fruição... É um bailar de palavras, pensamentos, sentimentos, memórias... Uma dança... Uma dança em que convidamos nosso (a) interlocutor (a) a bailar conosco, em um diálogo que entrelaça nossas expectativas, nossas experiências, saberes, não saberes, afetos... Paulo Freire sabia disso, e não por acaso escolheu o gênero textual para também dialogar amorosamente com as educadoras e educadores... Um diálogo como se observa em seus textos, marcado pela reflexão rigorosa sobre a educação da vida. (Terpsícore)

A carta, como instrumento que marca a nossa história e memória, conforme Madalena Freire (2008), expõe a importância do registro, na concepção de uma educação democrática.

Mediados pelo registro, deixamos nossa marca no mundo. Há muitos tipos de registros e linguagens verbais e não verbais. Todas elas quando socializadas, historicam a existência social do indivíduo. Mediados por nossos registros e reflexões tecemos o processo de apropriação de nossa história, individual e coletiva. A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim, de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É neste sentido que o registro escrito amplias a memória e historiciza o processo em seus momentos e movimentos na conquista do produto de um grupo. (FREIRE, 2008, p. 54-55).

Ao assumir a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Paulo Freire escreve, em 19 de janeiro de 1989, uma Carta intitulada *Aos que fazem a Educação conosco em São Paulo*, reproduzida por Coelho (2011, p. 70) em sua obra:

[...] pensei em escrever aos educadores, tão assiduamente quanto possível, cartas informais que pudessem provocar um diálogo entre nós sobre questões próprias de nossa atividade educativa. Não que tivesse em mente substituir com as cartas os encontros diretos que pretendo realizar com vocês, mas porque pensava em ter nelas um meio a mais de viver a comunicação necessária entre nós. Pensei também que as cartas não deveriam ser escritas só por mim. Educadoras e educadores outros seriam convidados a participar desta experiência que pode constituir-se num momento importante da formação permanente do educador. O fundamental é que as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas.

Finaliza-se este caminhar com as cartas compondo com um trecho da obra *Cartas na Ventania*, de Lacerda, Brandão e Garcia (2021, p. 37-38), que descreve

de forma reluzente sobre a significância e abrangência de uma carta, uma carta com esperança, tempo e poesia:

“A voz de um passarinho me recita”, segreda-me Manoel de Barros. Este menino pantaneiro me obriga a parafraseá-lo. Quando esta carta está começando um pombo-correio, ele me asas. Ele me voos. Ele me espaços-tempos-além. No fim da linha colheitarei gorjeios e cantos. Andarilha que me tento fazer, também nas pegadas do russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo, “em tudo ouço, vozes, relações dialógicas”. Memórias do passado, memórias de presente a plasmar memórias do futuro. Esperançar se conjuga em todos os modos e tempos verbais, cronológicos e kairóticos.

Mais algumas linhas ...

Anteriormente nada se sabia do caráter mutável de tudo o que é humano, os costumes da moralidade mantinham a crença de que toda a vida interior do homem se achava presa com grampos eternos à necessidade férrea: talvez se experimentasse semelhante volúpia do assombro, ao escutar lendas e contos de fadas. O maravilhoso fazia muito bem àqueles homens, que às vezes podiam cansar-se da regra e da eternidade. Deixar de sentir uma vez o chão sob os pés! Flutuar! Errar! Ser tolo! (NIETZSCHE, 2012, p. 84).

Compartilha-se aqui, com cada um dos leitores, uma das alegrias deste encontro com as cartas, um instrumento que tem sido utilizado neste percurso com a educação, na escola que a pesquisadora atua desde 2018. Mas salienta que esta prática sempre presente no seu caminhar.

Entre os participantes desta pesquisa, um amigo com o qual já foram compartilhados saberes, registros, aprendizados e vida pulsante na educação dos pequenos e conhecendo o processo desta dissertação, sugeriu vários livros, mas um em especial, fez brilhar os olhos: *A Carta do Gildo* (RANDO, 2018).²⁹

Na unidade que a pesquisadora trabalha, os educadores, em sua maioria, conhecem seu trabalho com as cartas, não somente através desta pesquisa, porque utiliza este recurso no cotidiano da escola, seja para o relato das crianças (registro reflexivo), que faz parte da documentação pedagógica da unidade escolar e da rede de ensino em que atua, como também intenções para o trabalho com os educadores (carta de intenção) e devolutiva das suas observações de trabalho junto aos educadores. Neste percurso, com o livro em mãos, foi presenteada uma professora que trabalha com crianças de três a quatro anos, que se destaca pela paixão por contar histórias. Nesta sala, em específico, observa-se o envolvimento com o livro, com o enredo e o prazer desta prática: “encantar e encantar-se.”

²⁹ Livro de ficção infantojuvenil brasileira.

Simplesmente foi uma entrega, um presente que nas próximas linhas demonstram um despertar e o diálogo com crianças bem pequenas e pequenas...³⁰

A Carta do Gildo

Carta de uma professora de Educação Infantil

Neste ano de 2022 pude proporcionar para as crianças um projeto muito bacana com o livro A Carta Do Gildo, de Silvana Rando, de 2018.

Demos início com a contação de história com o livro, na sequência trabalhamos com o reconto e foi encantador ver as crianças nesse movimento.

O livro retrata a história de uma sala de aula onde os amigos fazem cartas para uma amiguinha que mudou de cidade. Todas as crianças fizeram cartas, porém as cartas se perderam. Com o passar do tempo foi chegando várias cartas para as crianças de todos os lugares, pois quem havia encontrado respondia ao destinatário. Gildo não recebeu nenhuma carta e com isso ficou muito triste. A professora teve uma ideia maravilhosa... Combinou com os alunos de fazerem uma carta para o Gildo em segredo. E assim foi feito, confeccionaram uma linda carta com uma mensagem maravilhosa e vários corações e muito brilho. Gildo ficou extremamente feliz com a carta.

Próximos passos...

O projeto teve também como objetivo a confecção de um coração enfeitado com muita pintura, brilhos e muitas estrelinhas... Ficou lindo.

Fizemos uma caixa postal. CAIXA POSTAL DO GILDO. Ficou lindo (confeccionado com rolinhos de papel higiênico). Enrolamos os desenhos como se fossem pergaminhos e pedimos para as crianças escolherem um local e colocar, pois assim, cada qual iria receber uma carta de um amigo.

O dia da entrega chegou... contei a história novamente e depois pedi para que eles recontassem a história, na sequência um a um foi retirando sua carta desenho, fui falando de quem era o desenho e eles iam se abraçando. Foi um momento muito mágico e encantador.

³⁰ Nomenclatura da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que dispõe: Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

Pude vivenciar o quanto uma simples carta desenho foi importante para as crianças, o quanto o ato de dar e receber foram e sempre será encantador.

Que momento incrível, eu, professora Rose, vivenciei este trabalho com minha turma do primeiro ciclo final da Educação Infantil (3 a 4 anos).

Projeto que aconteceu com a imensa contribuição da minha parceira de sala Erato (Agente de Desenvolvimento Infantil).

Sem mais, deixo algumas ilustrações...

Tália

Imagem 3 – Trabalho com o livro *A Carta do Gildo*



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Olhar da pesquisadora

Em alguns momentos, houve a oportunidade de acompanhar algumas rodas de conversa realizadas com as crianças. Após a leitura realizada pela professora, as crianças demonstravam seus sentimentos que eram os mais variados possíveis, como: “Por que o pássaro perdeu as cartas?” “Tadinho do Gildo, ficou sem carta...” “A professora vai ajudar ele, né?” “Vamos fazer uma carta para ele, prô?”.

Em breves momentos de acompanhamento na sala de aula, observou-se que a professora fez a leitura do livro algumas vezes e houve momentos em que as crianças já recontavam a história, cada uma do seu jeito. Notou-se que algumas figuras essenciais estavam presentes em suas falas, entre elas, a professora, que sempre esteve presente, ajudando e trazendo soluções. Percebeu-se os sentimentos – tanto na fala como na expressão dos olhos e nos gestos – de tristeza e raiva, quando as cartas foram perdidas e, ao final da história, um sentimento de alegria, quando Gildo, personagem central, recebeu uma carta.

Há uma consciência sobre a importância da leitura diária em sala de aula, em diferentes modalidades de ensino, deslumbrando o olhar dos pequenos, ao convidá-los à imaginação. Isso só é possível quando os educadores assumem seu compromisso e paixão pela educação.

E assim a história segue. Pode-se iniciá-la com o pé na areia, colhendo conchas, sentindo a brisa, um primeiro passo em direção à água, molhando os pés e, depois, aventurando-se por diferentes mares...

3.4 CARTA A LUCCHESI: INQUIETUDES DE UMA JOVEM APRENDIZ LUCCHESIANA

Caro Lucchesi...

Primeiramente, é um deleite e honra escrever esta carta, um instrumento que me acompanha desde a adolescência, talvez seja a forma que eu sempre procurei, conectar-me com alguém que

não conhecia, em aventurar-me através das epístolas, na busca de certa maneira de completar algo que faltava em mim, de estabelecer diálogos, conhecer um outro, mover-se...

Tive o prazer de conhecê-lo (não presencialmente, quem sabe um dia!) por meio de uma pessoa que me trouxe luz e metamorfoses... Ana Haddad, que me presenteou com suas obras. Fascinação é a palavra-chave neste momento.

Mudanças eu sofri!!! Não foram fáceis...

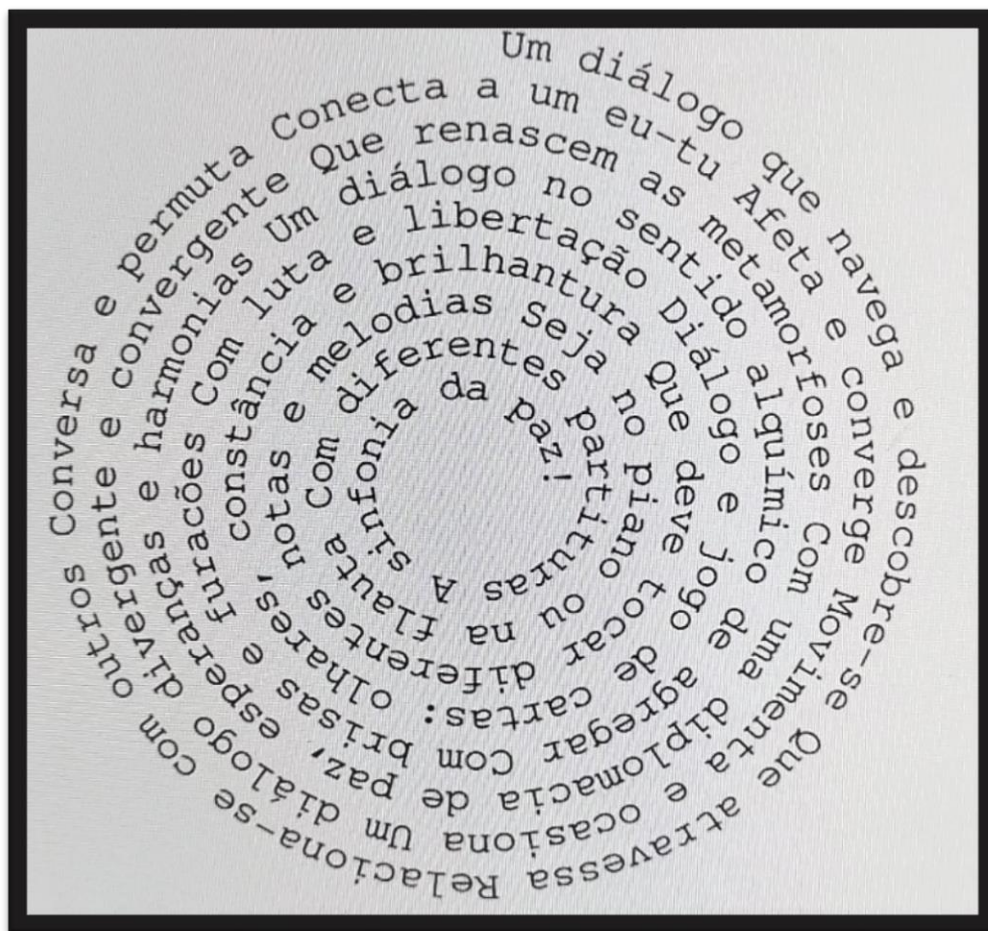
Inicialmente, ao ler as suas obras, eu me senti nas areias do deserto, decifrando hieróglifos, em ruínas e paraísos, navegando pelos mares do Mediterrâneo, em notas, composições e melodias, um piano que também descobri dentro de mim (ora notas mais suaves, ora mais intensas), com uma profundidade e leveza, vozes dos mais variados cantos e ângulos, seja de Dante, de Galileu, uma viagem a Florença, a Marrocos...

Fui apresentada, por meio de seus livros e leituras, a múltiplas sumidades, como: Dostoiévski, Rilke, Spinoza, Nise, Rûmî... Quantas línguas, culturas e descobertas a sobrevir!

Leituras desafiantes, imprevisíveis, interdisciplinares, que atravessam e afetam, dialogam na busca de saberes, de movimentar-se, pesquisar e renovar... Esperança e humanidade, inquestionavelmente, uma cultura da paz!

Na escrita de trabalho fui abarcada pelo diálogo no qual ousei compor...

Imagem 4 – Dialocchesi (diálogo inspirado em algumas obras de Lucchesi)



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Foram diferenciadas capas de livros e escritas que me conduziram a novos horizontes, imersões, buscas detalhadas: o que tem por trás de cada uma delas?

A pesquisa foi fundamental e quantas culturas pude conhecer por meio de seus escritos e olhares... Uma riqueza inatingível!!!

Confesso, Karo³¹ Lucchesi, que abalos vivenciei, em conhecimentos prosperei, tanto a descobrir... Navegar, uma entre diversas palavras que encontrei em suas escritas, mas esta com caráter especial: navegar para percorrer a sapiência que

³¹ Termo utilizado por Lucchesi em uma Carta para seu amigo Evanildo Bechara, propondo: "Um duelo com a escrita. [...] O português na ortografia dos ideogramas." (LUCCHESI, 2016, p. 130).

podemos encontrar na simplicidade com o outro, mas que não nos deixemos estagnar, mas sim aperfeiçoar-se nesta aventura chamada vida, na aprendizagem e na composição de uma humanidade que enalteça, de fato, o diálogo, a cultura de paz, do amor e o respeito aos seus semelhantes.

Expresso minha gratidão e lhe desejo suaves matizes de azul!!!

Abraços Fraternais!

Alexandra

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Digo: O Real não está na saída nem na chegada: ele dispõe para a gente é no meio da travessia. (ROSA, 1994, p. 86)

Este estudo teve como base analisar como as cartas podem estabelecer um diálogo com a literatura, a poesia e a educação. Para o desenvolvimento desta pesquisa, os capítulos teóricos versaram sobre a história das cartas, o gênero epistolar, o prisma lucchesiano e a prática epistolar: exercício docente, sendo que o principal embasamento conceitual abrangeu as obras de Lucchesi e suas interlocuções com a interdisciplinaridade.

As missivas foram ocupando seu espaço como o exercício da prática docente, que se revelou como instrumento de um diálogo interdisciplinar. Neste sentido, buscou-se, para composição desta pesquisa, as inspirações do poeta Marco Lucchesi, cujas obras nos conduzem para a literatura e a interdisciplinaridade.

As cartas acompanham esta pesquisadora desde a adolescência, a qual, na coordenação pedagógica, tem realizado algumas propostas com este instrumento, com foco no exercício docente. Tais reflexões, acrescidas de outras que se deslocaram e regressaram ao longo do mestrado, fizeram-na perseverar na continuidade e no interesse para com este objeto de estudo.

Assim, na construção do caminho metodológico, diversas possibilidades de interlocução com o tema foram vislumbradas:

- a) proposta de formação com os educadores da Unidade Escolar a partir das cartas do livro *Adeus, Pirandello*;
- b) construção de um diário de bordo, com registro das itinerâncias ao correio;
- c) escrita de cartas produzidas por profissionais da educação, que possibilitaram examinar mais de perto como esses sujeitos compreendem o trabalho com as epístolas, no campo da educação, e suas possibilidades interdisciplinares;
- d) desdobramentos de um trabalho pedagógico a partir do livro *A Carta do Gildo* (RANDO, 2018);
- e) Carta autoral da pesquisadora endereçada à Lucchesi.

Neste caminhar, houve a oportunidade de acessar uma riqueza de informações, minuciosidades e saberes construídos durante este processo. O tema proposto mostrou-se instigante, tornando um desafio na busca de conhecimentos.

Considerando sua poesia, coerência e objetividade, suas obras convidam a fomentações constantes, ao diálogo com a filosofia e diferentes áreas do conhecimento, ao discernimento de mundo e ao trabalho com as palavras das quais o poeta faz uso.

Assim, proposto o ato de escrever, este foi se revelando e sendo reconstruído a partir dos relatos dos educadores, alinhavados pelas situações em que uma carta é escrita, ou lida, de acordo com as condições em que ela é produzida, suas finalidades, seus objetivos, no envolvimento deste grupo de educadores com a obra *Adeus, Pirandello*, de Marco Lucchesi, e com a prática educativa.

Observou-se, nas missivas descritas, o valor e a importância da carta como um instrumento dialógico, permitindo uma observação mais apurada sobre a importância da leitura, da literatura e de suas implicações para a vida e o fazer docente; sobre a pesquisa, o ato de pesquisar, o que é necessário e que move para a ampliação do conhecimento, as inquietudes, os deslocamentos e as interlocuções com diferentes temas que a obra de Lucchesi proporcionou.

Vive-se em uma sociedade na qual se alcançam as informações e mensagens que, constantemente, são transmitidas por meio de diferentes linguagens, seja verbal e não verbal. Neste sentido, a leitura é fundamental; é com ela que é possível interagir e entender o mundo, e a chave para este trabalho é, sem dúvida, a educação.

Nesta pesquisa, percebeu-se um leitor que possui “dificuldade” em compreender o sentido das palavras, o poder de argumentação e reflexão, repertórios de leitura fragmentados ou leituras realizadas de livros com quase ausência de uma qualidade literária, aspectos formativos, entre outros. Portanto, essa dissertação reafirma a urgência de investimento na formação inicial e continuada dos profissionais da educação, no sentido de desconstruir práticas desmotivadoras, em relação ao trabalho com o texto literário, nas diferentes áreas e modalidades de ensino.

Ressalta-se que as cartas advindas dos demais participantes, não relacionados diretamente com a leitura da obra *Adeus, Pirandello*, trazem em si elementos que se unem a este universo da pesquisa; algumas são trabalhadas nesta dissertação, outras estão anexadas no final desta pesquisa, mas que deixam marcas importantes. Quando se faz referência ao trabalho com a educação, elas indicam o diálogo interdisciplinar, um diálogo que se compõe com a construção de

saberes, a questão dos jovens em relação à leitura literária, elementos de uma sociedade em transição (modernidade e tecnologia), vozes que ecoam para uma poética, liberdade e paz, cartas como um valioso tesouro, que abarcam emoções, trajetórias e identidades.

Aprendizados vivenciados e reveladores são postos durante esta pesquisa, e você, leitor(a), é convidado(a) a esta composição, em um diálogo amoroso e fraterno, que se conecta a diferentes saberes e linguagens que atravessam a todas as pessoas. Que a literatura seja a chave na construção de uma educação libertadora.

Finaliza-se este percurso com pequenos trechos do poema *Modo inaugural*, de Marco Lucchesi (2020d), pela identidade de um diálogo que igualmente busca o movimento, provocando inquietudes. Avalia-se como imprescindível, a qualquer um que anseia por transformações, a consciência de que todos são incompletos e precisam evoluir.

[...] e assim despontam
múltiplos destinos
no mar onipresente
de neutrinos...

e vagam quase-seres
pelo mundo
lançados num abismo
alto e profundo

na luta intempestiva [...]

a sombra luminosa
de um quasar
e as formas múltiplas
de ser e estar [...]

[...] e o rígido
combate prosseguia
do ser e do não ser,
e ainda prossegue, [...].
(LUCCHESI, 2020d, p. 69-70)

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge; SARAMAGO, José. **Com o mar por meio:** uma amizade em cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Da dissolução das classificações. *In*: LUCCHESI, Marco; BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Poéticas do Ensaio**. São Paulo: Passavento, 2018. p. 91-104.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Educação, ensino e literatura:** propostas para reflexão. 2. ed. São Paulo: Arte-Livros, 2012.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Educação, linguagens e livros**. São Paulo: Big Time, 2015.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação: de algumas leituras que me atravessam. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa; NAVAS, Diana (org.). **Educação, artes e literatura:** reminiscências. Montenegro: Editora Fundarte, 2021. p. 94-110.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Marco Lucchesi: um convite à Estética do Labirinto. **Anais da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 135-136, ano 2015-2016, p. 323-335, 2019.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Marco Lucchesi:** Estética do interdisciplinar. São Paulo: Patuá, 2020.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi:** Poeta do diálogo. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022.
- BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LIMA, Sonia R. (org.). **Arte, filosofia e educação:** possibilidades de um diálogo interdisciplinar. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BETTO, Frei. **A arte de semear estrelas**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2014. *E-book Kindle*.
- CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escritas**. 2000. 142 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- CARDOSO, Luciana Mendonça. **A formação docente – na modalidade de formação continuada – pode alterar algumas concepções dos docentes e suas**

práticas cotidianas?. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) – Instituto Federal Sul Rio-Grandense, Pelotas, 2014.

CARRILO, Isabel. Dibujar espacios de pensamiento y diálogo. **Cuadernos de Pedagogía**, [s. l.], n. 305, p. 50-54, 2001.

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília, DF: Liber Livro, 2011.

CUNHA, Maria Teresa S. A Escrita Epistolar e a História da Educação. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., 29 de setembro a 2 de outubro de 2002, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPEd, 2002. Disponível em: <http://25reuniao.anped.org.br/tp25.htm>. Acesso em: 14 ago. 2022.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o Pensamento nômade**: Formas e Funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Correspondências 1838-1880**. Tradução de Roberto Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2014.

FISCHER, Steven Roger. **História da escrita**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: Reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educacional. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRIZERO, Roberto. Prefácio do tradutor. DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Correspondências 1838-1880**. Tradução de Roberto Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2014. p. 5-8.

FUSARO, Márcia. Da Literatura Epistolar à E-pistolar: Panorama em Rede(finições). **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, v. 4, n. 8, p. 1-15, 2016.

GADOTTI, Moacir. Diálogo e intimidade: Prefácio. *In*: COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da correspondência**: Paulo Freire e a educação por cartas e livros. Brasília, DF: Liber Livro, 2011

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes**: cultura escrita e práticas epistolares no Brasil entre 1880 e 1950. 2009. 246 f. Tese

(Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GONDIM, Silvana Monteiro. **Interdisciplinaridade** [livro eletrônico]: Paulo Freire e Marco Lucchesi. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021.

HAN, Byung-Chul. **No enxame** [livro eletrônico] Perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: Uma topologia do presente. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021. *E-book*.

HAROCHE-BOUZINAC, Genevière. **Escritas epistolares**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HORCADES, Carlos M. **A evolução da escrita**: história ilustrada. 2. ed. reimpr. atual. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Rio, 2016.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai**. Tradução e posfácio de Modesto Carone. Belo Horizonte: Boa Viagem, 2010.

KLINTOWITZ, Jacob. Prefácio. In: LIMA, Felipe (org.). **À sombra da amizade**: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi. Niterói: Eduff, 2021. p.11-12.

LABARRE, Albert. **História do livro**. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1981.

LACERDA Nanthercia; BRANDÃO Carlos Rodrigues; GARCIA Inez Helena Muniz. **Cartas na Ventânia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

LAURITI, Nádia Conceição. **Pedagogia da dialogicidade**: ressonâncias genéticas, intertextuais, discursivas em Pedagogia do Oprimido (o manuscrito). 2018. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.

LIMA, Felipe (org.). **À sombra da amizade**: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi. Niterói: Eduff, 2021.

LUCCHESI, Marco. Adeus, amigo. In: LIMA, Felipe (org.). **À sombra da amizade**: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi. Niterói: Eduff, 2021. p. 17-18.

LUCCHESI, Marco. **Adeus, Pirandello**. São Paulo: Rua do Sabão, 2020a.

LUCCHESI, Marco. Carta a um jovem preso. **Ignorancia Times**, Rio de Janeiro, ago. 2020b. Disponível em: <https://ignoranciatices.com.br/marco-lucchesi-carta-a-um-jovem-presos>. Acesso em: 14 ago. 2022.

LUCCHESI, Marco. **Carteiro Imaterial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

LUCCHESI, Marco. **Cultura da paz**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020c.

LUCCHESI, Marco. Entre armas e livros: qual é a dúvida? [Entrevista cedida a] Anna Luiza Cardozo. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022a. p. 139-144.

LUCCHESI, Marco. Entre livros e abismos. [Entrevista cedida a] Correio Braziliense *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022b. p. 155-162.

LUCCHESI, Marco. Entrevista sobre as entrevistas. [Entrevista cedida a] Ana Maria Haddad Baptista. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022c. p. 17-20.

LUCCHESI, Marco. Entrevista-Memorial. *In*: LIMA, Felipe (org.). **À sombra da amizade: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi**. Niterói: Eduff, 2021. p. 159-172.

LUCCHESI, Marco. Eu e a Rússia. [Entrevista cedida a] Zóia Prestes. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022d. p. 103-112.

LUCCHESI, Marco. Marco Lucchesi encerra trilogia ambientada no Rio de Janeiro. **Rascunho**, Curitiba, 6 abr. 2021d. Disponível em: <https://rascunho.com.br/noticias/marco-lucchesi-encerra-trilogia-ambientada-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 10 out. 2021.

LUCCHESI, Marco. **Nove cartas sobre a Divina Comédia**: navegações pela obra clássica de Dante. 2. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021e.

LUCCHESI, Marco. **Olhos do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LUCCHESI, Marco. Onda conservadora e regresso civilizacional. [Entrevista cedida a] Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad *et al.* (org.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022e. p. 163-168.

LUCCHESI, Marco. **Poemas Reunidos**. Rio de Janeiro: Record, 2020d.

LUCCHESI, Marco. **Saudades do Paraíso**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.

LUCCHESI, Marco. **Teatro Alquímico**: Diário de leituras. São Paulo: BT Acadêmico, 1999.

LUCCHESI, MARCO. Uma obra imponente. *In*: PEDROSA, Israel. **O universo da cor**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2009. p. 173-174.

LUCCHESI, Marco. **Vestígios**: diário filosófico. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2021f.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MELO, Gianni Paula de. Cartas: a correspondência e seus rumos. **Continente**, Recife, 1 abr. 2011. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/124/cartas--a-correspondencia-e-seus-rumos>.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. *In*: GALVÃO, Walnice; GOLTLIEB, Nádia. **Prezado senhor, prezada senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230091, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yk6kZHzRlP7nhyPWHL7TRJC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2022.

MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima. **Cartas Pedagógicas**: reflexões de docentes da educação básica e superior. Fortaleza: EdUECE, 2018.

NAVAS, Diana. A (não)educação literária: acaso ou projeto? *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LÓPEZ PÉREZ, María Ángeles (org.). **Educação e Literatura**: o diálogo necessário. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. E-book Kindle. Posição 1923 -2124.

NAVAS, Diana. Estórias na construção de uma história: a literatura e seu potencial humanizador. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa; NAVAS, Diana (org.). **Educação, artes e literatura**: reminiscências. Montenegro: Editora Fundarte, 2021. p. 68-75.

NETTO, Carla *et al.* Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. **Revista Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 14-25, jul. 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

OLIVEIRA, Karla Roberta Brandão de. O visto, o vivido e o sentido: memória em Marco Lucchesi. *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Marco Lucchesi**: Estética do interdisciplinar. São Paulo: Patuá, 2020. p. 209-230.

PEDROSA, Israel. **O Brasil em cartas de Tarô**. Rio de Janeiro: Canal GNT/Globo, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AbCtgwmUyZA&t=154s>. Acesso em: 14 ago. 2022.

PEDROSA, Israel. Querido Marco. *In*: LIMA, Felipe (org.). **À sombra da amizade**: cartas de Israel Pedrosa a Marco Lucchesi. Niterói: Eduff, 2021. p. 35.

RANDO, Silvana. **A carta do Gildo**. São Paulo: Brinque-Book, 2018.

REZZUTTI, Paulo. **Pedro II: O último imperador do Novo Mundo revelado por cartas e documentos inéditos**. São Paulo: LeYa, 2019.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas do poeta sobre a vida: A sabedoria de Rilke**. Organizado por Ulrich Baer. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROCCO. **Viagem a Florença** [Release da obra]. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/viagem-a-florenca/>. Acesso em: 14 ago. 2022.

ROLT, Clóvis da. **Leitura Literária... A que se destina?** In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LÓPEZ PÉREZ, María Ángeles (org.). **Educação e Literatura: o diálogo necessário**. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. *E-book Kindle*. **Posição 1091-1351**.

ROLT, Clóvis da. Um exame de palavras no coração: Marco Lucchesi e a aventura da escrita. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Marco Lucchesi: Estética do interdisciplinar**. São Paulo: Patuá, 2020. p. 27-44.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

ROTH, Otávio. **Criando papéis: o processo artesanal como linguagem**. São Paulo: MASP, 1982.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SILVEIRA, Nise da. **Viagem a Florença: Cartas de Nise da Silveira a Marco Lucchesi**. Organização de Marco Lucchesi. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SIMONI, Karine. *Molto più acute*: memória, memórias em ação e reflexão em Marco Lucchesi. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.). **Marco Lucchesi: Estética do interdisciplinar**. São Paulo: Patuá, 2020, p. 79 -128.

VAN GOGH, Vincent. **Cartas a Théo**. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2016.

VENCESLAU, Igor. **Correios, logística e usos do território brasileiro**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021.

ANEXO A – Termo de Consentimento

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar como voluntário(a), da pesquisa **“Marco Lucchesi: Educação e o Diálogo Epistolar”**. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as epistolas e as possibilidades de interdisciplinaridade por meio de literatura e poesia analisando as obras de Marco Lucchesi. Estou ciente que este estudo será conduzido por meio de correspondências via correio eletrônico, WhatsApp ou através de postagens via agência dos correios. Compreendo, que esse estudo tem finalidade de pesquisa e os resultados obtidos poderão ser divulgados em periódicos acadêmicos, congressos ou qualquer outro tipo de evento, visando ao desenvolvimento da Educação, ressalvado o sigilo de meu nome. Sei que posso retirar, a todo e qualquer momento a anuência de minha participação, a qual não faz jus a nenhum pagamento, prêmio ou remuneração.

Participante da pesquisa

ANEXO B – Cartas da obra *Adeus, Pirandello*

O livro Adeus Pirandello!! Achei uma escrita intrigante e que desperta curiosidades sobre o tema, pois em alguns momentos não há para distinguir o que seria utopia ou realidade, sendo quase que obrigatório uma breve pesquisa para se aprofundar ainda mais no assunto e entender a narrativa do Autor, da história em si!!

Entendo que seja necessário ler mais de uma vez para se chegar a determinadas conclusões, porém ainda assim creio que cada um que faça a leitura de tal obra tenha opiniões e entendimentos diversos, sobre o assunto descrito, podendo até gerar opiniões adversas!!

No geral a meu ver se trata de um romance impactante, e que nos faz refletir sobre: Se fosse hoje como seria? Dentro das atuais circunstâncias em que vivemos, principalmente em meio a pandemia, como seria?? Marco Lucchesi foi um gênio em gerar tantos entendimentos diferentes numa única obra!!

José

Nossa o que dizer dessa obra literária.... Vou começar dizendo que de início achei de difícil entendimento, que acreditei ser várias histórias. Com vários comentários na unidade escolar, pois virou o assunto da semana ou até mesmo do mês e resolvi ler novamente com um olhar mais focado e com os encontros sobre o livro, fiquei mais interessada pela leitura e pelo autor.

Lúcio

Adeus, Pirandello

Marco Lucchesi fala de uma trilogia carioca iniciada em 2010.

O poeta nos traz a visão de um mundo inacabado, nos oferece uma mistura de prosa e poesia num concerto de palavras com enredo confuso, fragmentos de discursos de memórias interrompidas e de discursos literários divididos pela grave melodia do presente.

Jean

Adeus, Pirandello

Ao pegar o livro e folhear rapidamente, pensei que em cada página estivesse escrito um poema ou pequeno texto. Quando iniciei a leitura, percebi que não se tratava do que imaginava.

Nas primeiras páginas, quando li a respeito da pandemia, percebi que ela estava adormecida em minha mente, pois voltando a rotina, acabei “esquecendo” que ela ainda está presente. Senti um nó na garganta, uma lágrima escorrendo pela face, não tem como ficar inerte em meio desta lembrança. Quantas vidas perdidas, quantos abraços não dados, quantas coisas deixamos de fazer, mas não podemos esquecer que coisas boas também aconteceram, estar junto da família 24 horas foi muito bom. A tecnologia nos aproximou de quem amamos e estava distante.

O romance apresentado, fez-me sentir as emoções dos personagens, recordar o tempo que escrevíamos cartas para amigos, familiares e amores.

Essa linha do tempo, que vai e volta, assemelha-se aos pensamentos. Consegui entrar na história e sentir cada frase escrita pelo autor, no início achei confuso, mas depois, com o passar de cada situação, percebi que cada texto completava o outro.

A sensação de dúvida: será que tudo que li realmente aconteceu, fez uma interrogação surgir.

Gostei muito da leitura e o encontro foi muito gratificante, com certeza complementou e muito o meu entendimento.

Marguerite

Devo confessar que esse não seria um livro de cabeceira. A princípio ele pareceu muito confuso, pois misturava o presente com o passado. Foi um livro que causou muitas dúvidas, o que forçou não apenas a mim, como a várias pessoas do grupo pesquisar o que era real e o que era apenas uma invenção do autor. Se a intenção do autor era causar uma inquietude no leitor, deve confessar que ele conseguiu esse objetivo com êxito. Formou-se vários grupos de discussão durante o período em que

estávamos lendo, onde cada um tentava expor aquilo que entendeu, que achou durante as pesquisas.

Não sei afirmar com certeza se gostei ou não. O que posso afirmar apenas é que ainda pretendo ler novamente algum dia. O encontro que tivemos no dia 08, com certeza plantou esta sementinha.

Paul

Adeus Pirandello.

Autoria de Marco Lucchesi.

Entendi que o livro foi escrito durante a pandemia da COVID-19, pois o ano de impressão é 2020 e em dado momento o coronavírus, assim como a crise política, sobre a fantasia da produção química do vírus, em um laboratório chinês, é citada.

O autor não se aprofundou nesse tema, “o citou e deixou no ar”, assim como outros. Como a crítica aos defensores da ditadura. Sutilmente ele critica o avanço da urbanização sobre a natureza da cidade do Rio de Janeiro e a derrubada das antigas construções, para dar lugar aos modernos e altos edifícios sem a preocupação de preservar a memória e a história.

A história passa-se no Rio de Janeiro e não consegui perceber se é verídica ou não. A companhia artística de fato existiu? Assim como seus personagens?

Quem era Mário? Qual sua relação com Marta e Luigi? O que aconteceu com Mário? Ele morreu de fato?

Pirandello morreu. A companhia ficou com Marta?

O autor vai e volta no tempo e espaço. Em momentos está no Rio de Janeiro, em outros, em locais diferentes, assim como no passado e no presente.

Na época em que li o livro, lembrava mais sobre a história. Agora esqueci muitos fatos e personagens. É um livro difícil e de história incompleta, o que dificulta a lembrança, não consegui realizar um resumo mental, são fragmentos de escritas, cada qual com seu conteúdo e significado.

Maurice

Santo André, 16 de novembro de 2021

Querida amiga!

Quanto tempo não nos falamos! Saudades!!

Como tem passado? Como estão as crianças?

Minha carta hoje é para amenizar um pouco a saudade, me conta um pouco o que tem feito. Recordo-me dos nossos trabalhos em grupo no tempo de faculdade, formávamos uma dupla dinâmica, fiquei muito triste quando teve de partir, nunca mais encontrei uma parceira como você.

Falar em trabalho de faculdade, quero te falar de um livro: Adeus Pirandello, considereí um livro confuso, o autor não mantém uma ordem de começo, meio e fim, para guardar na memória necessito de uma ordem.

Cada um tem seu modo próprio de interpretação, em mim, acontece de maneira sequencial; princípio, meio e fim, nem todas seguem esta exata ordem, porém, é uma forma de engrenar o pensamento e atrair interesse pela leitura.

O livro traz como eixo a visita que Luigi Pirandello (dramaturgo, romancista) fez ao Brasil em 1927.

Fala de amor platônico, pandemia, e do ser inconcluso que somos, entre outros assuntos. Não direi que ficaram muitas lembranças, como também não seria uma literatura que compraria ou leria. A meu ver, vai e volta, num combinado entre real e imaginário.

Algumas vezes pareceu-me trazer características do personagem, outras, algo oculto que buscava trazer à tona, por esta incompreensão meu cérebro buscava fazer conexões que em vão entendia.

Este tipo de literatura que vai e volta, realidade e imaginário, faz-nos chegar ao final, no vazio de incertezas e provocações.

Faço-lhe também esta provocação, leia e me dê sua opinião.

Sua amiga de sempre!!!

Virgínia

São Paulo, 13 de novembro de 2021.

Querida amiga;

Espero que esteja tudo bem com você e sua família. Graças a Deus estamos todos bem, conseguimos passar por essa pandemia na medida do possível.

E por falar em pandemia, preciso indicar para você um livro que li nesse período, onde o autor descreve em alguns momentos o ano de 2020 e cita a pandemia. Preste atenção nesse trecho do livro "[Milagre, 2021 Impossível sonhar. O noticiário como pesadelo. Um ano sem sair de casa. O vírus ficou mais jovem no Brasil. E mais perverso com as classes populares.]" Veja como é uma obra atual e como em poucas linhas o autor conseguiu retratar a nossa realidade vivida em um ano de pandemia.

Foi uma leitura que me deixou bem desestruturada. O livro é "Adeus Pirandello" escrito pelo autor Marcos Lucchesi, foi a indicação de uma amiga muito querida. Quando comecei a leitura fiquei surpresa, primeiro com apresentação do livro, de capa dura, uma diagramação bem feita, textos bem curtos e com títulos que davam pistas para prosseguir com a leitura.

Logo imaginei que seria uma leitura rápida e tranquila. Pura ilusão! Nas primeiras páginas me senti uma analfabeta literária, não entendia o que o autor queria transmitir, não compreendia o contexto que estava ali, o autor citava o concerto de Beethoven, por isso o leitor precisava consultar outras fontes. O cenário da narrativa e a vida boêmia do Rio de Janeiro dos anos de 1927 e em outros momentos, como te falei, descreve o caos que vivemos com a pandemia. Então tinha que ler várias vezes para entender a narrativa.

Luigi Pirandello é o protagonista, um dramaturgo apaixonado por Marta, uma jovem atriz. Outra personagem que apareceu na história e que estava envolvida numa trama foi o Embaixador italiano Mário Guerra que some sem deixar vestígio. A obra de Marco Lucchesi fala de solidão, amor, arte e pandemia.

Tenho certeza de que você ficou animada para ler a obra do escritor Marco Lucchesi que foi premiada várias vezes. Posso emprestar o livro!!! Fiquei bem! Aguardo notícias! Mil beijos!

De sua amiga, Emily

São Paulo, 3 de novembro de 2021.

Adeus, Pirandello (Marco Lucchesi)

O livro de Marco Lucchesi me remeteu ao caos que a vida nos coloca, em meio as nossas emoções e devaneios, incertezas e mistérios, aos nossos demônios e anjos que enfrentamos todos os dias até a nossa partida deste mundo. O autor nos coloca entre o passado e o futuro, trazendo em palavras a dor da pandemia e a miséria de pessoas que não tiveram sua morte velada recentemente.

Com uma literatura poética, o autor descreve memórias de Luigi Pirandello, dramaturgo da COMPANHIA DRAMÁTICA DE ROMA e sua equipe de atores, incluindo Marta (seu amor platônico) e seu conhecido amigo Mario Guerra, diplomata Italiano que encontrou em COPACABANA PALACE, em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro. Nesses relatos o autor nos deixa uma dúvida entre princípio e fim, amor e morte. Nada que parece ser realmente é, nos convidando a questionar e a mudar de opinião sobre os fatos. A existência de Pirandello se confunde com seus papéis e obras da dramaturgia ao mesmo tempo em que ele vive ou delira em seu romance com Marta.

A escrita do autor é como uma melodia que vai se atrelando em várias poesias formando uma prosa. Confesso que tive um pouco de dificuldade para compreender o livro, ainda não sei se o compreendi. Acho que o diferente nos estranha aos olhos. Acredito ser uma leitura para poucos que a podem decifrar mais a fundo, mas a experiência foi boa e mostrou que preciso ler mais.

Octavio

Estranhei o livro na primeira leitura. Acredito ser pelo costume das histórias terem começo, meio e fim. A sua ordem cronológica era intrigante, esperava que na página seguinte ao ler preencheria uma lacuna... Mas isso não aconteceu. Só depois, ao reler e ao conversar sobre ele, tudo foi se encaixando, as lacunas foram preenchidas e enfim a história estava completa para mim.

Esse tipo de leitura nos desafia a sair do "dia - a - dia" e nos faz pensar, imaginar, procurar entender, buscar fora do livro o entendimento que desejamos.

Teve também as palavras diferentes do nosso vocabulário e que nos levaram a buscar mais conhecimento.

Enfim... uma leitura diferente!!!

Valéry

A princípio fiquei intrigada sem saber se a história poderia ser real ou ficção, e isso me levou a pesquisar a biografia de cada personagem.

Durante a reunião com o grupo foi clareando minhas ideias, foi preciso ler novamente o livro para saber se a história de amor existiu ou não, se o suicídio de fato teria acontecido.

A minha impressão sobre a história é que quando nos vemos na situação e nos personagens conseguimos entender ou dar à história o final que sua imaginação permitir.

Michael

O que mais me chama a atenção com a leitura do livro "Adeus, Pirandello" é que o livro vai além das suas 164 páginas, pois causa indagações e inquietudes que nos levam a pesquisa sobre a existência e história dos personagens descritos como Luigi Pirandello, Marta Abba e outras questões que ainda não foram desvendadas, por exemplo, se o romance aconteceu ou foi só imaginário, por que esta mistura de presente, trazendo fatos da pandemia que atravessamos com um passado que não sabemos se realmente aconteceu trazendo um misto de confusão e curiosidade. Por causa disto foi uma leitura que nos levou à reflexão, discussão de ideias, fatos estes que enriqueceram muito a leitura. Concluo que ao mesmo tempo que não vemos a hora de dar Adeus a Pirandello, não conseguimos!

Leonardo

Minha percepção sobre a leitura do livro Adeus Pirandello foi de que o autor teve a inspiração para sua escrita durante o período de pandemia e que o isolamento proporcionou algumas reflexões que compõem o livro. A história se passa no Rio de Janeiro na década de 1920 e retrata a história de amor de Luigi e Marta, num cenário de reflexões filosóficas profundas que tanto se encaixam no momento histórico proposto como nos tempos atuais.

Para mim foi uma leitura bastante leve, achei a escrita envolvente.

Frederico

Sobre o livro Adeus Pirandello, posso dizer que mesmo sendo uma leitura "diferente" se assim posso chamar, pois sempre esperamos um livro com começo, meio e fim.

Embora tenha sido um pouco difícil a compreensão imediata me deparei com um livro mega intrigante e com uma história de amor que enquanto eu não terminei eu consegui parar de ler, e quando na última página ele fala que não sabe se existiu uma Marta ou um Pirandello novamente ele nos faz caçar no google uma referência e aguçando ainda mais a curiosidade.

Pesquisando percebo que Pirandello realmente existiu, novamente mais pesquisas para conhecer seu trabalho. Tornando assim um livro intrigante e cheio de surpresas, enfim poderia passar o dia falando da história rsrsrsrs. Com esse livro conseguimos sair um pouquinho do senso comum e perceber que a busca pelo conhecimento nunca deve parar. Bravo Marco Lucchesi, bravo.

Georges

Considerações do livro "Adeus Pirandello"

Nas minhas impressões pude perceber um livro que se passa entre tempos diferentes da história realidade e ilusão, um livro instigante e questionador.

Ricardo

Minhas impressões sobre o Livro: Adeus Pirandello

No princípio a leitura do livro é um pouco "confusa" e de difícil entendimento, mas ao passo que vamos avançando em seu enredo fica fácil a compreensão do mesmo.

A cada página que lemos do livro, entramos em um mundo mágico do real e imaginário, com uma trama que mistura

presente (Pandemia), e passado com a história fantástica de Luigi Pirandello que foi um grande dramaturgo, poeta e romancista italiano que esteve de fato no Brasil.

Algumas dúvidas vão ficando em nosso imaginário ao se fechar uma página, como a de Mário Guerra existiu de fato, houve mesmo uma morte tão trágica na cidade maravilhosa do Rio com tal pessoa? Martha Abba é de fato uma pessoa, onde Luigi tem nela seu grande amor não correspondido.

Sem falarmos aqui sobre o jogo com as letras L&M, que tanto pode significar L de Luigi Pirandello e Martha Abba como o próprio nome do autor do livro.

Adorei ler esse romance, não conhecia o autor profundamente, só por nome, mas já me tornei fã.

Um romance que de fato precisa estar nas prateleiras de bibliotecas públicas, para que as pessoas conheçam duas histórias fascinantes a do romance envolvendo Luigi Pirandello, e de seu autor Marcos Lucchesi.

Meus agradecimentos pelo empréstimo do livro para leitura.

Walter B.

PIRANDELLO 1

O que dizer sobre o livro?

Um amontoado de contos sobre realidade e ficção da companhia teatral de Pirandello e muito bem escrito. O que senti? Quais minhas impressões?

Difícil dizer em palavras porque o livro fascina nossa mente ele vai de encontro aos nossos sonhos que quer virar realidade, mas a realidade nos adverte que isso não pode ser real.

São muitas visões sobre os próprios personagens onde eles representam nosso sistema político, por exemplo, a morte de Mário Guerra que representou pra mim o fim de uma esperança, um sonho de longo alcance. o autor coloca relatos sobre a pandemia onde vemos o fim de muitas vidas sem ter a menor importância com o passar do tempo virou normal dizer morreu mais de mil e estão sendo enterrados em valas

Mário Guerra se suicida? ...E aí? Nós também nos suicidamos quando matamos o melhor que existe em nós que é o Amor, o respeito, esperança e caridade e passamos a viver uma realidade capitalista onde o ter te faz maior do que o ser.

Mário foi visto a passeio em Petrópolis após a morte. Não como alma penada, mas um ser elegante e educado parece Mário, lembra Mário, mas na história de Pirandello é Angel Baldovín que aparece com uma grande semelhança com Mário.

Quem é Angel? Será que somos nós sobreviventes da pandemia? Ou é o renascer da esperança?

Marta Abba um grande amor sentido, mas não vivido, mas com uma forma de sentir onde melhora o viver de Pirandello quando se torna sua inspiração.

Pirandello é como Projeção Psíquica que quando lemos seu livro parece um espelho que estamos tentando decifrar o que ele quer dizer e vai de encontro com aquilo que estamos vivendo.

Eduardo

PIRANDELLO 2

O que dizer sobre minha impressão?

Um quebra cabeça? Onde tentamos encaixar as peças que estão misturadas, mas cada uma tem seu lugar certo para ficar formando a imagem de um quadro se faltar uma peça ou se for colocada em lugar errado compromete toda a ideia do significado do quadro.

Uma colcha de retalhos onde cada pedaço de tamanhos, cores, e estampas são diferentes, mas compõe e completa uma única peça.

O livro é todo fragmentado talvez foi esse o motivo do meu fascínio sobre a leitura porque me leva a uma realidade que não é real um conto que não é conto mas se descreve o cotidiano de uma vida, uma viagem no tempo, uma vinda ao Rio de Janeiro, a estadia em um hotel com toda sua companhia de teatro conflitos e relacionamentos, o mistério morte de Mário Guerra sem

deixar sinal, a pandemia, e um amor absoluto por Marta Abba não correspondido tudo isso me parece muito real mas nas entrelinhas ele coloca no imaginário do me parecer irreal.

E me faz parecer que cada ponto tem uma segunda intenção é falar de uma realidade usando palavras e expressões que eu preciso pensar. O que realmente está querendo dizer? se eu não pensar eu diria o que? Não tem nada a ver com nada, livro bobo, mas vejo que tudo isso foi intencional. Sendo assim eu preciso também saber interpretar o que o eu vivo, e o que sistema político e humanitário está falando para eu poder identificar os vendedores de milagres e saber quem somos e para onde vamos.

Eduardo

Minhas impressões:

Neste livro cheio de metáforas, o autor faz um paralelo do Rio de Janeiro no final da década de 20 com os dias atuais onde vivemos a pandemia do Covid 19.

Os personagens são cheios de uma melancolia característica daquela época e transcreviam seus sentimentos e pensamentos em obras literárias, poemas, peças teatrais etc. Hoje esta mesma melancolia é tratada com antidepressivos...

Do amor platônico do dramaturgo, da co-dependência da atriz e do vazio existencial que levou o diplomata ao suicídio; conseguimos nos aprofundar nas ideias e no imaginário do autor, onde temas como a morte são tratados nos levando a reflexão e questionamentos a respeito da vida.

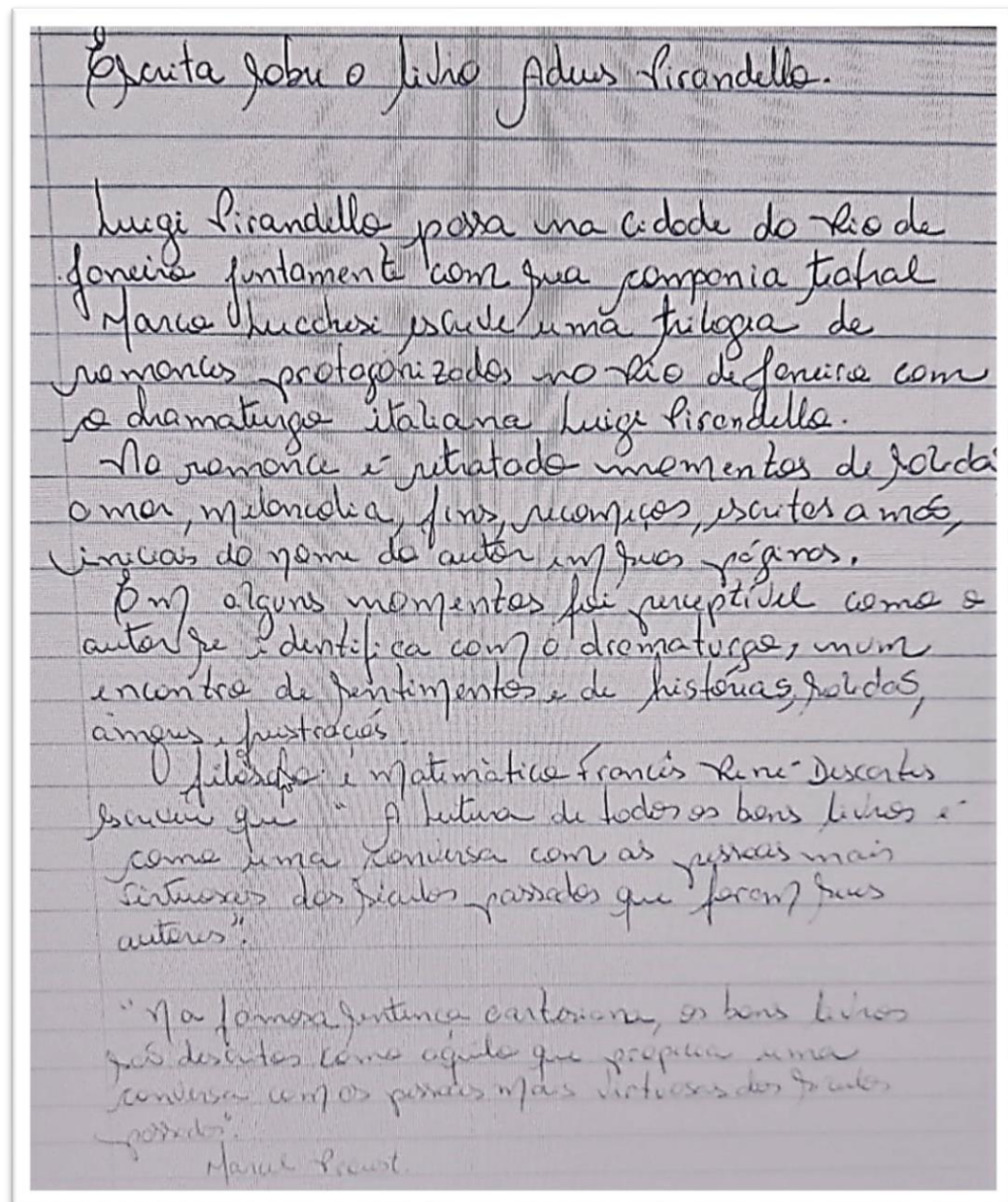
Oliver

Adeus Pirandello

Nesta leitura a princípio o que mais me chamou atenção foi o encantamento e o fascínio do autor Marco Luckesi, por esse artista Luigi Pirandello, que me intrigou até conhecer e buscar sua obra e saber o que de fato o levou a esse deslumbre. O livro nos apresenta vários momentos diferentes e distintos da história o que nos leva a ir junto com o autor imaginar esses lugares onde ele

passou com a sua paixão Marta Abba. Embora sejam textos separados senti em outros momentos um clima de mistério.

João



Simone

ANEXO C – Cartas de amigos e amigas de percurso

Santo André, 21 de fevereiro de 2022

Querida Amiga e parceira de jornada

Uma alegria tênue veio acompanhada de sua carta, neste momento em que fui devastadoramente atravessada de tantas desconstruções afetivas. Primeiro, porque receber uma cartinha tão carinhosa como a sua, indica que fomos capazes de tecer laços preciosos, capazes de afetar alguém de modo especial, de semear boas lembranças nos muitos outros que cruzaram nosso caminho em algum momento de nossas vidas.

Segundo, porque ser lembrada num momento tão especial, como a escrita de uma dissertação, me instiga à percepção de que a minha palavra escrita lhe é cara e que se apresenta como uma potência colaborativa aos fins de sua pesquisa. Enfim, me sinto muito honrada com o seu convite e é com ternura que lhe escrevo.

Os caminhos profissionais nos distanciaram um pouquinho, porém temos muitas coisas em comum, e uma delas sempre foi a paixão pelas cartas. O incrível foi saber que você trataria delas, ao mesmo tempo que eu também as tenho como foco, no meu atual projeto de pesquisa. Sinal, de que as cartas são realmente um valioso tesouro para as nossas curas emocionais e, também para os propósitos educacionais.

A minha experiência com as cartas nasce na infância, como escriba de meu pai e se consolida como um instrumento de autoconhecimento, de produção narrativa nos meus tempos de faculdade, constituindo-se com o passar dos tempos em um potente instrumento de diálogo formativo com outros parceiros - professores, diretores, coordenadores pedagógicos, e outros colegas de profissão.

Escrever cartas, além de um gênero precioso, que mobiliza a construção das narrativas com todos os seus elementos textuais, evoca o sujeito, sua subjetividade, suas singularidades, percepções, pontos de vista e formas de ver e compreender o mundo. As cartas mobilizam os sujeitos a dialogarem sobre suas percepções, suas crenças, sobretudo, quando as provocações de seus interlocutores se revelem, efetiva e respeitosamente, mobilizadoras de movimentos de consciência sobre o pensar pedagógico.

Tenho me servido das cartas, não somente como estratégia formativa, transcendendo seu uso para a constituição de caminhos identitários, nos quais os destinatários possam pensar a sua trajetória profissional, lançar-se à escrita de si, às atividades de biografização, como forma de compreender, justificar suas escolhas, suas crenças, seus modos de ver e pensar a educação.

Resgatar memórias, experiências, dialogar sobre elas com interlocutores reais é sempre tão importante e, infelizmente, tão pouco explorado no dia a dia escolar!

Assim, quando vejo um trabalho como o seu, meu coração se alegra, por descobrir um movimento de resistência que tende a ressignificar o precioso papel social das cartas – legitimar os múltiplos saberes que se encontram em todos nós, dar vazão aos sentimentos que em muitas circunstâncias são silenciados, instigar o pensar e provocar sempre no outro uma busca pela escrita de si.

Por fim, escrever cartas na educação é uma potente maneira de não nos esquecermos do nosso compromisso social como educadores instituidores de uma cultura escrita e de uma competência leitora em nossos alunos e em nossos professores. Desse modo poderemos contribuir para a formação de um intelectual orgânico, capaz de sensibilizar-se, emocionar-se com o outro, acreditando que, nesse movimento dialógico, todos aprendem em comunhão.

Beijos, com carinho e saudades

"Todo remetente escreve a um destinatário,
assim funciona o esquema básico da comunicação".

Gustavo Zeitel

No poema "Cartas" de Carlos Drummond de Andrade analisado pelo jornalista Gustavo Zeitel, que nos diz "o tempo não dura mais ou menos do que a marcação do relógio". Portanto é como carta com remetente, destinatário e história descrita em seu corpo de conteúdos comunicativos, no qual vejo nesse instrumento do passado ao tempo recente a possibilidade de uma série de reflexões e contribuições à educação. Tudo ao seu tempo com processos, ações e reflexões contínuas.

Assim podemos ser levados aos sentidos e significados dados pela relação remetentes (educadores) e destinatários (educandos) aos conteúdos desenvolvidos ao longo das etapas de ensino-aprendizagens desenvolvidas a cada tempo. Como uma carta que muitas vezes ludicamente constrói uma relação plural de memórias, afetos, histórias, informações e saberes; este veículo de comunicação ainda nos traz muitas contribuições no tocante de dar vozes às palavras escritas para proporcionar a educação histórias de aprendizagens que possam transformar e construir futuros mais sólidos.

Grato pelo exercício reflexivo, constante e plural que uma carta produz em nossas memórias e ações e tão necessárias nos dias atuais.

Batistini, 1º de março de 2022

Alexandra, saudações fraternais!

Acredito que as cartas na educação, se verdadeiras em sua comunicação, possibilitam a reflexão na escuta serena aos tempos das palavras pensadas, ponderadas, com o distanciamento e aproximação ao vivido, desejado e projetado.

Entendendo assim ser uma ampliação das formas de comunicação, a cumplicidade do diálogo respeitoso, a evocação de memórias, o enredo da escrita da história em tempo presente, sentidos em sementes, cheiros, desenhos numa folha de papel, imagens impressas sobre folhas da natureza, expressando rizomas nos múltiplos encontros das diferentes linhas que se entrecruzam, dialogam numa boniteza, quietude, pensar, numa possível abertura de outros novos caminhos em liberdade, paz e mais amor.

Uma carta escrita, é a possibilidade de dizer o não dito, talvez pela ausência, distância, isolamento, esquecimento e a vontade de permanecer vivo, presente, pulsando e potencializando outros pensamentos, uma fagulha de transformação.

Saúde e Paz!

10 de março de 2022

Querida Alexandra

Muito obrigada pelo seu convite para participar da pesquisa de projeto de mestrado, fiquei muito feliz por sua investida mulher carismática, forte, corajosa, amorosa e sempre na busca da atualização para a vida e trabalho. Te admiro muito! Minha pequena contribuição! Penso que a elaboração de cartas principalmente na educação provoca de imediato a revisão das escolhas de um professor de educação básica, pois sua concepção de mundo com tantas propostas informatizadas que foram invadindo o mundo principalmente das crianças nesse tempo de agilidades não deixando em paz de reflexão muitas vezes e aos que querem estar muito rápidos em suas atualidades. Porém o tempo é algo importantíssimo na decisão da vida escolar e ter essa como uma das escolhas percebe-se uma esperança na qualidade do pensamento, suscitando sentimentos de alegria, espera, intencionalidade, leitura, escrita, interpretação, criatividade e desejo de aprendizagem numa troca construtiva. E vejo muitos benefícios ao sentirem-se desafiados; ler e escrever é uma linguagem básica do nosso país enquanto expressão de comunicação seja do sujeito desde criança consigo mesma, com o outro, ou outros mesmos ou ainda como pesquisa ou ainda como registro do percurso seja individual ou também coletivo, dentre outras diversas possibilidades. Sendo a criança ou a turma desafiada certamente vai prosseguir com a proposta de sua professora, até que chegue a sua independência de leitura e escrita em seu ato político como sujeito de sua elaboração.

Abraços

Alexandra,

Este gênero literário parece estar esquecido, precisando ser resgatado.

Trata-se de uma forma de comunicação que incentiva o diálogo e a reflexão, cria-se laços afetivos podendo colocar em prática aprendizagens vindas das crônicas, romances, gêneros diversos e também de suas próprias histórias de vida.

É mais uma forma de incentivar a experiência leitora afim de que estudantes desfrutem de ambientes alfabetizadores e possam ir traçando relações cada vez mais afetuosas com a leitura literária.

"Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos."

Paulo Freire

As cartas poderiam oportunizar na educação momentos, ensejos e movimentos de interação entre os seres humanos provocando um diálogo pedagógico, por meio do qual os conhecimentos científicos se desvelariam numa prática de linguagem com sentido e significado entre os correspondentes. Outrossim, provocaria trocas de impressões pessoais permeadas por diferentes visões de mundo, experiências, conhecimentos e sentimentos, estabelecendo um ciclo de ampliação de diferentes saberes permeado por afetividade e respeito ao próximo, em forma de aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. A partir da comunicação e dos vínculos estabelecidos nesse processo, os correspondentes perceberiam a importância do cultivo de relações e do compromisso com o outro para a emancipação humana que, de fato, é o papel da educação.

Continuemos a acreditar e agir pela educação de todos e todas,

Manaus, 07 de junho de 2022.

Dom da Alexandre

Fico muito satisfeito de estar te escrevendo. Faz anos que não escrevo uma carta.

Gostaria de estar te enviando a primeira carta que recebi de você, mas, infelizmente as cartas que recebi antes de sair de Rio Grande, para ir ao Exato, ficaram na casa da minha mãe. Fui contá-la com ela, porém, ela me disse que foram perdidas durante uma mudança de residência que ela fez. Fiquei triste, pois as guardava com o maior carinho.

Estou te enviando três cartas originais e todas que tenho por via digital (e-mail).

Para mim, as cartas foram muito importantes. Na correspondência "falamos" muitas coisas que não teríamos coragem de falar pessoalmente. O correspondente se torna o amigo oculto e o confidante. Com ele, se reflete os sonhos mais profundos e compartilhamos os medos, frustrações, expectativas e alegrias. A correspondência é uma verdadeira psicoterapia, sendo que o terapeuta está à distância.

Hoje escrevo uma carta e, para mim, uma nostalgia. Por isso, traz uma doce lembrança de momentos agradáveis de troca de confidências, vivendo a unidade dos nossos

Tempos de abolerência

Eu me aposentei em fevereiro deste ano. Comprei uma casa e estou morando em Manaus. Durante toda a minha carreira, minha esposa me acompanhava, agora, acabada a carreira, estou acompanhando ela, pois, toda a família dela mora aqui.

Espero ter auxiliado em algo. Continue seu amigo de sempre. Estou à sua disposição.

Assinatura

[Assinatura]

São Caetano do Sul, 01 de abril de 2022.

Querida Alexandra,

Saudades...

Espero encontrá-la bem, juntamente com seus familiares...

Começo pedindo desculpas pela demora em responder à sua carta. O ano de 2022 tem trazido uma série de demandas e desafios que, por vezes, têm me tirado o "fôlego".

Receber sua carta e nela as tantas inspirações remeteu-me a muitas lembranças e, claro, à minha própria relação com as cartas.

Comecei a escrever cartas aos nove anos de idade, logo após o falecimento da minha mãe. Escrevia para ela... Sentia que, de alguma forma, ela as "lia"... Era o nosso canal de comunicação.

Esse diálogo, por meio das cartas, ajudou-me a suportar a dor e também a me conhecer melhor... Naquele momento descobri seu potencial, não apenas como um meio de comunicação, mas, sobretudo, como um diálogo comigo mesma, um instrumento de reflexão... sobre a vida.

As cartas têm este poder... de nos conduzir a nós mesmas. Por meio delas reflito sobre minhas dúvidas, alegrias, tristezas, dores, incertezas, afetos etc. Elas foram fundamentais quando da passagem do Elydio, meu marido, para um outro plano. Escrevia cartas para ele... Ele também gostava de cartas... escrevemos muitas cartas de amor, algumas esteticamente lindas...

As cartas, portanto, fazem parte de mim... e sendo assim, não poderia deixar de utilizá-las também na educação..., nos trabalhos formativos que realizo, seja na formação inicial de educadoras e educadores seja na formação continuada... na graduação e na pós-graduação...

Sua potência comunicativa as torna capazes de "tocar" outras sensibilidades, de possibilitar a reflexão sobre a práxis pedagógica por

meio de outras vias que não somente a racionalidade técnica..., talvez, justamente, por sua linguagem simples, sem ser simplista, ágil e fluída...Elas possibilitam a “entrega” ao diálogo com o(a) outro(a), a abertura ao(à) outro(a).

Com isso, não estou dizendo que não haja rigor no uso das cartas na educação, ele existe e é necessário, mas de alguma forma terminamos nos “perdendo” na escrita das cartas..., um “perder-se”, a meu ver, fundamental.

Leveza e rigurosidade não são antônimas, mas partes de um mesmo processo de escrita reflexiva... Nele há fruição... É um bailar de palavras, pensamentos, sentimentos, memórias...Uma dança... Uma dança em que convidamos nosso(a) interlocutor(a) a bailar conosco, em um diálogo que entrelaça nossas experiências, saberes, não saberes, afetos...

Paulo Freire sabia disso, e não por mero acaso escolheu esse gênero textual para também dialogar amorosamente com as educadoras e educadores... um diálogo, como se observa em seus textos, marcado pela reflexão rigorosa sobre a educação e a vida.

Hoje, atuando no Mestrado em Educação, faço uso das cartas em minhas aulas e também como procedimento metodológico em algumas pesquisas que oriento. Observo seu potencial narrativo no levantamento de dados, em que os(as) participantes sentem-se convidados(as) à dança... Nas palavras de Agleide, professora e minha ex-orientanda, as cartas permitem uma “escrita autoral, subjetiva, que historiciza um percurso narrando de sua própria experiência, em um diálogo com seus saberes e não-saberes” (VICENTE, 2021, p. 107)¹.

Walter Benjamin (1994)² escreveu que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, que não está interessada em transmitir

¹ VICENTE, Agleide de Jesus. “Queremos um lugar para brincar em dia de chuva”: A participação política das crianças na autoavaliação institucional da creche. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Paulo, 2021.

² BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936). In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221. (Obras Escolhidas; v. 1)

apenas a informação, mas sim de mergulhar aquilo que se comunica na vida do(a) narrador(a) de modo a imprimir na narrativa a marca do(a) narrador(a). Penso que assim devem ser as cartas na educação... impregnadas da vida das educadoras e educadores e não uma mera descrição do seu fazer pedagógico.

Querida Alexandra, já me alonguei por demais..., mas gostaria de terminar esta carta com o poema do querido Carlos Drummond de Andrade intitulado "Carta"³:

Bem quisera escrevê-la
com palavras sabidas,
as mesmas, triviais,
embora estremecessem
a um toque de paixão.
Perfurando os obscuros
canais de argila e sombra,
ela iria contando
que vou bem, e amo sempre
e amo cada vez mais
a essa minha maneira
torcida e reticente,
e espero uma resposta,
mas que não tarde; e peço
um objeto minúsculo
só para dar prazer
a quem pode ofertá-lo;
diria ela do tempo
que faz do nosso lado;
as chuvas já secaram,
as crianças estudam,
uma última invenção
(inda não é perfeita)

³ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 26ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991, p. 74-6.

faz ler nos corações,
mas todos esperamos
rever-nos bem depressa.
Muito depressa, não.
Vai-se tornando o tempo
estranhamente longo
à medida que encurta.
O que ontem disparava,
desbordado alazão,
hoje se paralisa
em esfinge de mármore
e até o sono, o sono
que era grato e era absurdo
é um dormir acordado
numa planície grave.
Rápido é o sonho, apenas,
que se vai, de mandar
notícias amorosas
quando não há amor
a dar ou receber;
quando só há lembrança,
ainda menos, pó,
menos ainda, nada
nada de nada em tudo,
em mim mais do que em tudo,
e não vale acordar
quem acaso repouse
na colina sem árvores.
Contudo, esta é uma carta.

Beijo enorme em seu coração!!!

ANEXO D – Convites e imagens do trabalho com cartas

“Talvez o espírito ligeiro das cartas me tenha conduzido ao uso de uma linguagem simples, acessível e pessoal.”

Paulo Freire

Há cartas que nos aproximam, celebram, trazem em si sentimentos, memórias, desejos...Remetente e destinatário se encontram, trazem em si uma cumplicidade, no qual a palavra e o diálogo se tornam significativos para a reflexão em diferentes contextos. No seu olhar, que contribuições as cartas poderiam oportunizar na educação?

“Sou-te

Ês-me

E o negro da tinta. E o branco da página”

Marco Lucchesi

